1285

131/5 EHC

O Concelho de Guimarães

131/5 ENC

JOÃO MONTEIRO DE MEYRA

(ANTIGO EXTERNO DO HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTONIO)

N.º 3

O CONCELHO DE GUIMARÃES

(ESTUDO DE DEMOGRAPHIA E NOSOGRAPHIA)

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

Escola Medico-Cirurgica do Porto

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.

Os Lvsiadas, de *Luis de Camões*, fl. 41 v.

131/5 EMC

PORTO
TYPOGRAPHIA A VAPOR DA EMPREZA GUEDES
244, RUA FORMOSA, 248
—
1907

Escola Medico-Cirurgica do Porto

DIRECTOR

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO INTERINO

CARLOS ALBERTO DE LIMA

CORPO CATHEDRATICO

Lentes cathedraticos

1.ª Cadeira—Anatomia descriptiva geral	Luiz de Freitas Viegas.
2.ª Cadeira—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3.ª Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica . . .	Illidio Ayres Pereira do Valle.
4.ª Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Vaga.
5.ª Cadeira—Medicina operatoria . . .	Clemente Joaquim dos Santos Pinto.
6.ª Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recemnascidos .	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
7.ª Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna	José Dias d'Almeida Junior.
8.ª Cadeira—Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9.ª Cadeira—Clinica cirurgica	Roberto Bellarmino do Rosario Frias.
10.ª Cadeira—Anatomia pathologica . .	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11.ª Cadeira—Medicina legal	Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos.
12.ª Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica	Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
13.ª Cadeira—Hygiene	João Lopes da Silva Martins Junior.
14.ª Cadeira—Histologia e physiologia geral	José Alfredo Mendes de Magalhães.
15.ª Cadeira—Anatomia topographica .	Carlos Alberto de Lima. Antonio Joaquim de Sousa Junior.

Lentes jubilados

Secção medica	José d'Andrade Gramaxo.
Secção cirurgica	Pedro Augusto Dias. Dr. Agostinho Antonio do Souto. Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

Lentes substitutos

Secção medica	Thiago Augusto d'Almeida. Joaquim Alberto Pires de Lima.
Secção cirurgica	Vaga. Vaga.

Lente demonstrador

Secção cirurgica	Vaga.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola*, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

Ao meu illustre presidente de these

ILL.mo E EX.mo SR.

DR. CARLOS ALBERTO DE LIMA

Á MEU PAE

MEU MELHOR MESTRE E MEU MAIOR AMIGO

Quem atravessou em abril o nosso verde Minho, deve ter visto, nos campos que ainda esperam a sementeira do milho, as campanulas rôxas da borragem riscar, entre o loiro ondular dos malmequeres silvestres, um rasto de sangrenta desolação.

Este traço de sangue livido, entre a refulgencia festiva do oiro vegetal (mais refulgente e mais festivo do que o vaidoso oiro metallico, trabalhado por vaidosas mãos humanas), é um symbolo que resume todo o Minho.

Assim o comprehendi num daquelles dias tranquillos em que ambos procediamos ao recenseamento dos pellagrosos.

Em abril, nas primeiras horas da manhã, quando o sol, ainda obliquo, dá maior relêvo á paisagem, a natureza tem instantes de uma communicativa alacridade.

Não se póde atravessar com olhos encantados aquella symphonia de verde, onde todas as notas teem representação — o verde grisalho das oliveiras, o verde claro das relvas, o verde escuro dos silvados, o quasi negro verde dos pinheiros, — para contemplar com o mesmo olhar, ainda agora cheio de luz e de côr, esses tristes destroços humanos que a pellagra assim esfarrapou, sem soffrer a commoção de um arripiante contraste.

Em meio da natureza festiva, estes homens lividos, estas lividas mulheres, são a triste flôr da borragem entre a alegre ondulação dos malmequeres.

O verde Minho, o nosso Minho, é como aquella mulher de quem conta Bernardes, na *Floresta* (creio que é o bom Bernardes na sua ingenua *Floresta)*, que foi tentar um ermita em seu retiro.

Esbelta mulher era ella, com o rosto coberto por um véo; mas tão esbelta e tão donairosa, que só de contemplar-lhe a flexuosa elegancia, só de aspirar a rescendencia do seu perfume, o bom santo se tentou.

E quando o bom santo, já perdido, já peccador, lhe estendia os braços frementes, a esbelta mulher, com um gesto de serena elegancia, ergue tranquillamente o espesso véo e deixa vêr dois olhos como duas gemmas d'ovo rolando numa chaga asquerosa que lhe tomava todo o rosto. Ante esta dolorosa apparição, logo o bom ermita fugiu horripilado, arrependido, já de novo santo, e para sempre curado da sua paixão.

Ora naquelles dias em que arrolamos os pellagrosos ás dezenas, o verde Minho, o nosso Minho encantador, ergueu ante nós, como a mulher de Bernardes, o véo que lhe escondia a ulcera repellente. Mas eu, longe de fugir como o assustado ermita, se até ahi o amava, fiquei-lhe depois querendo com um amor mais doce, mais extremoso, com aquelle doce e extremoso amor que se sente por uma velha mãe cheia de achaques.

Imaginei então este livro. Sahiu-me bem differente do que o sonhára. Mas, assim mesmo como vae, o fiz do meu affecto pela terra onde nasci, onde espero viver, onde desejarei morrer, para ir perpetuamente dormir junto da modesta ermida, tão pequena e tamanha em nosso amor, tão querida já dos avós, na sepultura humilde que o vidoeiro ensombra pela tarde.

Offereço-lho na hora em que abandóno a forte mão que me amparava, para seguir sósinho o fadigoso trilho da vida; offereço-lho depondo nessa bondosa mão protectora um beijo de enternecido reconhecimento.

Possa o meu livro, na tosca simplicidade da sua escripta e na aborrecida aridez dos seus numeros, significar-lhe que a minha unica, mas tão desmesurada ambição, é que um dia, em ter este filho, sinta uma diminuta parcella daquelle orgulho, mais do que nenhum legitimo, que eu sempre tive em chamar-lhe pae.

PROEMIO

Este livro resente-se grandemente das condições em que foi escripto.

E' uma obra de pressa.

O auctor planeára trabalho bem differente do que vae lêr-se, mas contou sem a necessidade de o concluir com rapidez. Seis mezes era curto praso para trabalho tal como estava delineado, e o auctor não pôde dispôr de mais.

Assim mesmo, apenas esboçado, representa esforço maior do que talvez se imagine, mas de que o auctor se não queixa.

Basta-lhe a consolação de caboucar nos alicerces de uma obra futura, sobre os quaes outros mais felizes, e sem duvida mais competentes, erguerão depois o edificio glorioso.

O capitulo HISTORIA, por exemplo, é absolutamente original, e o auctor só lamenta que tudo — a estreiteza do tempo e do espaço, — se conjugasse para não deixar dar-lhe maior amplitude.

E' aproveitando monographias escriptas com a despretenciosa sinceridade desta, que poderá recompôr-se um dia a historia de Portugal, não a esteril e sêcca enumeração dos seus reis, mas a chronica do povo anonymo, até hoje quasi esquecido dos historiadores e, o que é peor, bastas vezes calumniado.

●

E' justo que este livro abra por um protesto de gratidão e pela sincera confissão do que deve a algumas pessoas de quem o auctor solicitou auxilio.

O capitulo CLIMATOLOGIA é baseado em dados que o rev. P.e Kempf, do Collegio do Espirito Santo, de Braga, forneceu ao auctor por intermedio do illustre professor do Lyceu, conego dr. Manoel Moreira Junior.

O capitulo HISTORIA pôde escrever-se graças á obsequiosa amisade do rev. abbade de Tagilde e João Lopes de Faria, que forneceram em grande parte o material historico inédito em que elle é baseado: um pondo á disposição do auctor as cópias da Torre do Tombo, que collige para os *Annaes do Municipio de Guimarães,* e os extractos que tem feito das actas e mais livros camararios; outro facultando-lhe a consulta dos volumes onde tem laboriosamente seleccionado e copilado os mais importantes documentos do Archivo da Collegiada vimaranense.

Ao bom amigo sr. dr. Avelino Germano deve o auctor o confiar-lhe um precioso manuscripto coevo do prior do Crato, contendo especies ignoradas sobre esta curiosa epocha da nossa historia.

No capitulo POPULAÇÃO, a *natalidade* e a *nupcialidade* e, no capitulo NOSOGRAPHIA, a *mortalidade* do ultimo decennio, no concelho de Guimarães, forneceram-na os parochos das respectivas freguezias, a pedido do digno administrador do concelho sr. visconde de Sendello.

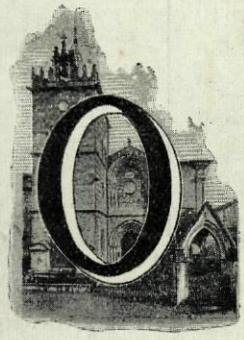
O *Inquerito sobre a pellagra,* realisado em 1904 e 1905, teve efficazes auxiliares nos srs. João Lopes Cardoso, Eduardo de Moura e Castro e José Joaquim Ferreira Monteiro, que nas Caldas das Taipas e em Ronfe forneceram abundante material de observação — em tal quantidade que num só dia foi possivel mostrar a um illustre lente da Escola Medica, que pelo assumpto então se interessava, mais de um cento de pellagrosos.

O que o auctor deve, em todos os capitulos, ao esclarecido conselho e ao auxilio de seu pae, é impossivel especificar.

Que todos vejam nestas palavras o sincero e reconhecido agradecimento de quem sabe dever-lhes muito, e não o nega.

VISTA GERAL DE GUIMARÃES

O concelho de Guimarães



Igreja da Oliveira (Guimarães)

O CONCELHO de Guimarães acha-se situado a 41° 34' de latitude norte e a 9° 34' de longitude oeste pelo meridiano de Paris.

Occupa proximamente o centro da antiga provincia d'Entre Douro e Minho, formando com os concelhos de Fafe e Famalicão o extremo sul do districto de Braga.

Áparte um pequeno prolongamento no angulo nordeste, tem a fórma de um quadrilatero com os lados sensivelmente orientados nas direcções norte-sul e leste-oeste.

Confronta a norte, ou mais propriamente a noroeste, com Braga e um pouco com a Povoa de Lanhoso, a poente com Famalicão, a sul com Felgueiras e Santo Thyrso, a nascente com Fafe. A saliencia nordeste, formada pelas freguezias de Arosa e Castellões, encrava-se entre a Povoa de Lanhoso a poente, e Fafe a nascente.

O concelho de Guimarães abrange uma área de 25.710 hectares, o que o colloca, pelo que respeita a extensão, em terceiro logar entre os concelhos do districto.

Sulcam o concelho, de nordeste a sudoeste, tres rios que lhe formam tres valles principaes.

O maior é o Ave a norte, de que os outros, o Selho e o Vizella, são affluentes que nelle vão desaguar já fóra do concelho.

QUADRO I

Concelhos do districto de Braga e sua área

CONCELHOS	Superficie em hectares
Barcellos	37.250
Terras de Bouro	27.280
Guimarães	25.710
Cabeceiras de Basto	24.110
Villa Verde	22.500
Fafe	22.370
Vieira	22.080
Villa Nova de Famalicão	20.390
Braga	18.320
Celorico de Basto	17.640
Povoa de Lanhoso	13.280
Esposende	9.820
Amares	8.550
Districto	269.300

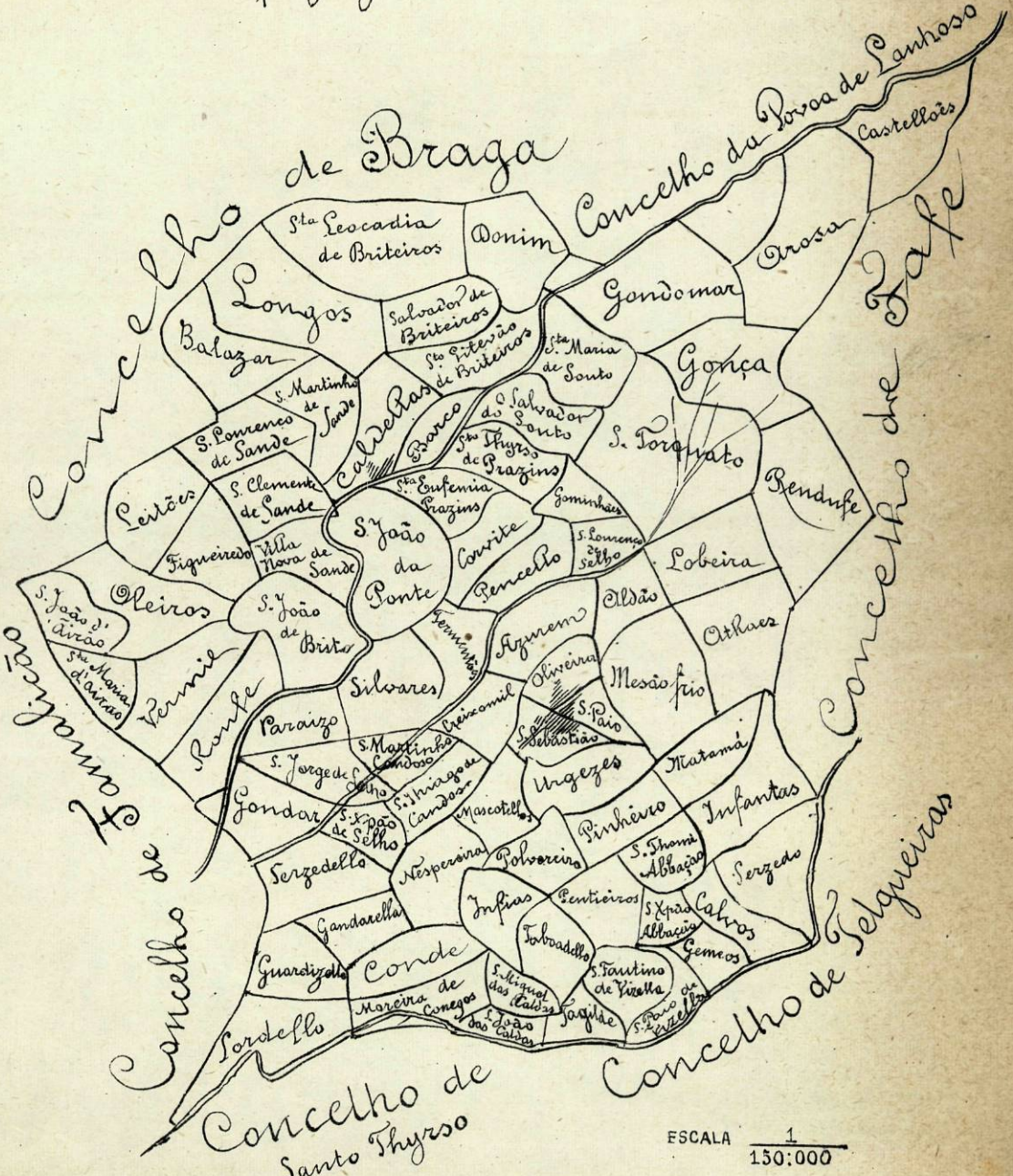
Separando o valle do Ave do valle do Este, que corre em terras de Braga, vem da Povoa de Lanhoso formar um crescente na parte noroeste do concelho uma cadeia de montes cuja altitude maxima não chega a 550 metros.

Separando o Selho do Ave, estende-se outro macisso montanhoso desde a freguezia de Gonça á de Gondar tendo por pontos culminantes S. Simão com 523^{m}, Bandeira de Souto com 480^{m} e Sanct'Iago com 393^{m}.

Entre o Vizella e o Selho conta-se uma distancia talvez superior ao dobro da que existe entre o Ave e o Selho.

A parte montanhosa é aqui mais importante pela extensão e pela al-

Concelho de Guimarães e suas freguezias



titude, indo desde a Santa Marinha em Rendufe que mede 600m, até ao Monte de S. Bento nas margens do Vizella que não ultrapassa 471m.

A maxima elevação ahi, e em todo o concelho, é a Penha, a sudeste da cidade, com 617m acima do nivel do mar.

Estas cordas de montanhas são, como póde verificar-se em face de uma carta, as ramificações quasi terminaes do macisso montanhoso que attinge o seu maximo (1580m) no Larouco a norte de Montalegre e vem d'ahi pelas Alturas de Barroso, obliquando sempre no sentido nordeste-sudoeste, atravez dos concelhos de Basto, Fafe, Vieira e Lanhoso, invadir Guimarães.

O concelho, cujo relêvo orographico pormenorisamos, acha-se dividido em 80 freguezias que se distribuem da seguinte maneira:

Valle do Ave. Á direita, marginando o rio, de nordeste para sudoeste: S. Estevão de Briteiros, S. Claudio do Barco, S. Clemente de Sande, Villa Nova de Sande, S. João de Brito, S. Thiago de Ronfe.

Para além, de nordeste a sudoeste: O Salvador de Briteiros, S. Martinho e S. Lourenço de Sande, S. Paio de Figueiredo, S. Vicente de Oleiros, S. Mamede de Vermil, S. João e Santa Maria d'Airão.

Subindo já os montes e extremando com Braga, na mesma ordem: O Salvador de Donim, Santa Leocadia de Briteiros, Santa Christina de Longos, o Salvador de Balazar, S. Lourenço de Sande, S. Martinho de Leitões.

Á esquerda, marginando o rio, de nordeste a sudoeste: S. João de Castellões, Santa Marinha da Arosa, S. Martinho de Gondomar, Santa Maria e o Salvador de Souto, Santo Thyrso e Santa Eufemia de Prazins, Santa Maria de Corvite, S. João de Ponte, Santa Maria de Silvares, S. Miguel do Paraiso, S. João de Gondar.

Valle do Selho. Á direita, de nordeste a sudoeste: S. Miguel de Gonça, S. Torquato, S. Pedro de Gominhães, S. Lourenço de Selho, S. João de Pencello, Santa Eulalia de Fermentões, S. Jorge de Selho.

Á esquerda, marginando o rio: S. Romão de Rendufe, S. Cosme de Lobeira, S. Mamede d'Aldão, S. Pedro d'Azurem, S. Miguel de Creixomil, S. Christovão de Selho e Santa Christina de Serzedello.

A freguezia de S. Martinho de Candoso é atravessada a meio pelo rio.

Á esquerda destas, sempre de nordeste a sudoeste: Santa Maria d'Athães, S. Romão de Mesão-frio, Santa Marinha da Costa, a Cidade (com as suas quatro freguezias urbanas: Nossa Senhora da Oliveira, S. Miguel de Castello, S. Paio e S. Sebastião), S. Estevão d'Urgezes, S. Vicente de Mascotellos e S. Martinho de Candoso.

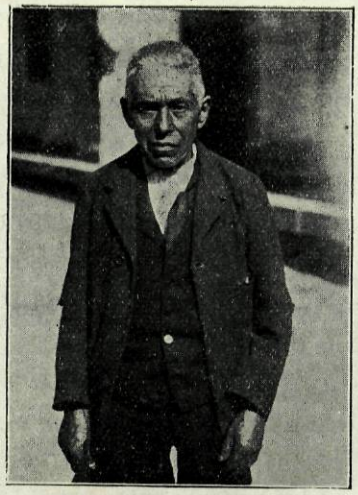
Valle do Vizella. Á direita, marginando o rio no mesmo sentido: S.

Miguel de Serzedo, S. Lourenço de Calvos, Santa Maria dos Gemeos, S. Paio e S. Faustino de Vizella, o Salvador de Tagilde, S. João das Caldas, S. Paio de Moreira de Conegos e S. Thiago de Lordello.

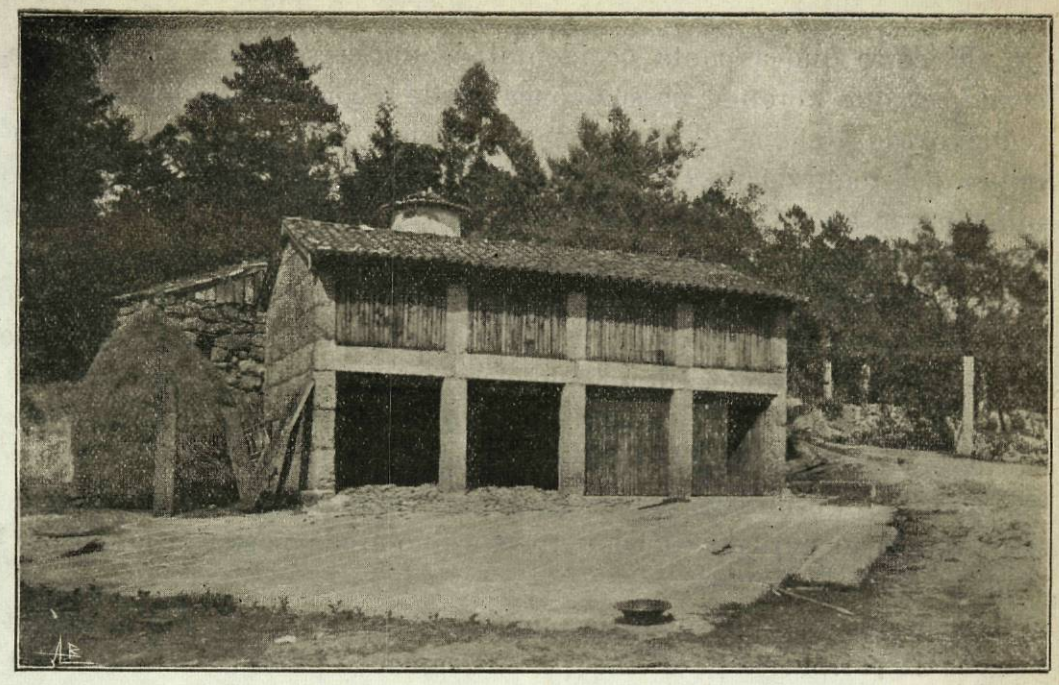
A norte destas: Santa Maria das Infantas, S. Thomé e S. Christovão da Abbação, Santa Eulalia de Pentieiros, S. Cypriano de Taboadello, Santa Maria de Infias e S. Martinho de Conde.

Ainda a norte destas, confinando com as freguezias da esquerda do Selho: Santa Maria de Matamá, o Salvador de Pinheiro, S. Pedro de Polvoreira, Santa Eulalia de Nespereira, o Salvador da Gandarella e Santa Maria de Guardizella.

A superficie e o povoamento destas freguezias são muito variaveis. As áreas não estão infelizmente calculadas; da população occupar-nos-hemos em capitulo proprio.

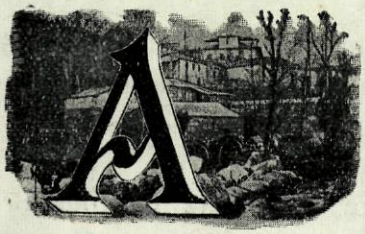


Um pellagroso (Ronfe)



ALPENDRE-ESPIGUEIRO (Gominhães)

Geologia



Azenhas (Vizella)

A PROVINCIA d'Entre Douro e Minho (preferimos esta velha divisão territorial que tem uma solida base geographica) assenta, como a maior extensão das duas Beiras, em terrenos de estructura granitica.

Apenas duas fachas de *schistos precambricos,* uma maior de Valença e Caminha até Braga, passando em Ponte do Lima e Villa Verde, outra menor de Villa do Conde a S. Mamede de Infesta; apenas dois tractos de *silurico superior,* um de Esposende a Vallongo, outro de Vianna a Barcellos; apenas uma mancha de *silurico inferior* a sul de Vallongo e tractos de *cenosoico pliocenio* na margem sul do Minho, de Monção a Cerveira, na margem sul do Lima, de Ponte do Lima a Vianna, e no littoral maritimo, da foz do Cavado a Nabaes.

Pelo que toca ao concelho de Guimarães a estructura do solo é uniformemente granitica.

E' certo que a ponta occidental de um crescente de *schistos precambricos* que abrange na sua concavidade o concelho de Fafe e se extende desde Refoios de Basto, por Freixieiro e Margaride, vem terminar na freguezia de Santa Maria de Matamá, invadindo o concelho numa extensão desprezavel por minima (1).

São duas as especies de granito que apparecem em Guimarães. O granito porphyroide, com mica negra, quartzo cinzento-translucido e dois feldspathos, o mais vulgar em toda a região minhota; um outro granito de grão miudo, empregado com o nome de *pedra fina* nas construcções de luxo, o qual apparecendo em varios pontos é mais vulgar a norte do concelho, entre S. Torquato e a Povoa de Lanhoso (2).

O granito primitivo parece não existir na região, pois o porphyroide é posterior ao periodo carbonifero, e o fino ainda posterior ao porphyroide.

O granito porphyroide decompõe-se facilmente. A alteração effectua-se da peripheria para o centro. As camadas internas mais resistentes, ou ficam completamente envolvidas na rocha decomposta ou sobresahem á superficie formando grandes penedos arredondados, já inteiramente a descoberto, já parcialmente enterrados.

O solo, que é formado pela decomposição do granito, tem de cima para baixo a seguinte constituição: *a)* detrictos e saibro remechido pelas aguas, *b)* saibro (granito completamente decomposto), *c)* salão (granito parcialmente decomposto), *d)* granito compacto formando um leito de rochas (3).

Embora pobres em principios calcareos, como todos os terrenos graniticos, as terras do concelho de Guimarães não o são, todavia, de tal fórma que não permittam, sem a correcção de adubos especiaes, a cultura de plantas exigentes destas substancias.

A exiguidade dos principios mineraes tem um efficaz modificador na abundancia da agua.

Esta brota de multiplas nascentes, como sempre acontece em terrenos d'esta natureza, e corre nas estações chuvosas em enorme quantidade. Mas, em razão mesmo da multiplicidade das fontes, não resiste ás

---

(1) Nery Delgado e Paul Choffat. *Carta Geologica de Portugal.*—Paul Choffat. *Relatorio hidro-geologico sobre o abastecimento d'agua da cidade de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. XXI, pag. 140.

(2) Alberto Sampaio. *Estudos d'economia rural do Minho*, in «Revista de Guimarães», vol. II, pag. 204 e 205.

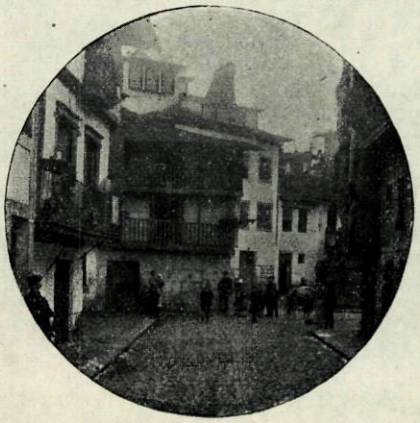
(3) Paul Choffat. L. cit., pag. 139.

grandes estiagens. E estas são quasi a regra. Como veremos no estudo climatologico do concelho, se a quantidade annual da chuva é abundante, excedendo em média 1^{m},28, a sua distribuição é muito irregular, cabendo 36 % da chuva á quadra invernosa e ao verão apenas a pequena percentagem média de 10 %. D'aqui resulta, como o notou já Alberto Sampaio (1), a vulgaridade das preces *ad petendam pluviam*, com que os lavradores do concelho de Guimarães e de toda a provincia pretendem corrigir os desmandos da natureza, quando a quantidade de chuva estival, em logar de 10 % da média, se fica, o que acontece, em 5 % e ainda menos.

Não seria difficil installar, nos accidentes de terreno que a isso mais se prestassem, barragens ou presas que, retendo a agua das chuvas, augmentassem as nascentes pela lenta infiltração ou acudissem ás terras seccas com regas em tempo apropriado.

Nada d'isto porém se tem feito nem vale a pena aconselhar que se faça. O regimen da propriedade no Minho, fragmentada em parcellas diminutas, a nenhuma união que existe entre os proprietarios, quasi sempre empenhados em se prejudicarem mutuamente, não permitte que se realisem obras que só poderiam levar-se a cabo por mutuo accordo e associação de todos os interessados.

E o Minho ficará ainda por muitos seculos a mesma terra ingrata que só se expande na exuberancia da sua vegetação, mercê d'esse poderoso elemento fertilisante, que é o suor d'aquelles que para ella se curvam numa lucta titanica e incessante.



Velha rua de Guimarães

(1) Alberto Sampaio. L. cit., pag. 215.

CASA DE LAVRADORES (Urgezes)

Climatologia

Jardim do Toural (Guimarães)

Em Guimarães não existe um observatorio que podésse fornecer os dados meteorologicos necessarios a este estudo. O lamentavel desleixo com que as coisas de saber são tratadas por toda a parte, não tem deixado vêr que em cidades, como a de Guimarães, onde existe uma Escóla Industrial com aula e gabinete de physica, era facil e pouco dispendioso annexar-lhe um observatorio em que se tomassem algumas rudimentares observações climatologicas.

Estas observações não tinham um mero interesse especulativo, pois d'ellas beneficiaria a saude publica e grandemente a agricultura.

Felizmente o que a iniciativa dos governos não tem realisado, vae-o supprindo aqui e além a curiosidade particular.

Os dados meteorologicos sobre que este capitulo é escripto, pertencem a um illustre professor do collegio do Espirito Santo de Braga,

o rev. J. Kempf, que ha muitos annos os vem colligindo com desvelada paciencia.

Dada a extrema visinhança das duas cidades de Braga e Guimarães e a analogia da sua situação geographica, e ainda a confinancia dos dois concelhos, trabalhamos com as observações de Braga, como se ellas fossem feitas em Guimarães. O erro que acaso possa haver deve ser insignificante.

Demais, o que faço fêl-o já o illustre geologo sr. Paul Choffat, que, vindo a Guimarães estudar as nascentes d'agua com que se projectava abastecer a cidade, recorreu ás observações do rev. J. Kempf para avaliar a quantidade de chuva annual que cahe no concelho. (1)

Temperatura. — A temperatura média annual do periodo decennal de 1896 a 1905 foi de 14°,8, precisamente a mesma que o prof. Ricardo Jorge (2) achou no Porto durante os dois decennios de 1874 a 1893.

A média annual maxima (16°,4 em 1899) differe apenas em 0°,1 da maxima (16°,5) obtida pelo mesmo professor em 1893.

A minima (14°,2) achada em 1902 e 1905 é exactamente a minima obtida em 1883 e 1885 pelo prof. Ricardo Jorge.

Durante o vintennio observado pelo prof. Ricardo Jorge, a temperatura de 14°,8, que foi a média final dos vinte annos, appareceu quatro vezes como média annual em 1882, 1886, 1888 e 1890. No decennio que nos occupa, e em Guimarães, a temperatura de 14°,8 foi média annual apenas em 1903.

O Graphico I permitte o exame mais rapido d'estas variações.

No Porto, no ultimo quinquennio, segundo numeros que encontramos na these de Leitão, (3) a média annual foi mais baixa do que a obtida nos dois decennios anteriores, pois não excedeu 14°.

Em Guimarães, tomando apenas esse mesmo periodo (1901 a 1905), tambem a média (14°,5) é mais baixa do que a dos dez annos (1896 a 1905) e apenas em meio grau superior á do Porto.

Oscillando a temperatura nestes limites, Guimarães e o seu concelho ficam, como o Porto, nas visinhanças da linha isothermica de 15° que «corta a peninsula iberica d'aqui a Perpinhão, endireita pelo sul

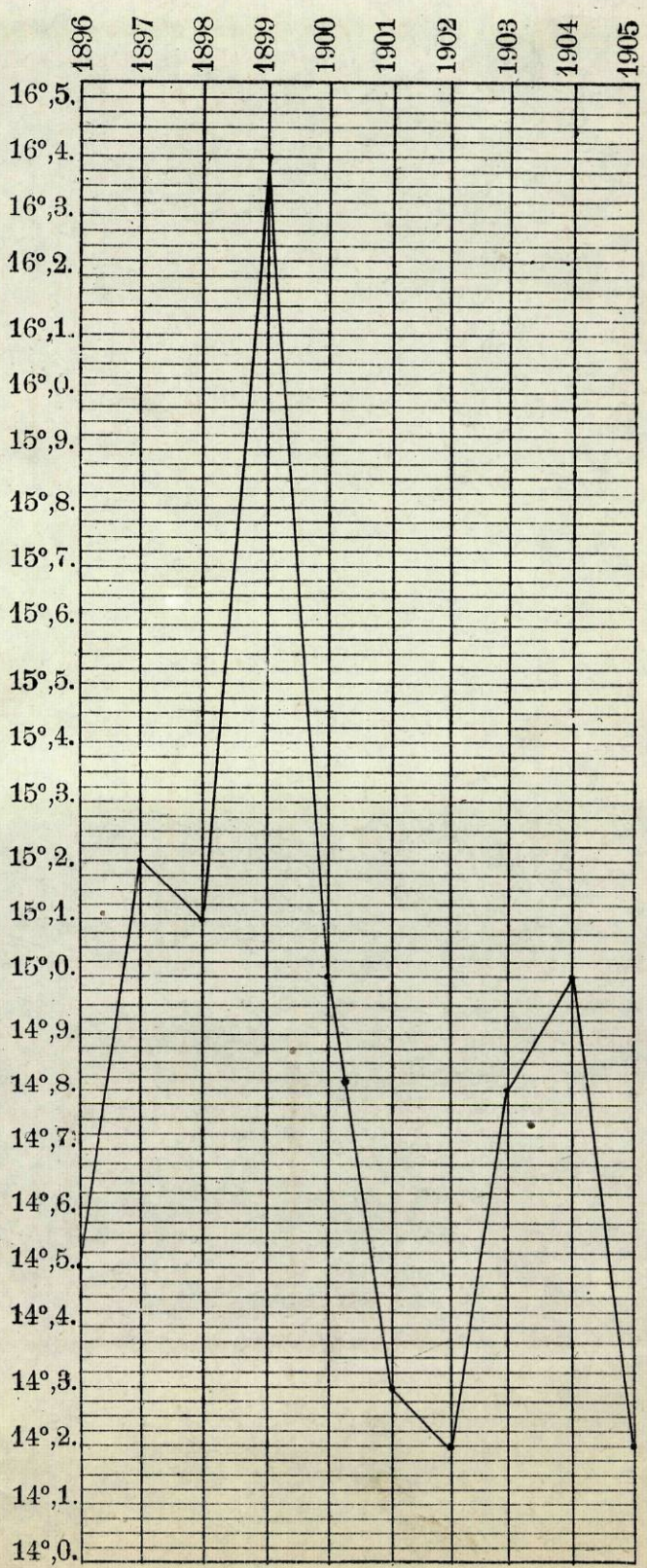
(1) Paul Choffat. L. cit., pag. 141.

(2) Ricardo Jorge. *Demographia e hygiene da cidade do Porto*, pag. 8.

(3) Antonio do Nascimento Leitão. *A bacia hydrographica d'Aveiro e a salubridade publica*, pag. 74.

GRAPHICO I

Temperatura média annual durante o decennio de 1896 a 1905



de França até Niza e Genova, desce na Italia até Florença e Roma, e sahe da Europa a norte de Constantinopla.» (1)

Durante o decennio de 1896 a 1905 a maxima diaria obtida em Guimarães foi de 40°,5 em 3 de julho de 1897, emquanto no decennio de 1884 a 1893 e no Porto, o prof. Ricardo Jorge só obteve a maxima de 39°,4 em dia não especificado de setembro de 1890.

No mesmo decennio considerado se observou em Guimarães uma temperatura minima de — 3° em 1 e 2 de fevereiro de 1902, emquanto a minima verificada pelo prof. Ricardo Jorge, de 1884 a 1893, não excedeu — 0°,8 em dias não especificados de dezembro de 1890 e fevereiro de 1889.

As maximas e minimas annuaes durante o decennio constam do Graphico II, onde se vêem comparadas com as maximas e minimas do periodo estudado pelo prof. Ricardo Jorge.

Cada mez tem a sua maxima, a sua minima e a sua média temperatural. N'um espaço de dez annos, tirando a média das maximas, minimas e médias que a cada mez couberam annualmente, obtem-se tres curvas que representam as maximas-médias, as médias-médias e as minimas-médias para cada mez, durante esse periodo.

Cada uma destas curvas póde acompanhar-se de duas outras representando: para as maximas a mais alta e a mais baixa maxima que cada mez obteve nos dez annos, para as minimas a mais alta e a mais baixa minima que cada mez obteve em egual periodo, para as médias a mais alta e a mais baixa média que cada mez obteve tambem durante os dez annos.

O Graphico III reune esses tres systemas de curvas e permitte apreciar de uma maneira geral a temperatura da região.

O traço que representa a média-média attinge o seu maximo em julho.

Não ha aqui, como o prof. Ricardo Jorge observou no Porto, um planalto estival. A curva, de 22°,5 seu ponto acuminal, desce rapidamente para os dois lados.

Das duas curvas que ladeam esta, a das maiores médias mensaes acompanha-a a pouca distancia, póde dizer-se que passo a passo, emquanto a das menores médias mensaes se differença em irmanar quasi as temperaturas de julho e agosto.

O grupo inferior figura as minimas mensaes. A linha cheia é a das

(1) Ricardo Jorge. L. cit., pag. 8.

minimas-médias, cuja marcha geral é sensivelmente egual á das médias-médias; apenas se nota que, nesta, agosto sobreleva julho em um grau.

A mesma analogia se encontra na linha das minimas-maiores; mas aqui outubro levanta-se e ultrapassa de um grau a temperatura de setembro.

Com as minimas-menores julho readquire a sua preeminencia, mas fevereiro fica inferior a janeiro, e maio a abril, o que não é a regra.

O grupo superior é o das maximas. A curva das maximas-médias acompanha a linha das médias-médias com muita regularidade, e o mesmo succede com o diagramma das maximas-menores. Pelo que toca á linha das maximas-maiores, acham-se-lhe duas irregularidades: abril é inferior 1°,5 a março, e agosto inferior 0°,5 a setembro.

O prof. Ricardo Jorge notára nas suas observações que abril era mais quente do que março, mas que na ascensão thermica de um a outro havia um degrau; isto é, a velocidade do crescimento temperatural afroixava.

Na nossa curva das maximas-maiores, nota-se nesta altura um descenso, mas as restantes curvas conservam-se indifferentes.

Da comparação destes numeros com os que o prof. Ricardo Jorge

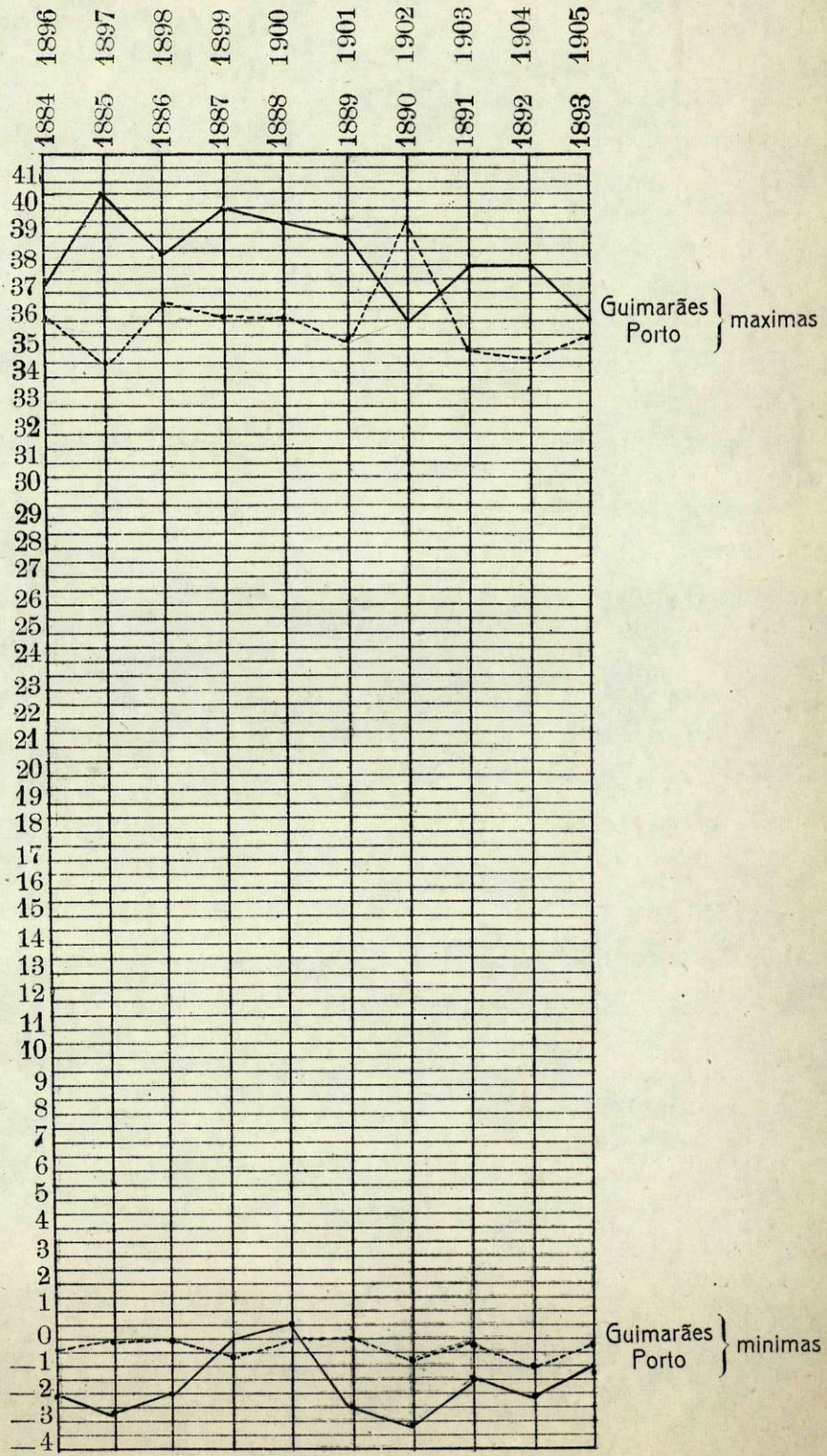
QUADRO II

Médias-médias mensaes dos decennios de 84 a 93 no Porto, de 96 a 905 em Guimarães

MEZES	Porto 1884 - 1893	Guimarães 1896 - 1905
Janeiro	9,3	8,5
Dezembro	9,8	9,1
Fevereiro	10,5	10,1
Março	12,2	11,2
Novembro	12,6	11,5
Abril	13,3	14,1
Média geral do decennio	15,0	14,8
Outubro	15,6	15,2
Maio	15,9	16,0
Junho	17,7	19,1
Setembro	19,8	19,1
Agosto	20,7	21,4
Julho	20,7	22,5

GRAPHICO II

Maximas e minimas annuaes absolutas no Porto (1884 a 1893) e em Guimarães (1896 a 1905)



achou no Porto, feita no Quadro II, resulta a impressão nitida de que a marcha geral da temperatura é a mesma. A seriação thermica dos mezes é exactamente egual, a média annual sensivelmente identica (14°,8 em Guimarães, 15° no Porto). Mas os frios são em Guimarães mais rigorosos, assim como são mais fortes os calores.

A razão deste facto impõe-se. E' a approximação da costa que com o mar, vasto e precioso regulador thermico, beneficia o clima do Porto, adoçando-lhe as asperezas do inverno e mitigando-lhe as ardencias do verão.

Ventos. — A simples inspecção do quadro abaixo mostra que, contrariamente ao que no Porto se tem observado, foram os ventos do quadrante norte que predominaram em Guimarães durante o decennio.

QUADRO III

Ventos predominantes no decennio de 1896 a 1905

QUADRANTE	Direcção	N.º de dias por direcção	N.º de dias por quadrante
N	N	428	1066
	NE	288	
	NW	350	
S	S	359	1022
	SE	314	
	SW	349	
W	W	310	1009
	NW	350	
	SW	349	
E	E	354	956
	NE	288	
	SE	314	

No Porto a predominancia do quadrante oeste é evidentemente devida ás brisas maritimas.

Esta predominancia é accentuadissima, como claramente se vê da *rosa anemoscopica* que o prof. Ricardo Jorge insere na já citada *Demographia e hygiene da cidade do Porto.* (1)

A rosa anemoscopica de Guimarães mostra ao contrario o predomi-

(1) Ricardo Jorge. L. cit., pag. 18.

nio dos ventos do quadrante norte, e que esse predominio não tem o caracter de exagero que se evidencía nos ventos W do Porto.

Esta predominancia do N não é fructo de uma accumulação irregular de numeros durante o decennio. Como o Quadro IV indica, o N foi o vento predominante em 6 annos, se bem que num destes egualado pelo NW.

O NW, além desse anno em que acompanhou o N, predominou em outro ao lado do S. N'outro anno ainda, pertenceu a culminancia ao NE. De modo que o quadrante norte apenas deixou de levar a dianteira nos dois annos de 1897 e 1905, em que respectivamente dominaram o W e o E.

QUADRO IV

Ventos dominantes cada anno durante o decennio de 1896 a 1905

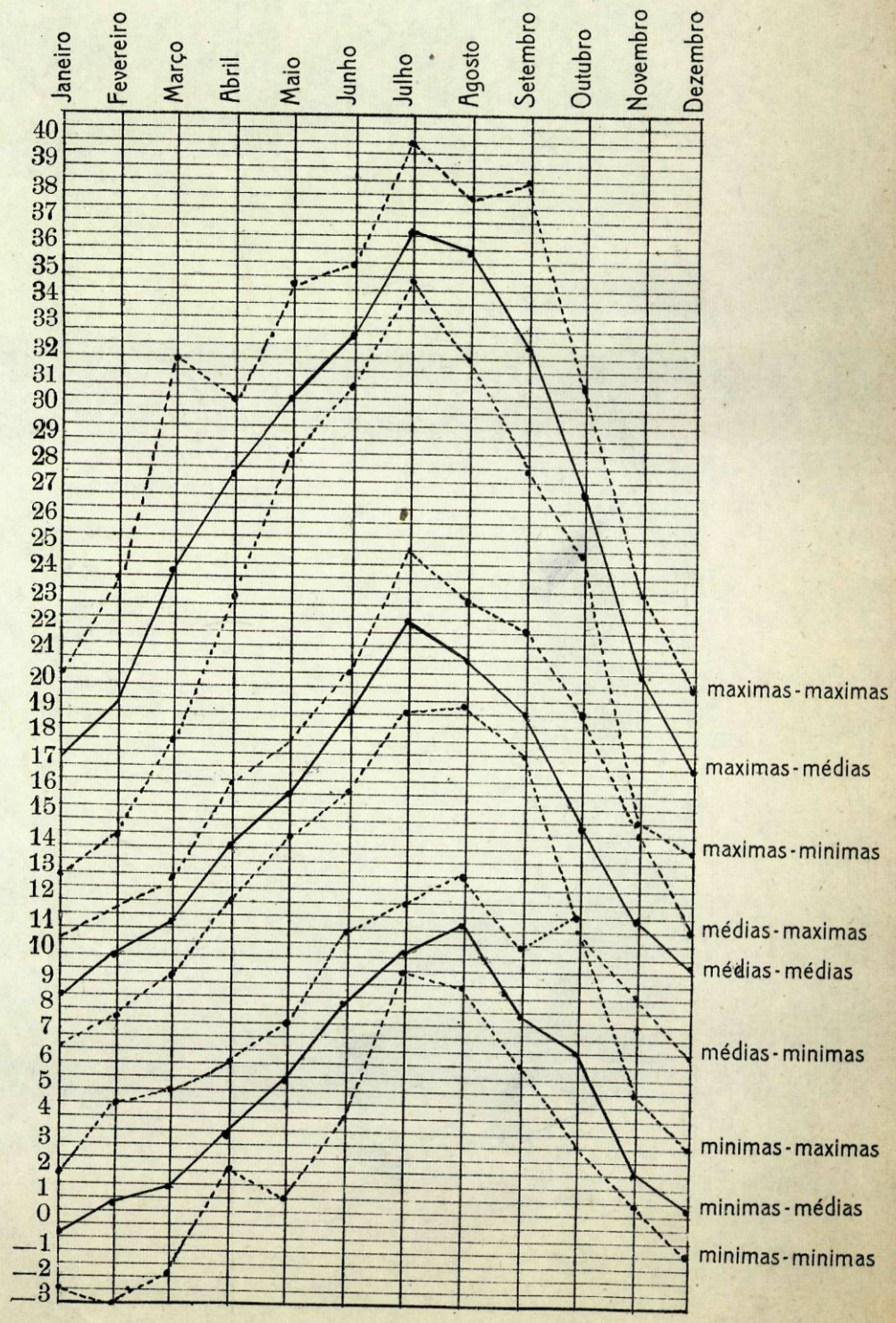
ANNOS	Vento dominante
1896	N
1897	W
1898	NE
1899	SE
1900	N
1901	N
1902	S NW
1903	N NW
1904	N
1905	E

Querendo particularisar mais e saber com o que cada mez concorre para estes resultados annuaes, verifica-se que é esta a predominancia dos ventos em cada mez:

Os ventos d'Este pertencem á quadra fria, outubro E, dezembro SE e janeiro NE. Os de oeste ao periodo estival, junho W, maio NW, junho SW. Os do norte rodam de leste para oeste á medida que o tempo aquece: janeiro NE, março N, maio NW. Os de sul seguem o movimento contrario á medida que o tempo arrefece: junho SW, janeiro S, dezembro SE.

GRAPHICO III

Maximas, médias e minimas mensaes durante o decennio de 1896 a 1905



QUADRO V

Ventos, e mezes em que mais sopraram, durante o decennio de 1896 a 1905

Direcção dominante	Mez	Dias do vento dominante
NE	Janeiro	39
N	Março	49
NW	Maio	46
W	Junho	54
SW	Junho	43
S	Janeiro	38
SE	Dezembro	39
E	Outubro	49

Chuva.— Durante o decennio cahiram 12^{m},8694 de chuva ou seja uma média de 1^{m},286 por anno.

Os varios annos concorreram para o total da seguinte fórma:

QUADRO VI

Quantidade de chuva por annos durante o decennio de 1896 a 1905

ANNOS	Quantidade da chuva em millimetros
1896	1047,3
1897	1199,7
1898	960,9
1899	1243,3
1900	1389,3
1901	1405,0
1902	1551,8
1903	1627,2
1904	1225,6
1905	1219,4

D'aqui se vê que, durante o decennio, apenas em 1898 a altura da chuva não chegou a um metro. Em todos os outros annos o excedeu, e em 1902 e 1903 excedeu até o metro e meio.

Isto mesmo se vê mais claramente do Graphico VI.

Tendo em conta a totalidade do decennio, os mezes por ordem da quantidade de chuva dispõem-se da seguinte maneira:

QUADRO VII

Quantidades de chuva em cada mez durante os annos de 1896 a 1905

(Total dos dez annos)

MEZES	Quantidade de chuva em millimetros
Julho	232,2
Agosto	388,3
Junho	754,2
Setembro	917,9
Abril	995,8
Maio.	1022,5
Janeiro.	1110,0
Outubro	1152,2
Março	1341,7
Novembro	1436,4
Fevereiro	1758,8
Dezembro	1754,3

Por esta tabella, e ainda melhor pelo Graphico VII, se vê que os quatro mezes estivaes, julho e agosto, junho e setembro, são os que menos contingente aquoso fornecem.

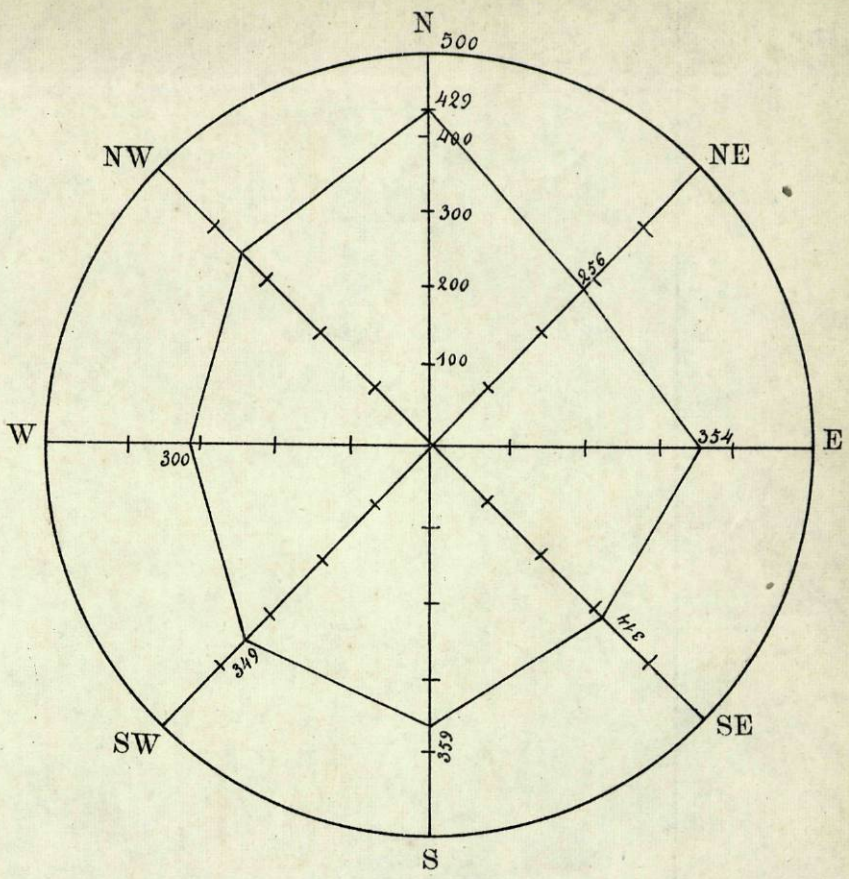
Após, véem os mezes primaveris, maio e abril, depois janeiro. A seguir os mezes outonaes, outubro e novembro, entre os quaes se intercala março. Dezembro está no alto da escala e fevereiro quasi o attinge.

Não condiz esta seriação com a que o prof. Ricardo Jorge encontrou no Porto para o anno de 1893; mas a comparação dos seus numeros com os nossos pouco póde elucidar, visto serem aquelles de um anno isolado e não médias de periodo que pela sua extensão désse garantias de estabilidade ás cifras. Por isso as não inserimos.

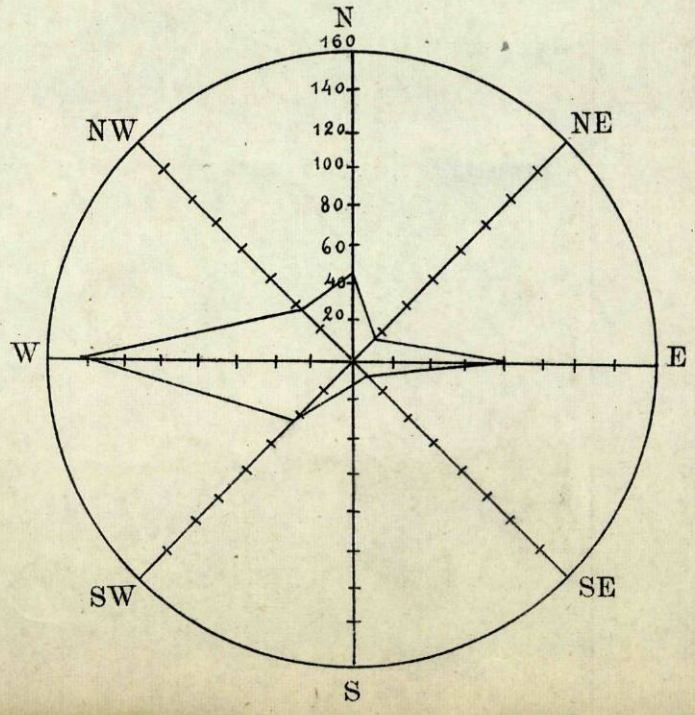
Nos 3652 dias que teve o decennio choveu em 1276 dias, pouco mais da terça parte do periodo. A média annual de dias chuvosos é pois de 127,6, superior em 20 dias ao numero de dias chuvosos contados pelo prof. Ricardo Jorge em 1893. (1)

(1) Ricardo Jorge. *Demographia e hygiene da cidade do Porto*, pag. 17.

Rosa anemoscopica de Guimaraes
(1896 a 1905)



Rosa anemoscopica do Porto segundo
o Dr. Ricardo Jorge



Vejamos como os differentes annos concorrem para este resultado.

QUADRO VIII

Dias de chuva durante os annos de 1896 a 1905

ANNOS	Dias chuvosos
1896	110
1897	129
1898	108
1899	135
1900	150
1901	119
1902	133
1903	143
1904	127
1905	122
Total	1276

O anno de mais dias chuvosos foi o de 1900, com 150 dias.

Seguem-se-lhe os de 1903, 1899, 1902 e 1897, acima da média decennal. O de 1904 apresenta a média. Abaixo d'ella ficam por ordem decrescente 1905, 1901, 1896 e 1898.

O Graphico VIII mostra-o claramente.

A comparação d'elle com o Graphico VI, que representa a quantidade de chuva, é curiosa.

1900, com o maximo de dias chuvosos durante o decennio, fica muito inferior em quantidade de chuva a 1901, 1902 e 1903, annos em que choveu durante muito menos dias.

1898, pelo contrario, acha-se em concordancia no graphico da quantidade de chuva e no graphico dos dias chuvosos. Em ambos occupa o ponto minimo.

1904 é o que mais se approxima da média, tanto em dias chuvosos como em quantidade de agua pluvial.

1896, 1898, 1905 ficam abaixo da média; 1900, 1901, 1902 e 1903 ficam acima d'ella, tanto em quantidade de chuva como em dias chuvosos.

1897 e 1899 estão abaixo da média da quantidade de chuva e acima da média de dias chuvosos.

Os dias de chuva distribuiram-se pelos mezes do modo seguinte:

QUADRO IX

Dias chuvosos por mez durante o decennio (1896 a 1905)

MEZES	Dias chuvosos
Julho	47
Agosto	54
Junho	82
Setembro	95
Maio	108
Outubro	110
Janeiro	111
Abril	118
Fevereiro	127
Novembro	129
Março	147
Dezembro	148

Confrontando esta serie com a serie dos mezes por quantidade de chuva, vê-se que julho, agosto, junho, setembro, janeiro, novembro e dezembro teem em ambas o mesmo logar.

Nos outros mezes a quantidade de chuva não está em relação com o numero de dias em que ella cahiu.

Assim, em abril choveu durante mais dias do que em maio, mas em maio cahiu mais chuva do que em abril. Em março cahiu menos chuva do que em fevereiro, mas em fevereiro choveu menos dias do que em março. Em outubro a quantidade de chuva foi superior á de janeiro, mas os dias chuvosos inferiores aos deste mez.

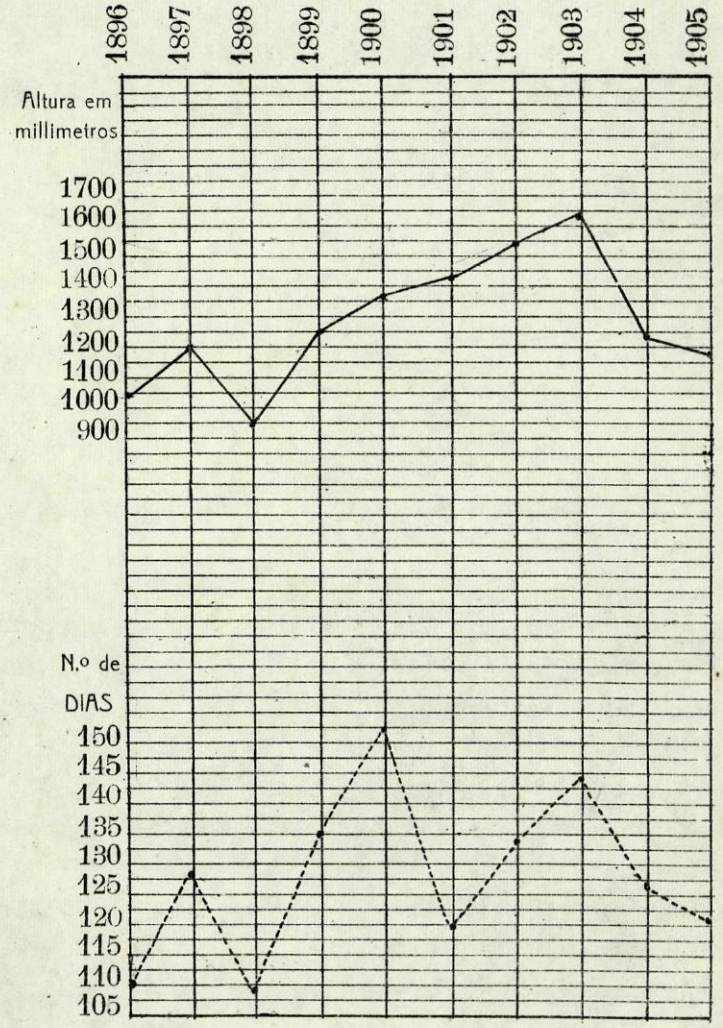
Se em vez dos quadros confrontarmos os Graphicos VII e IX, a comparação é ainda mais elucidativa.

Por elles se vê que a partir de junho as quantidades de chuva e os dias em que ella cahe estão perfeitamente de harmonia.

Antes de junho é que se dá toda a differença, a qual afinal é bem pequena.

No graphico das quantidades a primeira subida faz-se de janeiro para fevereiro, attingindo o acme logo neste mez. No graphico dos dias chuvosos a primeira subida só tem o fastigio em março. Depois na descida, emquanto o primeiro graphico tem um pequeno resalto ascencional de

Quantidade de chuva por anno durante o decennio.
Numero de dias chuvosos por anno durante o decennio de 1896 a 1905



abril para maio, o segundo graphico apenas tem neste ponto um afroixamento na velocidade da quéda.

Estado atmospherico. —Segundo o estado geral da atmosphera, a média annual de dias durante o periodo considerado foi a seguinte:

QUADRO X

Estado geral da atmosphera (médias do decennio de 1896 a 1905)

DIAS	Numeros
De chuva	127,6
De céo limpo	124,0
De céo nublado	122,9
De céo coberto	118,6
De nevoeiro	24,0
De trovoada	13,9

O clima da região não é, pelo que acaba de vêr-se, o que póde chamar-se um clima são.

Se a média temperatural o colloca na linha de 15°, é á custa de calores excessivos no verão e frios rigorosos no inverno.

As chuvas são abundantes na epocha invernosa, sem que da sua abundancia possa tirar-se grande proveito, visto occorrerem na epocha em que menos precisas são e o solo, em virtude da sua natureza, não as poder reter.

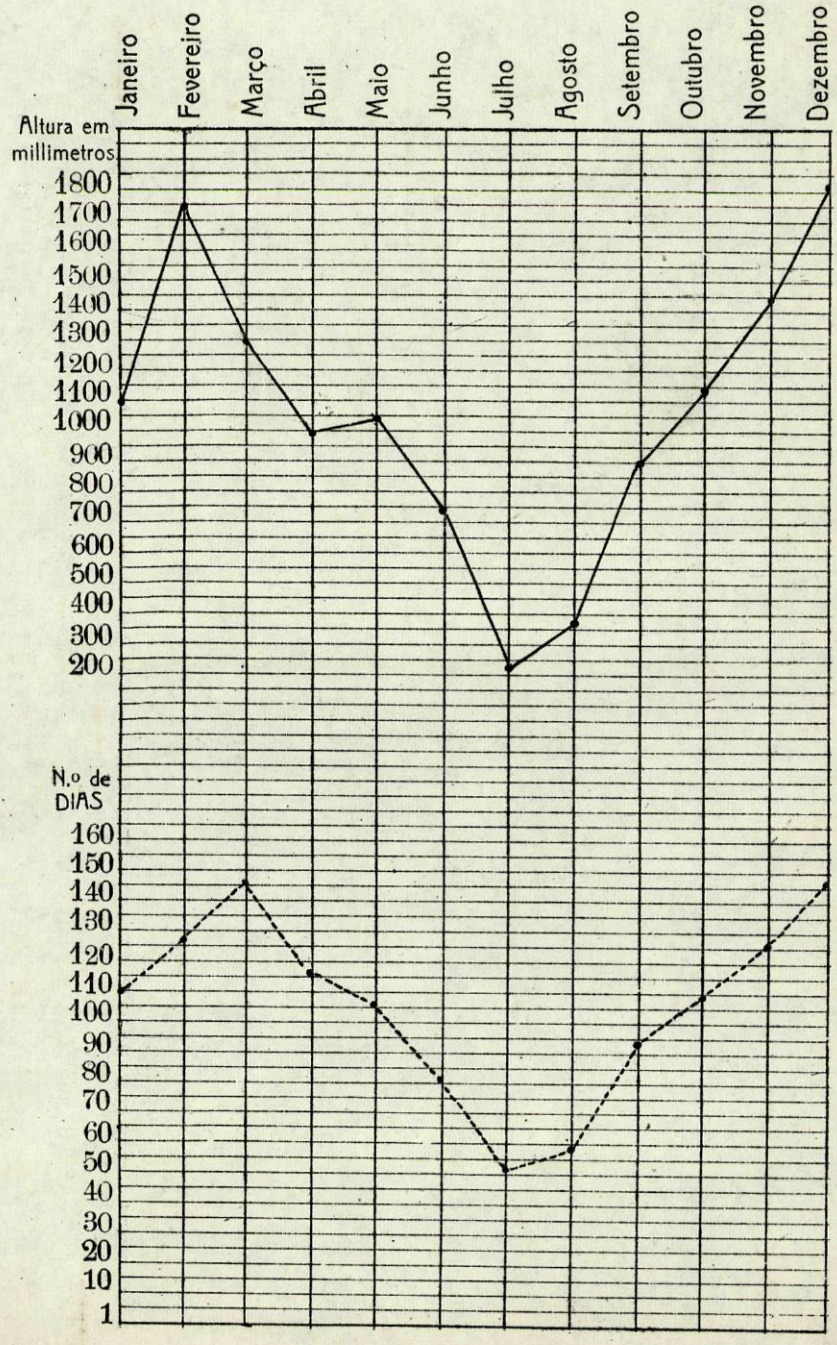
Os ventos sopram mais das duas terças partes do anno, com grande predominancia das nortadas cortantes e desabridas.

Os poetas lyricos que teem cantado o perpetuo azul do nosso céo ignoram, como bons poetas, que só uma pequena parte do anno elle deixa de andar coberto de nuvens ou carregado de chuva.

Não é pois o Minho, nem a região que nelle mais nos interessa, o que propriamente póde chamar-se um Eden.

Muito ao contrario. A cidade de Guimarães, por exemplo, envolta todas as noites em neblina que o sol dissipa a custo pela manhã, ora sujeita a frios polares, ora a calores tropicaes, é terra que na parte baixa póde bem dispensar as viciações do aggregado urbano, para se apresentar como das mais insalubres do paiz.

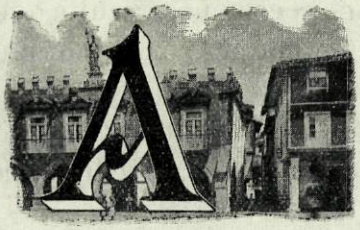
Quantidade de chuva por mez durante o decennio. Numero de dias chuvosos por mez durante o decennio de 1896 a 1905



CASA DE LAVRADORES (Gominhães)

Cultura

Cereaes



Paços do Concelho (Guimarães)

A CULTURA tradicional no ambito do concelho de Guimarães é como por todo o Minho a dos cereaes. O encontro de mós manuaes nas velhas *citanias* proto-historicas mostra que o conhecimento da panificação, ou pelo menos das farinhas, data já nesta parte da peninsula da epocha pre-romana.

A cultura, porém, a julgar pela affirmativa de Strabo (1), era insufficiente, e tres quartas partes do anno o lusitano comia um pão confeccionado com farinha de bolota.

Certamente que a influencia romana, trazendo ao valle as popula-

(1) Strabo. *Geographia*. livro III, cap. 3.º, paragr. 7.º, pag. 253 na trad. franceza de Tardieu.

ções alcandoradas pelos cerros dos montes, devia ter impulsionado forte mente a agricultura em detrimento da vida pastoril. Dessa epocha data, demonstrando o incremento que então tomou a cultura, o emprego do moinho, primitiva turbina de madeira, que ainda hoje na provincia reduz a farinha a quasi totalidade, se não a totalidade do milho consumido. (1)

O exame dos documentos antigos que nos ficaram da restauração neo-goda, esclarece que no decurso da idade-média os cereaes cultivados foram o centeio, o trigo, a cevada e o milho alvo. (2)

O uso do maiz é muito posterior. Discute-se ainda hoje se elle foi realmente importado da America após a descoberta de Colombo ou se já existia na Europa, trazido da Asia pelos arabes e pelos cruzados.

Em Portugal o silencio dos documentos medievaes ácerca do maiz é assaz significativo. Tal cultura é por aqui absolutamente desconhecida. E não prejudica este asserto aquelle documento de S. Simão da Junqueira extractado no *Elucidario,* que o snr. Eduardo de Souza, no seu trabalho sobre *O Pão,* copía de Pinho Leal, e lhe serve para uma pretensa demonstração da cultura do maiz no seculo XIII. (3) O documento tem a data de 1289 e falla em *milhom;* mas o que não está averiguado é que tal *milhom* seja o actual maiz. Pelo contrario, Santa Rosa de Viterbo a proposito desta mesma passagem, opina que ella não póde referir-se ao milho grosso, do qual foi introductor na região, correndo o seculo XVII, um tal Paulo de Braga. (4)

Diz-se, e o mesmo Viterbo o affirma, que sobre esta cultura houve de começo medidas restrictivas. Das buscas a que procedemos, resulta que taes medidas ou não existiram no concelho de Guimarães, ou foram tão pouco duradouras que não deixaram de si vestigio.

A cultura do milho faz-se hoje de preferencia nos districtos do Porto, Braga, Aveiro, Vianna, Coimbra e Vizeu, isto é no norte littoral.

---

(1) Alberto Sampaio. *As «villas» do norte de Portugal.* In «Portugalia», vol. I, pag. 315.

(2) Ibidem, pag. 314.

(3) Eduardo de Souza. *O Pão*, pag. 117. — Pinho Leal. *Portugal antigo e moderno,* vol. V, pag. 229.

(4) Santa Rosa de Viterbo. *Elucidario*, vol. II, pag. 134. — Pinho Leal, *l. cit.*, segue Viterbo, que quasi transcreve. — Alvares da Silva. *Memoria historica sobre a agricultura portugueza*, in «Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias», vol. V, pag. 242, attribue a introducção do maiz em Portugal a um lavrador que de Cadiz o trouxe para o campo de Coimbra, durante a dominação filippina. Para Cadiz teria vindo da America.

Assim, a responsabilidade de affirmar a vetustez da cultura do maiz pertence exclusivamente ao snr. Eduardo de Souza.

No norte interior, districtos de Bragança, Guarda, Villa Real e Castello Branco predomina o centeio.

No sul, em Beja, Portalegre, Evora, Lisboa e Faro, tem o trigo a primazia.

Nos districtos centraes milho e trigo contrabalançam-se.

E' o que se colhe do Quadro seguinte, onde se resume a producção dos tres principaes cereaes por districtos.

QUADRO XI

Producção cerealifera do continente

— 1884 — (1)

ESCALA DO TRIGO (em litros)		ESCALA DO MILHO (em litros)		ESCALA DO CENTEIO (em litros)	
Beja . . .	31.771:551	Porto . . .	129.037:500	Bragança . .	43.916:760
Portalegre .	29.738:120	Braga . . .	75.079:460	Guarda . .	34.534:700
Evora . . .	23.147:155	Aveiro . . .	49.685:845	Porto . . .	18.689:100
Santarem . .	22.740:160	V. do Castello	38.876:078	Portalegre .	15.275:650
Lisboa . . .	22.314:090	Coimbra . .	33.142:323	Villa Real .	13.804:289
Porto . . .	19.494:300	Vizeu . . .	32.738:900	Vizeu . . .	11.575:500
Bragança . .	10.564:643	Santarem . .	24.168:100	Cast. Branco	9.061:600
Faro . . .	8.465:300	Villa Real .	14.880:874	Evora . . .	8.264:762
Leiria . . .	5.977:510	Leiria . . .	14.515:830	V. do Castello	3.843:422
Guarda . .	5.380:220	Guarda . .	13.001:860	Braga . . .	2.309:940
Cast. Branco	5.067:600	Lisboa . . .	7.511:660	Santarem . .	1.980:850
Vizeu . . .	2.990:200	Cast. Branco	6.246:900	Faro . . .	1.397:300
Aveiro . .	2.663:392	Portalegre .	3.190:840	Lisboa . . .	1.146:120
V. do Castello	2.236:857	Faro . . .	2.600:600	Beja . . .	1.107:395
Coimbra . .	1.554:040	Beja . . .	1.619:417	Aveiro . . .	1.101:632
Villa Real .	1.324:733	Evora . . .	1.368:098	Coimbra . .	774:993
Braga . . .	1.170:462	Bragança . .	430:320	Leiria . .	633:190
Continente .	196.600:333	Continente .	448.094:605	Continente .	169.417:203

Faltam infelizmente elementos que nos habilitem a julgar com segurança de uma cultura tão importante como é a dos cereaes.

(1) Escolhemos o anno de 1884 por ser o mais recente de que podiamos haver numeros completos. Em 1885, Santarem, Leiria, Lisboa e Coimbra não se fizeram representar na estatistica dos cereaes.

Apenas pelos antigos *Annuarios Estatisticos de Portugal* nos foi possivel compôr o quadro de producção cerealifera do districto de Braga nos annos de 1882, 1883, 1884 e 1885 (Quadro XIII).

Os annuarios anteriormente publicados, e os que vieram á luz depois destes, não poderam ou não quizeram inserir tabellas identicas.

Não reputamos os numeros exarados como absolutamente verdadeiros.

E' de longa data conhecido o caracter desconfiado do lavrador minhoto que o obriga a falsear todos os dados que sobre a sua situação economica e a producção das suas terras lhe são pedidos. Mas, pois que um mesmo interesse os movia a todos em esconder parte da verdade, é de crêr que a tabella apresente ao menos numeros proporcionalmente verdadeiros.

Do Quadro XIII se deduz que a producção maxima annual do milho no districto, durante o periodo de quatro annos considerado (1882 a 1885), foi em 1882 equivalente a:

6	vezes	a	producção	maxima	annual	do	centeio	(1882)
66	»	»	»	»	»	»	trigo	(1884)
649	»	»	»	»	»	»	cevada	(1882)
7:772	»	»	»	»	»	»	aveia	(1884)

e que a producção minima annual do milho no districto (em 1883) foi:

24	vezes	a	producção	minima	annual	do	centeio	(1884)
63	»	»	»	»	»	»	trigo	(1883)
1:257	»	»	»	»	»	»	aveia	(1883)
1:471	»	»	»	»	»	»	cevada	(1883)

A producção média annual do milho no districto em relação ás producções médias dos outros cereaes foi:

7	vezes	a	producção	média	annual	do	centeio
64	»	»	»	»	»	»	trigo
730	»	»	»	»	»	»	cevada

O exame destas tabellas mostra a importancia summa que a cultura do milho tem sobre a dos outros cereaes nesta região.

Pelo que propriamente toca ao concelho de Guimarães, verifica-se que a producção maxima annual de milho (em 1882) foi:

7	vezes	a	producção	maxima	annual	do	centeio	(1882 e 1885)
37	»	»	»	»	»	»	trigo	(1882)
4:534	»	»	»	»	»	»	cevada	(1884)

e que a producção minima annual do milho no concelho (em 1885) foi:

7 vezes a producção minima annual do centeio (1885)
36 » » » » » » trigo (1885)
4:506 » » » » » » cevada (1882 e 1883)

A producção média annual do milho no concelho, em relação aos outros cereaes, foi:

7 vezes a producção média annual do centeio
37,5 » » » » » » trigo
4:733 » » » » » » cevada

D'aqui se conclue que no ambito limitado do concelho os numeros

QUADRO XII

Producção média annual de cereaes no districto de Braga

(1882 a 1885)

Escala do milho (em litros)		Escala do centeio (em litros)		Escala do trigo (em litros)	
Guimarães	15.438:000	Braga	4.395:750	Guimarães	410:125
Braga	14.219:350	Guimarães	2.016:750	Braga	157:500
Barcellos	9.107:712	Barcellos	1.402:605	Celorico de Basto	145:711
Villa Verde	6.068:065	Villa Verde	706:187	Esposende	117:625
Esposende	4.326:200	Cabeceiras de Basto	513:750	Barcellos	77:305
Famalicão	3.970:358	Celorico de Basto	448:981	Villa Verde	76:967
Povoa de Lanhoso	3.850:000	Famalicão	371:277	Fafe	54:375
Vieira	3.739:225	Fafe	326:250	Famalicão	28:540
Amares	2.898:281	Esposende	274:575	Cabeceiras de Basto	17:450
Fafe	2.510:000	Terras de Bouro	268:782	Terras de Bouro	2:152
Celorico de Basto	2.423:935	Povoa de Lanhoso	255:000	Povoa de Lanhoso	—
Terras de Bouro	2.283:957	Amares	247:036	Amares	—
Cabeceiras de Basto	2.158:900	Vieira	230:350	Vieira	—
Districto	73.043:987	**Districto**	9.205:045	**Districto**	1.128:000

QUADRO XIII

Producção cerealifera do districto de Braga

(1882 a 1885)

CONCELHOS	Superficie em hectares	TRIGO				MILHO				CENTEIO				CEVADA				AVEIA			
		1885	1884	1883	1882	1885	1884	1883	1882	1885	1884	1883	1882	1885	1884	1883	1882	1885	1884	1883	1882
Total do districto	273.820	1.163.227	1.170.462	891.527	1.286.784	74.233 342	75.079.460	56.743.961	86.119.178	11.881.454	2.309.940	10.030.097	12.598.688	108.310	126.500	38.830	132.547	102.110	111.420	45.110	104.800
Amares . . .	8.917	—	—	—	—	3.112.380	2.765.560	2.449.368	3.265.818	152.160	138.320	298.977	398.688	—	—	—	—	—	—	—	—
Barcellos . . .	37.507	135.820	148.000	70.430	55.400	11.475.200	10.258.110	6.286.940	8.410.600	1.734.990	1.716.260	960.370	1.198.800	2.520	2.080	730	347	52.110	51.420	40.110	33.600
Braga	17.680	150.000	160.000	160.000	160.000	13.640.000	13.630.600	11.849.000	17.758.400	4.800.000	4.873.000	4.430.000	4.480.000	1.500	1.600	1.600	1.600	—	—	—	—
Cabeceiras . .	24.400	4.000	7.200	41.600	17.000	680.000	2.593.600	2.043.000	3.320.000	120.000	423.200	628.800	874.000	—	—	—	—	—	—	—	—
Celorico . . .	14.436	172.767	164.700	92.980	152.400	2.522.062	3.624.500	1.904.980	2.444.200	478.494	629.580	356.850	331.000	1.040	9.020	23.500	6.100	—	—	—	1.600
Esposende . . .	11.063	100.000	155.000	15.000	200.500	4.400.000	6.009.000	430.000	6.465.800	282.000	102.500	31.300	382.500	100.000	110.000	10.000	121.500	50.000	60.000	5.000	69.600
Fafe	24.499	100.000	10.000	7.500	100.000	4.400.000	480.000	310.000	4.800.000	600.000	60.000	45.000	600.000	—	—	—	—	—	—	—	—
Guimarães . .	24.937	375.000	436.500	425.000	464.000	13.518.000	15.879.000	15.123.000	17.232.000	1.875.000	2.052.000	1.884.000	2.256.000	3.250	3.800	3.000	3.000	—	—	—	—
Pov. de Lanhoso	13.363	—	—	—	—	4.000.000	4.400.000	3.000.000	4.000.000	240.000	300.000	240.000	240.000	—	—	—	—	—	—	—	—
Terras de Bouro	30.660	7.100	552	800	558	2.906.900	2.277.030	1.673.200	2.278.700	283.600	264.030	308.000	219.500	—	—	—	—	—	—	—	—
Vieira	23.532	—	—	—	—	3.726.600	3.844.800	3.576.900	3.808.600	171.200	262.400	208.400	279.400	—	—	—	—	—	—	—	—
Famalicão . . .	21.871	28.640	28.640	22.817	34.226	2.254.500	4.500.000	3.650.773	5.476.160	450.510	450.500	36.500	547.600	—	—	—	—	—	—	—	—
Villa Verde . .	19.655	89.900	59.870	55.400	102.700	7.597.700	5.417.860	4.397.800	6.858.900	693.500	738.150	601.900	791.200	—	—	—	—	—	—	—	—

são mais concordes e que a proporção entre o milho e os outros cereaes (trigo, centeio e cevada) se mantém sensivelmente a mesma atravez das altas e baixas de producção.

A colheita média annual de cereaes no districto, durante os quatro annos considerados, foi como consta do Quadro XII.

Vê-se por elle que Guimarães occupa um logar notavel na producção, sendo o primeiro concelho na escala do milho e do trigo, antepondo-se-lhe apenas Braga na serie do centeio.

E este logar primacial que lhe conferem os numeros brutos, não o perde se considerarmos a producção em litros por hectare de terreno, como o mostra o

QUADRO XIV

Producção cerealifera annual por hectare de terreno no districto de Braga

MILHO Litros por hectare		CENTEIO Litros por hectare		TRIGO Litros por hectare	
Braga	804	Braga	248	Guimarães	16
Guimarães	619	Guimarães	80	Celorico de Basto	10
Esposende	391	Barcellos	37	Esposende	10
Amares	325	Villa Verde	35	Braga	8
Villa Verde	308	Celorico de Basto	31	Villa Verde	3
Povoa de Lanhoso	288	Amares	27	Barcellos	2
Barcellos	242	Esposende	25	Fafe	2
Famalicão	181	Cabeceiras de Basto	21	Famalicão	1
Celorico de Basto	167	Povoa de Lanhoso	19	Cabeceiras de Basto	0,7
Vieira	158	Famalicão	17	Terras de Bouro	0,07
Fafe	98	Fafe	13	—	—
Cabeceiras de Basto	88	Vieira	10	—	—
Terras de Bouro	74	Terras de Bouro	9	—	—

Ahi Braga leva-lhe vantagem na producção do milho (804 litros por hectare) e Guimarães segue-se-lhe immediatamente (619 litros por hectare).

Mas já na producção do trigo Guimarães occupa o alto da escala, emquanto Braga só vem depois de Celorico de Basto e Esposende.

O *Annuario estatistico de 1885* (1) traz, para alguns dos concelhos do districto de Braga, o numero de hectares empregados na cultura dos tres principaes cereaes, milho, centeio e trigo. Com esses dados compuzemos o Quadro XV, infelizmente muito incompleto.

QUADRO XV

Terrenos de cultura de cereaes no districto de Braga

ESCALA DO MILHO (em hectares)		ESCALA DO CENTEIO (em hectares)		ESCALA DO TRIGO (em hectares)	
Povoa de Lanhoso	10.000	Guimarães . . .	2.410	Guimarães . . .	732
Esposende . . .	8.220	Famalicão . . .	1.095	Famalicão . . .	684
Famalicão . . .	8.214	Povoa de Lanhoso	1.000	Esposende . . .	200
Guimarães . . .	7.695	Fafe	655	Fafe	150
Villa Verde . .	3.628	Villa Verde . .	583	Celorico de Basto	115
Amares	3.125	Esposende . . .	467	Villa Verde . .	73
Fafe	2.210	Amares	312	—	—
Celorico de Basto	1.914	—	—	—	—

Da comparação deste quadro com o quadro da producção cerealifera média annual (Quadro XII), resulta o conhecimento da producção por hectare de terreno, não já considerando a superficie total do concelho, mas referindo-a apenas á superficie cultivada.

A producção do milho, centeio e trigo por hectare de terreno cultivado, é a que consta do Quadro XVI.

---

(1) *Annuario estatistico de Portugal* (1885), pag. 302 a 305.

QUADRO XVI

Producção cerealifera média por hectare de terreno cultivado

ESCALA DO MILHO (em litros)		ESCALA DO CENTEIO (em litros)		ESCALA DO TRIGO (em litros)	
Guimarães .	2.006	Villa Verde.	1.211	Cel. de Basto	1.267
Villa Verde.	1.672	Guimarães .	836	Villa Verde.	1.054
Cel. de Basto	1.266	Amares . .	791	Esposende .	588
Fafe . . .	1.135	Esposende .	587	Guimarães .	560
Amares . .	927	Fafe . . .	498	Fafe . . .	150
Esposende .	525	Famalicão .	339	Famalicão .	41
Famalicão .	483	P. de Lanhoso	225	—	—
P. de Lanhoso	385	—	—	—	—

Vinho. — Ao lado da cultura dos cereaes, a cultura do vinho occupa na região um importante logar.

O amanho da vinha vem já, segundo o affirma Strabo, (1) do tempo das *citanias*. Mas na epocha romana certas leis protectoras dos vinhos italianos coarctavam a livre producção vinicola da peninsula. Depois que essas leis cahiram com a desorganisação do imperio, a vinha tomou rapido incremento e assim atravessou o dominio wisigodo e arabe.

Na epocha da restauração neo-goda apparece abundantissima. (2)

A vinha baixa era então e foi-o, ao que parece, por muito tempo (talvez até á epocha de Pombal) predominante no Minho, embora a vide de enforcado não fosse rara.

Hoje essa especie de cultura onde apparece é uma excepção com poucos annos de existencia.

As vides criam-se encostadas ás arvores que marginam os campos de cereaes e em ramadas que a febre de produzir tem multiplicado rapidamente ha annos a esta parte.

O *Annuario estatistico de 1892* assignala os numeros constantes do Quadro XVII como occupados pelos vinhedos nos concelhos do districto.

---

(1) Strabo. *Geographia*, liv. III, cap. 3.º, paragr. 7.º, pag. 253 na traducção franceza de Tardieu.

(2) Alberto Sampaio. *As «villas» do norte de Portugal*, l. cit., pag. 320 e segg.

Damos estas áreas a titulo de curiosidade, pois não comprehendemos bem como a sua avaliação podésse ter sido feita, desde que a vinha na região não occupa por assim dizer extensão util, limitando-se a formar a bordadura dos terrenos empregados para outras culturas.

QUADRO XVII

Superficie dos vinhedos no districto de Braga

Concelhos	Hectares de vinha
Barcellos	4.800
Guimarães	3.780
Braga	2.505
Famalicão	2.250
Celorico de Basto .	1.885
Cabeceiras de Basto	1.675
Villa Verde . . .	1.670
Povoa de Lanhoso .	1.505
Fafe	1.120
Amares	1.005
Esposende	670
Vieira	560
Terras de Bouro . .	450

Os dados sobre a producção vinicola que podémos alcançar são os relativos aos annos de 1881, 1882, 1883, 1884, 1885 e 1892, com a distincção em vinhos tintos e brancos.

Reproduzimos esses dados no Quadro XVIII, pondo-lhe as mesmas restricções que já fizemos para os cereaes.

Desse quadro se deduz que a producção vinicola cresceu rapidamente nos seis annos que medeiam entre 1885 e 1892. Mesmo quando se tome para ponto de referencia o anno de 1884, que foi o melhor da serie de 1881 a 1885, ainda assim se verifica que a producção em 1892 dobrou no districto. De 26 milhões de litros passou a 50 milhões.

No concelho de Guimarães o augmento foi particularmente notavel, porque passou de 2 a 9 milhões de litros por anno.

O Quadro XIX resume para o districto de Braga o augmento de producção vinicola por concelhos de 1884 para 1892.

QUADRO XVIII

Producção vinicola em litros

CONCELHOS	Hectares	VINHO TINTO						VINHO BRANCO						TOTAL					
		1892	1885	1884	1883	1882	1881	1892	1885	1884	1883	1882	1881	1892	1885	1884	1883	1882	1881
Amares	1.005	2.000.000	411.300	456.000	273.600	364.800	273.600	10.000	5.480	6.840	912	3.824	91	2.010.000	416.780	462.840	274.512	368.624	273.691
Barcellos	4.800	9.500.000	7.453.000	6.964.700	2.649.150	2.053.505	3.253.419	95.000	153.600	171.160	23.190	5.000	6.417	9.595.000	7.606.600	7.135.860	2.672.340	2.058.505	3.259.836
Braga	2.505	6.000.000	2.287.000	3.052.000	2.180.000	2.500.000	2.487.400	20.000	2.000	140	5.000	3.300	—	6.020.000	2.289.000	3.052.140	2.185.000	2.503.300	2.487.400
Cabeceiras de Basto	1.675	4.000.000	1.478.500	1.179.600	1.145.912	1.337.825	1.218.980	25.000	14.400	13.200	6.730	9.460	8.667	4.025.000	1.492.900	1.192.800	1.152.642	1.347.285	1.227.647
Celorico de Basto	1.885	4.500.000	1.154.160	2.577.300	829.046	1.129.440	243.610	30.000	116.242	1.500	16.297	9.600	984	4.530.000	1.270.402	2.578.800	845.343	1.139.040	244.594
Esposende	670	1.200.000	259.000	709.000	257.000	98.000	196.000	10.000	39.860	78.000	38.840	26.000	4.900	1.210.000	298.860	787.000	295.840	124.000	200.900
Fafe	1.120	2.000.000	364.000	520.000	228.800	364.000	218.400	15.000	3.100	4.200	1.560	3.800	1.560	2.015.000	367.100	524.200	230.360	367.800	219.960
Guimarães	3.780	9.000.000	1.319.200	2.051.900	1.041.800	1.372.400	1.339.400	80.000	26.820	42.900	16.300	26.000	34.300	9.080.000	1.346.020	2.094.800	1.058.100	1.398.400	1.373.700
Povoa de Lanhoso	1.505	3.000.000	877.000	1.020.000	765.000	1.030.000	50.500	15.000	9.000	9.000	7.350	9.000	900	3.015.000	886.000	1.029.000	772.350	1.039.000	51.400
Terras de Bouro	450	800.000	192.000	576.000	95.000	140.000	131.000	6.000	480	4.800	4.800	42.750	32.750	806.000	192.480	580.800	99.800	182.750	163.750
Vieira	560	1.000.000	210.400	2.150.000	276.400	560.000	840.000	80.000	1.190	12.500	2.400	4.800	4.200	1.008.000	211.590	2.162.500	278.800	564.800	844.200
Villa N. de Famalicão	2.250	4.000.000	960.000	2.564.700	854.900	1.197.300	1.528.560	35.000	12.700	16.400	5.490	12.700	6.369	4.035.000	972.700	2.581.100	860.390	1.210.000	1.534.929
Villa Verde	1.670	3.000.000	1.235.640	2.243.300	1.001.300	1.380.500	1.347.000	10.000	3.920	1.250	4.200	4.000	3.000	3.010.000	1.239.560	2.244.550	1.005.500	1.384.500	1.350.000
Districto	23.875	50.000.000	18.201.200	26.064.500	11.597.908	13.527.770	13.127.869	359.000	388.792	361.890	133.069	160.234	104.138	50.359.000	18.589.992	26.426.390	11.730.977	13.688.004	13.232.007

QUADRO XIX

Augmento de producção vinicola de 1884 para 1892

Concelhos	Augmento de producção (em litros)
Guimarães	6.985.200
Braga	3.731.000
Cabeceiras de Basto	2.832.200
Barcellos	2.459.140
Povoa de Lanhoso .	1.986.000
Celorico de Basto .	1.951.200
Famalicão	1.872.500
Fafe	1.647.900
Amares	1.547.160
Terras de Bouro . .	613.600
Villa Verde . . .	428.900
Esposende	423.000

Sómente a producção vinicola de Vieira diminuiu de 1.154.500 litros.

Consultando o Quadro XVIII, vê-se que a seriação dos concelhos por ordem de producção em 1892 é a seguinte:

Barcellos.	Villa Verde.
Guimarães.	Fafe.
Braga.	Amares.
Celorico.	Esposende.
Famalicão.	Vieira.
Cabeceiras de Basto.	Terras de Bouro.
Povoa de Lanhoso.	

Esta serie condiz, de um modo bastante notavel, com a serie por ordem de hectares cultivados em cada concelho. Assim, para que uma e outra fossem plenamente concordes, bastava trocar entre si os logares de Famalicão e Celorico de Basto e fazer o mesmo aos de Villa Verde e Povoa de Lanhoso.

Outras culturas. — Além do vinho e dos cereaes, outras culturas teem importancia na região, como são a do feijão e a da batata.

O feijão actual parece ser oriundo da America, mas já no se-

culo XIII era vulgar a cultura de um grão a que chamavam então feigyones e feygiões. (1)

Infelizmente as estatisticas publicadas sobre producção, apenas nos dizem que no districto de Braga em 1885:

Famalicão	produziu	224.550 litros
Amares	»	69.160 »
Cabeceiras de Basto	»	28.000 »
Terras de Bouro	»	16.300 »

sem se especificar ao menos as bem conhecidas variedades de feijão: o branco, o vermelho, o amarello, o rajado e o fradinho.

QUADRO XX

Producção bruta de azeite por districtos

Districtos	Producção bruta em litros
Guarda	152.677.590
Beja	28.698.980
Santarem	5.915.560
Portalegre	4.134.980
Coimbra	3.425.393
Villa Real	3.079.034
Evora	2.757.124
Bragança	2.433.940
Castello Branco . .	2.074.300
Faro	1.954.100
Leiria	1.686.110
Vizeu	1.233.100
Lisboa	1.177.965
Vianna do Castello .	1.102.078
Aveiro	692.176
Porto	215.500
Braga	103.514

A respeito dos outros concelhos, do de Guimarães por exemplo, que particularmente nos interessava, o silencio é completo. E o mesmo suc-

(1) Alberto Sampaio. *As «villas» do norte de Portugal*, l. cit. pag. 316.

cede para a batata, cultura que embora notavel, não tem aqui a importancia que adquiriu em Traz-os-Montes. O mesmo succede para os fructos, para a maçã, a pera, a ameixa, a noz, a cereja, o pecego, a nespera, o marmello, cuja cultura é antiquissima na região, remontando á epocha romana, como os etymos fazem suppôr. (1)

QUADRO XXI

Producção de azeite por hectare

Districtos	Litros por hectare
Guarda	274,4
Beja	26,0
Coimbra	8,8
Santarem	8,6
Villa Real	6,9
Portalegre	6,4
Vianna do Castello	4,9
Leiria	4,2
Faro	4,0
Evora	3,8
Bragança	3,6
Castello Branco	3,3
Vizeu	2,4
Aveiro	2,3
Lisboa	1,5
Porto	0,92
Braga	0,37

O castanheiro tinha ainda ha pouco uma importancia extrema no Minho. Era arvore magnifica para envidar, produzia fructo sem qualquer especie de cuidados e dava depois de cortada excellente madeira. Um fungo, ao que parece, destruiu-os todos ou quasi, ha alguns annos. Como supporte de vides outras arvores o substituiram, que já alternavam com elle no circuito das terras araveis: a cerdeira, o choupo, o carvalho, o lódo, o salgueiro, o amieiro, etc. Como madeira, o pinheiro bravo, introducção recente que em pouco tempo tem povoado a maior parte dos

(1) Ibidem, pag. 318.

montes até então só a matto, foi-lhe succedendo como um *pis-aller*, pois entre as duas madeiras não ha comparação possivel. Como arvore de fructo que não reclamava cuidados, o castanheiro ficou sem substituto.

Azeite. — A oliveira, que data na peninsula dos tempos proto-romanos, nunca attingiu no Minho importancia de maior. Os documentos da alta idade-média que nos restam, não a mencionam nas frequentes referencias ás arvores aqui cultivadas. (1)

Ainda hoje no districto de Braga a producção do azeite é quasi nulla, como se póde vêr no Quadro XX, onde estão seriados, por ordem de producção bruta, os districtos do reino.

QUADRO XXII

Producção bruta de azeite no districto de Braga

Concelhos	Litros
Celorico de Basto	22.270
Cabeceiras de Basto	16.000
Barcellos	12.000
Vieira	11.745
Villa Verde	10.650
Famalicão	6.300
Guimarães	5.540
Esposende	5.353
Povoa de Lanhoso	4.200
Amarantes	3.840
Fafe	2.836
Terras de Bouro	2.300
Braga	480
Districto	103.514

A diminuta importancia da cultura da oliveira no districto de Braga, resalta ainda melhor do Quadro XXI, onde se ordenam os districtos segundo a producção do azeite por hectare.

Como se vê, o districto do Porto não chega a produzir um litro de

(1) Ibidem, pag. 320.

azeite por hectare de terreno e o de Braga nem ao meio litro vae, emquanto os districtos visinhos produzem para a mesma unidade de superficie: o de Vianna 4l,9, o de Villa Real, 6l,9 e o de Aveiro 2l,3.

Particularisando o que no districto de Braga cabe a cada concelho na producção do azeite, achamos os resultados constantes do Quadro XXII.

Guimarães occupa ahi o setimo logar ou seja justamente o meio, tendo seis concelhos que lhe são superiores e seis que lhe são inferiores em producção.

Se porém considerarmos a colheita por hectare de terreno, encontramos já uma seriação differente. Guimarães recúa para decimo logar, passando-lhe adiante Esposende, Amares e a Povoa de Lanhoso, que lhe eram inferiores em producção bruta.

E' o que se vê do Quadro XXIII.

Guimarães não chega a produzir um quarto de litro de azeite por hectare de terreno.

Linho.—O linho, planta textil que fornece o fio com que se tece o bragal, foi de longa data e é ainda extensamente cultivado. Os *linares,* campos de linho, a cada passo são mencionados nos *Diplomatæ et chartæ,* da collecção dos *Portugaliæ Monumenta Historica.*

A linha de Guimarães teve durante seculos reputação em todo o paiz e constituiu uma industria tão florescente que a producção de linho no concelho não chegava para os gastos da fiação manual e era necessario ir compral-o fóra. O linho de Basto e o de Coimbra eram então os preferidos. (1)

Infelizmente falham por completo os subsidios para avaliação da producção do linho no districto de Braga e no concelho de Guimarães.

Matto.—Outra cultura importante é a do matto, que se emprega como adubo das terras araveis e sem o qual ellas não podem passar. O matto cresce nos montados onde outra cultura não póde fazer-se, tapeta os bosques de carvalheiras e nos pinheiraes mais densos brota como póde no limitado espaço que encontra de arvore a arvore. (2)

---

(1) Veja adiante o capitulo *Historia.*

(2) Alberto Sampaio. *Estudos de economia rural do Minho,* in «Revista de Guimarães», vol. III, pag. 144 e segg.

QUADRO XXIII

Producção de azeite por hectare de terreno

Concelhos	Litros por hectare
Celorico de Basto .	1,53
Cabeceiras de Basto	0,65
Villa Verde . . .	0,54
Vieira	0,49
Esposende	0,48
Amares	0,43
Barcellos	0,34
Povoa de Lanhoso .	0,31
Famalicão	0,28
Guimarães	0,22
Fafe	0,11
Terras de Bouro . .	0,07
Braga	0,02
Districto . . .	0,37

Da extensão da sua cultura entre Douro e Minho reza assim o «Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz»: (1)

Entre Douro e Cavado a nascente do Tamega, entre este rio e a ribeira de Teixeira, suppondo-a prolongada para o norte até ás alturas de Mondim . . . . . 19.000 hect.

Ao poente do Tamega, na corda de serras que se prolonga desde o Douro até ao Cavado, de Melres á Cabreira 32.000 »

Solo inculto correspondente á bacia do Sousa . . . . 9.000 »

Dito ao norte do Ave, Terra Negra, etc. . . . . 3.000 »

Dito entre Villa Nova de Famalicão e Guimarães . . . 1.300 »

Solo inculto na serra da Falperra a contar das alturas de Pedralva para sudoeste . . . . . 5.200 »

(1) *Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz*, pag. 282 e segg.

Dito desde Aboim a Guimarães	10.500	hect.
Dito desde as alturas de Ruivães até Braga	8.200	»
Dito no monte das Caldas (entre Braga e Barcellos) e serra de Airó	800	»
Entre Cavado e Minho:		
Serra do Gerez e da Abbadia	16.000	»
Serra Amarella entre Homem e Lima	13.000	»
Em torno do Neiva	21.000	»
Serra do Suajo, Castro Laboreiro e outras entre a fronteira da Galliza e os Arcos do Val-de-Vez	51.000	»
Serras do Corno de Bico, da Bolhosa e de Miranda . .	11.000	»
Ao poente das serras de Miranda e da Bolhosa, comprehendendo as serras de Arga, Labruge, Perre, Santa Luzia e Faro, sitas entre os valles do Lima e Coura, e nas do Carvalho e Sampaio, entre os valles do Coura e Minho	23.000	»
Somma	224.000	»

De particular ao concelho de Guimarães são as estatisticas mudas, e só podemos dizer que, apesar de abundantes, os terrenos de matto não o são de tal maneira que se achem desvalorisados e sobeje a sua producção. Muito ao contrario. Não faltam as propriedades onde se faz sentir a pouca abundancia de matto para o amanho das terras.

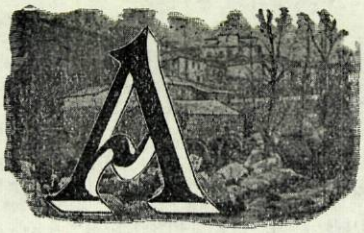
Em resumo: como no resto da provincia, o milho e o vinho são as duas principaes producções agricolas do concelho. Não se julgue porém que ellas, abundantes como são, fazem a riqueza de quem no seu amanho se emprega de sol a sol.

Como o clima é sujeito a irregularidades prejudiciaes, a producção soffre constantes fluctuações.

A economia do cultivador anda assim constantemente á mercê do tempo. Ora a vida lhe corre desafogada, ora sossobra na mais negra miseria.

A CITANIA DE BRITEIROS (Salvador de Briteiros)

Anthropologia



POPULAÇÃO do Minho, segundo conclue Fonseca Cardoso nos seus trabalhos anthropologicos sobre esta provincia, [1] é constituida pela fusão de tres raças que ainda hoje se destacam bem na composição do typo actual. São ellas:

A raça pequena dolicocephala, typo de Baumes-Chaudes ou de Cro-Magnon, que constitue o fundo da população minhota.

A raça brachicephala do typo de Grenelle, intimamente fusionada com a primeira desde a epocha neolithica.

A raça alta e loura, do typo de Hallstatt, que appareceu nos tempos proto-historicos e cuja influencia se fez sentir em muito menor escala que a das duas outras.

---

(1) *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora*, in «Portugalia», vol. I, pag. 23; *Castro Laboreiro*, in «Portugalia», vol. II, pag. 179.

Observando o minhoto d'Entre Cavado e Ancora, verificou Fonseca Cardoso que as primeiras raças, de pequena estatura, se encontravam de preferencia na parte montanhosa da região estudada, emquanto a de alta estatura influenciou sobretudo o littoral maritimo, Afife, Carreço, foz do Neiva e tambem a villa de Ponte do Lima.

Estudando o serrano de Castro Laboreiro, o mesmo auctor pôde notar o perfeito fusionamento das duas raças primeiras e a ausencia da terceira na constituição do typo castrejo commum.

QUADRO XXIV

Distribuição do numero de estaturas por idades e suas médias

N.º de casos	Idade	Média da estatura	Differenças	
3	Superior a 23	1,687		
			+ 0,090	
5	23	1,597		+ 0,071
			— 0,019	
29	22	1,616		
			+ 0,005	
1:200	20 e 21	1,611		

A nós, dando como assente que estas tres raças povoam todo o Minho, cumpre-nos averiguar de que modo cada uma dellas entra na composição da população vimaranense.

Para tal dispômos apenas dos resultados obtidos com o estudo de 1:238 estaturas, relativas aos annos de 1899, 1900 e 1901, (1) extrahidas do registro camarario em que em tempo se lançava cópia das guias dos mancebos recrutados no concelho de Guimarães. Mas da sua comparação com os numeros de estatura encontrados por Fonseca Cardoso, poderá certamente esclarecer-se até onde devem ser perfilhadas e até onde modificadas, no que diz respeito a esta parte do Minho, as conclusões do illustre anthropologo.

(1) Depois desta data deixaram de registrar-se na Camara as guias passadas aos mancebos a inspeccionar. Quem quizer estudar as estaturas posteriores a 1901, tem de ir á séde do *Districto do recrutamento e reserva n.º 20*, que é em Amarante.

Dessas 1:238 estaturas, uma de 1^{m},202 pertencia a individuo cyphotico por rachitismo, e 37 distribuiam-se por idades superiores a 20 annos, como consta do Quadro XXIV.

Entre a média das estaturas de 20 e 21 annos que tomamos juntas, e a de 22 annos ha apenas 0^{m},005 de differença. Entre a estatura média de 22 annos e a média de idades superiores a 23 ha a distancia de 0^{m},071. Entre a estatura média de 22 annos e a de 23 ha, em vez de augmento, uma baixa de 0^{m},019. Entre a estatura média de 23 annos e a de idades superiores ha 0^{m},090 de differença.

Fonseca Cardoso achou numeros bem mais regulares na sua serie d'Entre Cavado e Ancora. (1)

QUADRO XXV

Desenvolvimento da estatura minhota dos 23 aos 20 annos

(Fonseca Cardoso)

N.º de casos	Idades	Estatura média (em metros)	Differenças
21	23	1,655	
92	22	1,645	— 0,010
592	21	1,635	
2:497	20	1,624	— 0,011

Postas de parte estas estaturas de idade superior a 21 annos e trabalhando só com as de 20 e 21, a seriação mostrou a Fonseca Cardoso que para o minhoto d'Entre Cavado e Ancora a estatura oscillava entre 1^{m},84 e 1^{m},26, ou sejam 58 unidades, e para o castrejo de Laboreiro entre 1^{m},74 e 1^{m},51, isto é, 23 unidades.

Para o minhoto de Guimarães a oscillação é menor que Entre Cavado e Ancora e maior que em Castro Laboreiro: vae de 1^{m},85 a 1^{m},35, 50 unidades de intervallo.

Fonseca Cardoso encontrou no minhoto d'Entre Cavado e Ancora a estatura média de 1^{m},626 e no de Castro Laboreiro a média de 1^{m},624.

(1) *O Minhoto*, etc., l. cit., pag. 30.

Estas estaturas, accrescentadas de $0^m,012$ para o seu completo desenvolvimento, ficam respectivamente $1^m,638$ e $1^m,634$.

O minhoto de Guimarães tem a média de $1^m,611$, que accrescentada com os 12 millimetros da regra, sóbe a $1^m,623$.

E' portanto inferior em 15 millimetros á d'Entre Cavado e Ancora e em 13 millimetros á de Castro Laboreiro.

QUADRO XXVI

Seriação das estaturas de 1.200 minhotos de Guimarães em comparação com as series de Fonseca Cardoso

ESTATURAS (em metros)	30 homens de Castro Laboreiro	3.089 minhotos d'entre Cavado e Ancora	1.200 minhotos de Guimarães
1,86—1,85	—	—	.08
1,84—1,83	—	.03	.08
1,82—1,81	—	.10	—
1,80—1,79	—	.29	.16
1,78—1,77	—	1.90	.50
1,76—1,75	—	1.55	1.00
1,74—1,73	3.3	2.41	1.91
1,72—1,71	3.3	5.49	2.41
1,70—1,69	6.7	7.01	4.25
1,68—1,67	6.7	9.56	7.58
1,66—1,65	10.0	**12.68**	10.75
1,64—1,63	**23.3**	12.42	10.83
1,62—1,61	6.7	**12.71**	**14.08**
1,60—1,59	**20.0**	11.09	12.16
1,58—1,57	6.7	8.78	11.83
1,56—1,55	10.3	6.76	8.08
1,54—1,53	—	3.03	4.33
1,52—1,51	3.3	2.19	4.41
1,50—1,49	—	1.49	1.83
1,48—1,47	—	.81	1.50
1,46—1,45	—	.51	.50
1,44—1,43	—	.23	.83
1,42—1,41	—	.12	.41

Na seriação das duas regiões que observou, achou Fonseca Cardoso dois maximos de frequencia em cada uma, correspondentes para Entre Cavado e Ancora ás estaturas de $1^m,66$—$1^m,65$ e $1^m,62$—$1^m,61$, e para Castro Laboreiro ás de $1^m,64$—$1^m,63$ e $1^m,60$—$1^m,59$.

Esta frequencia tem Entre Cavado e Ancora a intensidade de 12,68 e 12,71 %; e em Castro Laboreiro a de 23,3 e 20,0 %.

Na seriação de Guimarães nota-se um unico maximo de frequencia para a estatura de 1m,62—1m,61, correspondente a intensidade de 14,08 %.

Os numeros que indicam a frequencia de estaturas superiores a 1m,62 são Entre Cavado e Ancora maiores que os mesmos numeros de Guimarães. Pelo contrario os que Entre Cavado e Ancora marcam estaturas abaixo d'aquella, são inferiores aos similares de Guimarães.

QUADRO XXVII

Médias parochiaes de estatura (1)

Freguezias	N.º de Obs.	Média em metros	Freguezias	N.º de Obs.	Média em metros
S. Cosme de Lobeira . . .	2	1,459	S. Romão de Rendufe . . .	15	1,596
S. Miguel do Paraiso . . .	2	1,538	S. Martinho de Leitões . .	4	1,598
Santa Maria de Infias . . .	9	1,539	S. Thiago de Lordello . . .	25	1,601
S. Martinho de Conde . . .	1	1,543	Santa Maria de Silvares .	13	1,601
S. Estevão de Briteiros . .	5	1,549	S. Paio de M. de Conegos	20	1,601
Santa Eufemia de Prazins	2	1,560	S. Mamede de Vermil . . .	5	1,602
O Salvador de Pinheiro .	8	1,569	S. Paio de Vizella	14	1,602
S. João de Castellões . . .	3	1,570	S. João de Ponte	21	1,603
O Salvador de Donim . . .	2	1,574	S. Thomé de Caldellas . .	28	1,603
S. Paio de Figueiredo . . .	6	1,572	S. Thiago de Ronfe	29	1,604
Santo Thyrso de Prazins .	6	1,582	S. Clemente de Sande . . .	25	1,604
S. Thiago de Candoso . . .	7	1,582	S. Miguel das Caldas . . .	52	1,604
S. Miguel de Creixomil . .	27	1,583	S. Lourenço de Calvos . .	3	1,605
O Salvador de Briteiros .	9	1,584	S. Martinho de Candoso .	11	1,605
S. Lourenço de Sande . . .	13	1,586	Santa Christina de Longos	10	1,605
S. Pedro de Polvoreira . .	14	1,586	Santa Marinha da Costa .	13	1,607
O Salvador da Gandarella	4	1,591	Santa Maria das Infantas	10	1,611
S. Martinho de Sande . . .	22	1,591	Santa Maria de Souto . . .	11	1,612
Santa Maria de Serzedello	15	1,592	S. João de Gondar	8	1,612

(1) A somma do numero de observações de estaturas por freguezias não coincide com o total das estaturas observadas no concelho, porque houve a eliminar 210 estaturas com uma média de 1.609, que por incompleto preenchimento do registro se ignora a que freguezia pertencem.

Freguezias	N.º de Obs.	Média em metros	Freguezias	N.º de Obs.	Média em metros
S. Jorge de Selho	28	1,613	S. Miguel de Gonça	9	1,633
O Salvador de Souto . . .	12	1,613	Santo Estevão de Urgezes	22	1,634
S. João d'Airão	6	1,613	S.ta Maria de V. N. de Sande	2	1,636
Santa Marinha de Arosa .	1	1,615	S.ta Leocadia de Briteiros	17	1,636
S. Pedro d'Azurem	28	1,615	S. Miguel de Serzedo . . .	8	1,639
S.ta Eulalia de Nespereira	18	1,616	Santa Maria d'Athães . . .	9	1,640
S. Lourenço de Selho . . .	8	1,616	S. Faustino de Vizella . .	7	1,642
S. Pedro de Gominhães. .	5	1,616	S. Vicente de Oleiros . . .	9	1,644
Santa Maria dos Gemeos .	4	1,617	S. Christovão de Selho . .	13	1,645
Santa Maria de Matamá .	4	1,619	S. Romão de Mesão-frio .	12	1,645
S.ta Maria de Guardizella	9	1,620	Santa Maria d'Airão	13	1,645
S. Vicente de Mascotellos	1	1,620	O Salvador de Tagilde . .	16	1,646
S. Cypriano de Taboadello	3	1,621	S. João de Brito	4	1,646
S. João das Caldas	30	1,622	S. João de Pencello	5	1,649
S. Martinho de Gondomar	15	1,624	S. Mamede d'Aldão	2	1,649
Guimarães (cidade)	105	1,628	O Salvador de Balazar . .	8	1,660
S. Torquato	45	1,628	S. Thomé d'Abbação	3	1,672
Santa Maria de Corvite . .	3	1,628	S. Christovão d'Abbação .	4	1,674
S.ta Eulalia de Fermentões	18	1,629	S.ta Eulalia de Pentieiros	—	—
S. Claudio do Barco	4	1,629			

D'aqui parece logicamente deduzir-se a menor influencia das raças de alta estatura no concelho de Guimarães, manifesta não só na média inferior 15 millimetros á do minhoto d'Entre Cavado e Ancora, como ainda na seriação das estaturas onde a percentagem das altas é maior Entre Cavado e Ancora e a das baixas em Guimarães.

O apparecimento de um só maximo de frequencia, coincidindo com um dos maximos da serie d'Entre Cavado e Ancora e ficando entre os dois de Castro Laboreiro, parece tambem dizer a fusão mais intima das duas raças neolithicas com predominio daquella d'entre ellas que mais alta estatura apresentava.

Guimarães com o seu maximo de frequencia de 14,08 % em $1^m,62$—$1^m,61$, approxima-se de Ponte do Lima, que tem a frequencia de 14,11 % na mesma estatura.

A distribuição das médias de estatura por freguezias, no concelho

de Guimarães, é muito irregular e não parece obedecer a qualquer lei de acantonamento. Ha médias baixas e médias altas no valle, como ha médias altas e médias baixas na montanha.

O minhoto de Guimarães é pois, como o de Entre Cavado e Ancora, embora em proporção um pouco diversa, o representante de tres raças bem distinctas:

O *germano,* typo anthropologico d'Hallstatt, o *celta,* typo anthropologico de Grenelle, e em maior proporção o typo de Baumes-Chaudes, o *ligure,* velha migração asiatica — á qual Martins Sarmento queria conferir o quasi exclusivismo na constituição anthropologica de Portugal (1) — que se estendeu ao longo do Danubio, do Rhodano e do Rheno, que desceu para a Italia, subiu até á Inglaterra, occupou a Peninsula, levando aos quatro lados da Europa e conservando ahi durante longos seculos a civilisação que mais tarde os phenicios vieram encontrar nessas paragens.

Um leproso (Gominhães)

(1) Martins Sarmento. *Os Argonautas: Ora Maritima: Lusitanos, Ligures e Celtas: Os Celtas na Lusitania,* in «Revista Scientifica».

CASTELLO DE GUIMARÃES

Historia

RA no cimo dos montes que as populações que nos precederam sobre o solo do norte portuguez habitavam, á data da conquista romana, e ainda depois d'ella. (1)

Ahi tinham estabelecido povoações fortificadas cujas ruinas, com o nome de castros, castrejos, citanias e cividades, ainda enxameiam nas regiões duriminea, transmontana e calaica. Dellas são typos fundamentaes, no concelho que nos occupa, a Citania de Briteiros e o Côto de Sabroso. (2)

Alcandoradas em pincaros declivosos, a sua situação era já de si

(1) Veja a collaboração de Martins Sarmento no livro de Christovão Aires, *Historia do Exercito Portuguez*, vol. I, pag. 385 e segg.

(2) Martins Sarmento. *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol XIX, pag. 109, vol. XX, pag. 5, 57 e 112.

difficilmente accessivel; mas, para que o ataque resultasse mais seguramente improficuo, uma faixa de muralhas, simples, dupla ou triplice, acompanhada ou não de fossos, rodeava por completo a povoação ou protegia-a nos pontos de mais facil assalto. (1)

Dentro, a população abrigava-se em casas circulares, de pedra e talvez de madeira, obedecendo a um chefe e compondo-se de duas classes, a nobreza e os servos. (2)

Em volta, a cultura dispunha-se em taboleiros pelo monte abaixo, e no fundo era a selva, primitiva, (3) espontanea, emmaranhada, onde os soldados romanos tantas vezes se perdiam e embaraçavam, retardando a sua marcha conquistadora e triumphante.

Algumas destas povoações vinham já dos tempos neolithicos (como o castro de Lycêa), outras soffreram a influencia da civilisação do bronze (como o de Pragança), outras (como o de Sabroso) datam dos tempos proto-historicos, e ainda outras (de que é exemplo a Citania de Briteiros) soffreram a influencia civilisadora de Roma e parece terem sido habitadas pelo menos até ao seculo IV da nossa éra. (4)

Depois que os romanos pacificaram o territorio conquistado, a residencia nos altos tornou-se inutil; e se não desappareceu logo em virtude dos velhos habitos adquiridos, pouco a pouco, de geração em geração, os homens do alto desceram ao valle, com um certo caracter de permanencia, primeiro os servos que cultivavam as terras, depois a nobreza e por ultimo os chefes.

Parallelamente os terrenos fundos até então diminutamente cultivados, onde os gados de cada povoação se alimentavam em commum, começaram de ser aproveitados para a cultura.

O chefe, que á data da invasão romana já trazia as terras usurpadas, (5) guardando para si uma parte das que possuia distribuiu as restantes pelos homens livres que junto delle assistiam. A' classe servil, que não tinha direitos, ficou-lhe o encargo de trabalhar nas glebas dos outros. E porque Roma lançára sobre os chefes um tributo, estes para seu pagamento cobraram uma annualidade dos cultivadores a quem haviam distribuido terras.

---

(1) *Historia do Exercito Portuguez*, vol. I, pag. 286.

(2) Alberto Sampaio. *As «villas» do norte de Portugal*, in «Portugalia», vol. I, pag. 112.

(3) Ibidem, pag. 112. Cito Orosio: «Præterea ulteriores Galleciæ partes quæ montibus siluisque consitæ oceano terminatur, Antistius & Firmius legati, magnis grauibusque bellis perdomuerunt.»

(4) *Historia do Exercito Portuguez*, vol. I, pag. 407.

(5) Alberto Sampaio. *As «villas», etc.*, pag. 168.

Todavia Roma, pelo facto da conquista, tinha ou considerava ter sobre as terras distribuidas o direito de poder cassar e revogar as doações. Só depois de Vespasiano é que a propriedade entrou na posse plena dos que a cultivavam, pela egualisação dos direitos dos senhores provinciaes aos dos cidadãos romanos.

Assim se constituiu uma nova especie de propriedade até então desconhecida na peninsula, e a estas parcellas desmembradas da antiga propriedade collectiva das citanias chamou-se em latim *villæ*. (1)

As *villas,* resistindo atravéz dos seculos a todas as commoções que revolveram a Peninsula, chegaram ao comêço da monarchia como unidade rural e a nossos dias como freguezias independentes.

Os suevos, e os wisigodos que os seguiram de perto, encontrando na região invadida e conquistada uma civilisação muito superior á sua, acceitaram-na e fundiram nella os seus costumes.

A demarcação antiga das *villas* foi respeitada. O codigo wisigothico, além de mandar que se não alterem os limites da propriedade, commina penas aos infractores que arrancarem ou destruirem os signaes de demarcação. (2)

Os arabes, porque na região de que tratamos se demoraram pouco, e em occupação tranquilla pouquissimo, nada poderam fazer contra uma organisação que longos annos tinham radicado poderosamente nos costumes.

A restauração astur-leoneza tambem não trouxe para a demarcação das *villas* alterações sensiveis.

É verdade que á medida que as terras eram reconquistadas ao mussulmano, o rei tomava para si o senhorio das propriedades, que depois concedia como galardão aos seus nobres, sem lhe importar os direitos dos donos primitivos, que atravéz das vicissitudes da invasão tinham continuado a cultival-as pacificamente. (3)

Deste procedimento dos reconquistadores apenas resultou para a propriedade, que se conservou indissoluvel, a mudança de senhorio e muitas vezes a alteração do nome, porque o novo dono *por prezuria,* encontrando nas villas os antigos toponymicos romanos conservados pelos wisigodos, impunha-lhes o seu nome como signal evidente de occupação juridica. (4)

---

(1) Ibidem, pag. 122 e segg.
(2) Ibidem, pag. 125.—*P. M. H., Leg. et. cons.*, pag. 107.
(3) Alberto Sampaio. *As «villas» etc.*, passim.
(4) Ibidem, pag. 285-6.

Quando estas divisões agrarias foram juridicamente constituidas, no tempo de Augusto e posteriormente, a tendencia geral no mundo latino era para a formação da grande propriedade com absorpção da pequena.

Póde por isso estranhar-se que as maiores parcellas ruraes nessa data formadas ficassem muito áquem dos grandes latifundios romanos e perto do que então se chamava a pequena propriedade.

A estranheza desapparece attentando que a divisão parcellar se tinha feito já entre os dominadores das citanias e castros no periodo que precedeu a conquista romana, e que esta não veio mais do que sanccionar e precisar, impondo-lhe o seu cunho proprio, um estado de coisas preexistente. (1)

Apesar, porém, de muito pequenas em relação á divisão agraria romana, as *villas* eram na generalidade enormes para as epochas posteriores e para nossos dias.

Soffreram, por isso, desmembramentos successivos, que no correr dos tempos conduziram ao predio rustico actual.

Mas como quer que as relações de parentesco e amisade ligassem tradicionalmente os cultivadores de cada *villa,* depois que ellas deixaram de ser dominio de um só não perderam por este incidente a individualidade historica, e ahi os vêmos hoje constituindo freguezias de que agora o nucleo é a egreja, (2) como o era antes o paço do senhor... (3)

●

Foi numa destas *villas,* constituida como acabamos de expôr, que teve origem a cidade de Guimarães. (4)

---

(1) Ibidem, pag. 594.

(2) Ibidem, pag. 583.

(3) Por brevidade reenviamos o leitor para o magnifico estudo de Alberto Sampaio, apenas nos pontos principaes. Mas todo este paragrapho sobre as villas romanas e a sua evolução é o resumo daquelle trabalho magistral.

(4) Gaspar Estaço de Brito. *Varias antiguidades de Portugal*, fl. 1 e segg. — P.e Torquato Peixoto. *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, pag. 151 e segg. — P.e Antonio Carvalho da Costa. *Chorographia portugueza*, vol. I, pag. 3 e segg. (edição de 1868). — P.e Antonio Ferreira Caldas. *Guimarães, Apontamentos para a sua historia*, vol. II, pag. 12. — Francisco de Serra Craesbeak. *Memorias resuscitadas de Portugal d'Entre Douro e Minho*, ms. da Academia Real das Sciencias.

Todos estes auctores, Estaço exceptuado, contam, sobre a fundação de Guimarães, varias invencionices tão destituidas de senso como de verdade historica. Para esses, Guimarães dataria do anno preciso de 339, antes de Christo, fundada pelos gallo-celtas.

O auctor julga ter abundantemente demonstrado no artigo *O Claustro da Collegiada*, em

Mummadona, (1) condessa viuva aparentada com a casa real de Leão, (2) em observancia de um voto de seu marido na hora de morrer, (3) edificou na *quinta de Vimaranes,* pelo meado do seculo X, (4) um mosteiro duplex a que se recolheu, dotando-o amplamente. (5)

Poucos annos passados, sob o terror de uma irrupção normanda (6) que viera até perto, juntou ao convento, no monte que lhe ficava a cavalleiro, um castello que podésse servir-lhe de defeza e refugio.

Mummadona e seus filhos eram abundantemente ricos. Poderam assim favorecer o mosteiro com amplissimas doações, que este augmentou em compras successivas. (7)

A' data da entrada do conde D. Henrique na Hespanha, um seculo depois da sua fundação, o cenobio vimaranense era já riquissimo em terras. Do Minho ao Vouga, e ainda para além dest^s rios, se lhe contavam numerosas propriedades, como o attesta o inventario dos bens realisado em 1059. (8)

O burgo vimaranense nasceu e desenvolveu-se sob a influencia desta crescente prosperidade. Onde com annos antes viviam apenas alguns miseraveis servos de gleba cultivando um predio rustico, (9) surgira uma população inteira acolhendo-se á protecção espiritual do convento e á segurança material do castello.

---

publicação na «Revista de Guimarães» (vol. XXII, pag. 30 e segg. e vol. XXIII, pag. 18 e segg.), que o apparecimento de Guimarães se deve, como o texto narra, á piedosa fundação de Mummadona. Demais, Alexandre Herculano *(O Bôbo,* pag. 19), Martins Sarmento *(Rev. de Guim.,* vol. XXIII, pag. 5 e segg.), Alberto Sampaio *(As «villas» do norte de Portugal,* l. cit., pag. 584 e 804) e outros já assim pensavam antes do auctor.

(1) Veja nos *Portugaliæ Monumenta Historica, Diplomatæ et chartæ,* os documentos pertencentes ao cartulario conhecido pela designação de *Livro de Mummadona,* actualmente na Torre do Tombo e antes no Archivo da Collegiada de Guimarães, onde Estaço o consultou e utilisou.

(2) *P. M. H., Dipl. et chart.,* doc. 36 e 71.

(3) Ibidem, doc. 76.

(4) A data precisa da fundação ignora-se; mas em 953 já o mosteiro comprava terras. *(P. M. H., Dipl. et chart.,* doc. 67.)

(5) *P. M. H., Dipl. et chart.,* doc. 76 e 97.

(6) *P. M. H., Dipl. et chart.,* doc. 97. O documento não diz expressamente que se trate de normandos, porque lhes chama *gentilium.* Frei Manoel da Rocha *(Portugal renascido,* pag. 337) opina que se trata de normandos; Gama Barros *(Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV,* vol. II, pag. 8) acceita a opinião; Alberto Sampaio *(As «villas» do norte de Portugal,* l. cit., pag. 804) diz o mesmo, sem adduzir testemunhos; mas posteriormente *(As povoas maritimas do norte de Portugal,* in «Portugalia», vol. II, pag. 230) esteia-se no Chronicon de Sampiro *(Espanha Sagrada,* tom. XIV, pag. 471), que menciona uma invasão sarracena excepcionalmente duradoura de 966 a 984. O documento que falla na fundação do castello, como coisa já realisada depois de 959, é de 968.

(7) *P. M. H., Dipl. et chart.,* nos documentos pertencentes ao *Livro de Mummadona.*

(8) Ibidem, doc. 420.

(9) Alexandre Herculano. *O Bôbo,* na passagem citada acima.

Com o estabelecimento do conde D. Henrique em Guimarães e com o foral que este logo lhe concedeu, (1) o burgo humilde tomou incremento.

Uma treva espessa vela estes primeiros annos de Guimarães, côrte do burgonhez, talvez patria do primeiro Affonso. (2) A extensão do povoado desconhece-se. Os successos do tempo ignoram-se. A *Vida de S. Geraldo* (3) falla vagamente de congregação de proceres ou côrtes que então em Guimarães se realisaram.

Com o conde vieram alguns francezes habitar Guimarães. (4) Ahi se estabeleceram na rua dos Francos e ahi edificaram, a poucos passos do convento de Santa Maria, a igreja de S. Thiago. (5)

D. Henrique vivendo, ao que se conjectura, junto do castello no local onde os duques de Bragança edificaram mais tarde o seu paço, (6) foi quem provavelmente fez construir a igreja de S. Miguel, que as *Inquirições* de 1258 dizem ter sido capella real; (7) nesta data se edificou tambem, se é que o não tinha sido um pouco anteriormente, a igreja de S. Paio.

Assim encontramos erectos, ao alvorecer do reino, os templos que durante as primeiras dynastias iam ser a séde das parochias urbanas de Guimarães: Santa Maria, a fundação de Mummadona, alma-mater do burgo, mais velha que o reino, transformada de mosteiro em igreja collegiada por D. Affonso Henriques; S. Thiago da Praça, capella dos francos que acompanharam D. Henrique; S. Miguel do Castello, primeiro

---

(1) A entrada de D. Henrique na Hespanha foi em 1095 (Alex. Herc., *Hist. de Portugal*, vol. I, pag. 194). O foral de Guimarães, sem data, só póde ser de 1096 ou 1095. 1096 é a data do foral de Constantim de Panoias, que faz referencias ao de Guimarães. Veja *P. M. H., Leges et consuetudines*, pag. 350.

(2) E' incerto que D. Affonso Henriques nascesse em Guimarães. O auctor já fez vêr no artigo *Historia Patria*, publicado no «Independente» de Guimarães (5.º anno, n.º 245), com grande escandalo dos patriotas locaes, que nenhum documento ou chronica coeva auctorisa a affirmativa. Veja *P. M. H., Scriptores*, pag. 2, 11, 19, 21 e 22.

(3) «Accidit au tem eo tempore ut ex præcepto Comitis Henrici, qui tunc Portugalensi terræ dominabatur, omnes proceres Portugalenses Vimaranes convenirent.» (Vita Sancti Geraldi, *P. M. H., Scriptores*, pag. 55.)

(4) José Anastacio de Figueiredo. *Nova historia da ordem de Malta*, vol. I, pag. 16 e 17. — Antonio Caetano de Sousa. *Historia Genealogica da Casa Real*. Provas, vol. I, pag. 3. — Alexandre Herculano. *Historia de Portugal*, vol. I, pag. 220 e vol. III, pag. 224. — Alberto Sampaio. *As «villas» do norte, etc.*, l. cit., pag. 805; do auctor *O Claustro da Collegiada de Guimarães*, l. cit., vol. XXII, pag. 55.

(5) O ser a igreja de S. Thiago um antigo templo de Ceres, é uma lenda sem pés nem cabeça.

(6) Alberto Sampaio. *As «villas» do norte, etc.*, l. cit., pag. 805.

(7) *P. M. H., Inquisitiones*, pag. 736.

capella real e depois, como S. Paio, suffraganea de Santa Maria de Guimarães.

Em torno dessas igrejas, simples e modestas ermidas de que S. Miguel do Castello nos dá ainda hoje o modêlo restaurado, a população ia brotar, crescer, expandir-se em nucleos isolados, que lentamente se fundiriam num todo compacto.

As luctas que iniciaram o reinado de Affonso I deram a Guimarães o seu baptismo de sangue; junto della se pelejou a batalha de S. Mamede (1) e foi ao cêrco do seu castello que a palavra de Egas Moniz pôz termo.

Das penas e soffrimentos que então arrostaram os homens bons do burgo, do bom e leal serviço que então prestaram ao moço combatente, que a golpes de espada talhava um reino para si e para os seus, ainda hoje existe prova nas gratas palavras do foral de D. Affonso Henriques. (2)

Ha muito divorciados da guerra, porque ha muito o sarraceno os deixára em paz, pacificos homens de commercio, artifices tranquillos, que já então decerto por aqui tanavam o couro e batiam o ferro, não faltaram com o seu auxilio na hora amarga da lucta a quem para elles consubstanciava o sonho de independencia local, que então germinava em cada cerebro de peninsular.

Logo depois d'esta lucta, talvez mesmo consequencia della, se é que o fermento não vinha de mais longe, (3) uma scisão se operou no burgo vimaranense.

---

(1) O castello de Guimarães chamou-se de S. Mamede, «*castellum quos vocitant sanctum mames.*» (*P. M. H., Dipl. et chart.*, doc. 97.)

(2) Diz o foral:

«Ego Infante domno A. enriquiz Placuit mihi per bona pace et per bona uolantate quod faciam ad uos bonos homines de Vimaranes proinde quod uos fecistis honorem et cabum super me et fecistis mihi seruicium bonum et fidele. Et ego uolo super uos et super filios uestros et super omni progenie uestra facere honorem et cabo... E de illas hereditates de illos burzeses qui mecum sustinerunt male et pena in Vimaranes nunqum donent fossadeiras.» (*P. M. H., Leg. et cons.*, pag. 351.)

Ao mesmo facto se referem os termos de uma doação citada por Brandão, na qual se diz:

«... pro servicio quod mihi fecisti in obsidione Vimaranensi adversus Regem Alfonsum meum consanguineum una cum Suario Menendi, dictus Grossus, et cum aliis de suo genere.» (Doação a Mem Fernandes. — Brandão. *Monarchia Lusitana*, parte 3.ª, liv. IX, cap. 19.)

(3) A construcção do castello poucos annos tardou após a do mosteiro, e desde que ambos se acharam levantados tinha a aggremiação urbana dois centros de attracção, entre os quaes talvez desde logo se estabelecesse rivalidade.

Quando foi da batalha de S. Mamede e do cêrco de Guimarães, é bem possivel que os moradores visinhos do castello prestassem a D. Affonso Henriques serviços mais assignalados que merecessem especial galardão.

A sua parte mais alcantilada, que se dispunha em ruelas tortuosas em volta da fortaleza, constituindo a freguezia de S. Miguel do Castello, destacou-se do conjuncto geral. D. Affonso Henriques conferiu-lhe privilegios especiaes e jurisdicção apartada. (1) D. Sancho I, confirmando-lhe a independencia, marcou-lhe limites definitivos, percorrendo-os a cavallo acompanhado do seu sequito num apparato que as *Inquirições* de 1258 relembram. (2)

Assim se encontraram lado a lado, unidas por ruas que as communicavam, irmanadas pela origem commum de que tinham procedido, duas povoações com jurisdicções e magistrados proprios. O concelho de Guimarães reunia provavelmente na galilé de Santa Maria, os juizes do castello davam audiencia sob o alpendre de S. Miguel. (3)

Era um estado de coisas anomalo, fonte perenne de questões, que não poderia subsistir quando a organisação politica do paiz se regularisasse.

Um dos concelhos devia absorver o outro, mais tarde ou mais cêdo. E assim foi. O povoado inferior, evidentemente o mais antigo, e que primeiro recebeu foral, conglobou na sua jurisdicção o superior, não sem opposição pertinaz, que se protrahiu até ao reinado de D. João I.

Logo no tempo de D. Affonso III, quando se organisaram as *Inquirições,* os moradores do castello de Guimarães se sentiram lesados, porque nas actas dellas se não expressavam todos os fóros e privilegios de que se achavam de posse.

Sendo a queixa attendida pelo rei e procedendo-se a nova *Inquirição,* ficaram então bem descriminadas as jurisdicções, e bem expressos os privilegios, que até ahi parece terem andado apenas na tradição oral. (4)

Entretanto a povoação do castello tinha-se murado ou neste reinado ou em algum dos antecedentes, posterior a D. Sancho I. (5) E este circuito de pedra circumscripto ao burgo superior, mais ajudava a divisão politica que D. Affonso Henriques iniciára, dando-lhe uma base material e trazendo para cada uma das povoações condições de vida differentes.

---

(1) *P. M. H., Inquisitiones,* pag. 736.

(2) Ibidem, pag. 736.

(3) «... em cada huma domaa façam audiencia esses juyzes ambos huum dia da domaa dentro na villa do castello soo alpendre de sacta margarida.» (Archivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Fernando,* liv. I, fl. 63 v.)

(4) Arch. Nac., *Chanc. de D. Affonso III,* liv. I, fl. 116. O documento foi publicado na integra na «Revista de Guimarães», vol. XV, pag. 809, pelo snr. Abbade de Tagilde.

(5) Posterior a D. Sancho I, porque se este rei percorreu os limites da villa a cavallo para os demarcar, é porque ella não estava então murada.

Mas com D. Diniz acabaram-se novas muralhas, muito mais extensas, que descendo a encosta do monte em que o castello se erguia, vinham abraçar no seu ambito as igrejas de Santa Maria, S. Thiago e S. Paio, com a casaria que em roda se apinhára.

Os muros, que um momento tinham sido a divisoria papavel entre as duas povoações, unificavam-nas agora num estreito abraço, e o burgo inferior, crescido em torno da cathedral, mais uma vez sentiu reviver o desejo de se apossar da pequena villa do castello.

Azou-se-lhe a occasião no tempo de D. Fernando quando, como mais de espaço relataremos adiante, os moradores de Guimarães inferior tiveram de defender do ataque de Henrique II de Transtamara a villa superior, onde os habitantes fraquejavam na defeza.

Explorando este auxilio e o beneficio que nelle tivera o rei em não se perder a povoação, conseguiram que D. Fernando lhes concedesse jurisdicção sobre a villa velha, por ser logar que não podia ou não sabia defender-se. (1)

Mal porém se apanharam dominadores, os juizes de Guimarães começaram de lançar sobre os dominados fintas, talhas e outros impostos, em tal quantidade que uns abandonavam a villa do castello e outros protestavam energicamente.

Ante a resistencia dos desapossados D. Fernando recuou, procurando uma transição que o conciliasse com ambos os litigantes, e acabou por determinar que, embora unidas as jurisdicções, na eleição dos juizes e vereadores esta recahisse para um juiz e um vereador em pessoas da villa do Castello, e que cada semana uma vez os juizes déssem audiencia sob o alpendre de Santa Margarida. (2)

Quando, por morte de D. Fernando, o throno portuguez vagou, Guimarães, que tinha por alcaide Ayres Gomes da Sylva, seguiu as partes de Castella.

Se o espirito publico abraçava de boamente a causa que lhe impunha o governador e os seus homens d'armas, é impossivel dizer-se; mas pelo correr dos successos é de crêr que não, ao menos na villa baixa, que, quando D. João I veio sobre Guimarães, logo se rendeu. Na villa superior a resistencia demorou, e foi decerto em revindicta que D. João lhe cortou de vez os privilegios. (3)

---

(1) *Carta régia de 20 de setembro de 1369.* (Arch. Nac., *Chanc. de D. Fernando,* liv. XVIII, fl. 46 v., e Archivo da Camara de Guimarães, Pergaminho inedito muito bem conservado, com sêllo de chumbo pendente de um cordão de sêda.)

(2) *Carta régia de 20 de setembro de 1369.* (Arch. Nac., *Chanc. de D. Fern.*, liv. I, fl. 63 v.)

(3) *Carta de 31 de dezembro de 1389.* (Arch. Nac., *Chanc. de D. João I,* liv. II, fl. 3 v.)

Assim se liquidou para sempre a questão que durante perto de tresentos annos desuniu os homens bons de Guimarães, dispersando-lhes a actividade em rivalidades estereis que nada justificava.

Mas revertamos.

Desde 1128 até 1216, quasi cem annos, atravéz de todo o reinado de D. Affonso Henriques e D. Sancho I, a villa elaborava em paz a sua futura grandeza commercial e industrial, sem que os azares da guerra a distrahissem um instante das suas occupações tranquillas.

Mas em tempo de D. Affonso II rebentou, quasi logo no comêço do seu reinado, uma outra lucta, tambem sobre jurisdicção, que havia de durar até á implantação do regimen liberal, com alternativas longas de exacerbação e acalmia.

A collegiada de Guimarães pretendia-se, desde a origem, isenta da auctoridade episcopal, immediatamente sujeita no espiritual á Santa Sé e no temporal ao rei.

O arcebispo D. Estevão Soares da Silva, vendo desconhecido, pela igreja de Santa Maria e pela villa, o que julgava o seu direito de prelado e fiando pouco, ao que parece, da efficacia das excommunhões, accommetteu Guimarães com muitos homens d'armas, sem conseguir que a sua auctoridade fosse reconhecida. (1)

Os burguezes de Guimarães deviam ter tremido um momento. Era a guerra que voltava, e com ella todas as tristes consequencias: as industrias paralysadas, o commercio perdido. Mas a pendencia que resultou foi, graças a Deus! toda juridica e veio a terminar por uma concordata em que se reconhecia ao D. Prior, na igreja de Guimarães e nas annexas, auctoridade episcopal. (2)

Nesta lucta pela sua independencia, os vimaranenses viram-se desajudados e até prejudicados pelo rei, pois que tendo até alli o concelho e o cabido o direito de eleição do D. Prior, D. Affonso II avocou a si essa prerogativa, dando ao arcebispo de Braga a faculdade da confirmação. (3)

Os de Guimarães submetteram-se de fraca vontade á determinação régia, e nós veremos a questão renascer mais de uma vez, apesar de todas as concordias firmadas de lado a lado.

---

(1) P.e Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. II, pag. 62. E' decerto a esta lucta que se refere o documento atraz citado (nota 4 á pag. 56) na phrase ... *deuesam quam taliaverunt homines de Brachara.*

(2) Archivo da Collegiada de Guimarães, *Primeira concordata.*

(3) *P. M. H., Inquisitiones*, pag. 737.

Durante o reinado de D. Sancho II e D. Affonso III, a calma volta. Até ao fim do governo de D. Diniz conta-se um novo periodo secular de paz, em que apenas as côrtes de 1250, convocadas por D. Affonso III, (1) e as de 1288, reunidas por D. Diniz, (2) quebram a monotonia de um viver exclusivamente dedicado ao trabalho.

Ao tempo da velhice de D. Diniz, porém, quando o infante D. Affonso, depois Affonso IV, se rebellou contra o pae e lhe moveu guerra Entre Douro e Minho, os de Guimarães sustentaram a villa pelo velho rei e, apesar de serem poucos e terem sido combatidos até pelos moradores de alguns julgados comarcãos, souberam defendêl-a praticando *façanha de grã lealdade,* (3) que D. Diniz lhes agradeceu em mais de um documento publico.

Em tempo de D. Affonso IV tambem a villa se sustentou pelo rei, defendendo-se do infante D. Pedro quando este se revoltou após a morte de D. Ignez de Castro. Junto de seus muros, no claustro do convento de S. Francisco, prometteu o rei ao infante, e vassallos que o tinham acompanhado, perdão que jurou nas mãos do arcebispo de Braga, D. Guilherme, em 14 d'agosto de 1355. (4)

O curto reinado de D. Pedro foi para Guimarães uma epocha tranquilla.

Depois, reinando D. Fernando, Henrique II de Transtamara, após successos universalmente conhecidos, invadiu Portugal ao lado de um caudilho de reputação europeia, *messôr* Beltrão Duguesclin, condestavel de França.

Na sua marcha victoriosa tomaram Braga, que era pouco defensavel, e precipitaram-se sobre Guimarães.

O modesto burgo, porém, acostumára-se a estes embates. Resistira a Affonso VII de Leão, ás tropas do arcebispo D. Estevão, a D. Affonso IV e a D. Pedro I, quando infantes.

Os homens afeitos na labuta do trabalho tinham-se habituado tambem á defeza dos muros. A mesma mão brandia, com pericia egual, o malho ou a acha, e a mesma tranquillidade reinava nos corações quando

---

(1) *P. M. H., Leges et cons.*, pag. 189.

(2) Gama Barros. *Hist. da adm. pub., etc.*, vol. I, pag. 446.

(3) Privilegio de D. Diniz, encorporado na confirmação de D. João III, Livro da Pasta, fls. 12, no Arch. da Cam. de Guimarães.

(4) Arch. Nac. (Gav. 13, m. 9, n.º 26). O documento foi transcripto na integra por Ayres de Sá *(Frei Gonçalo Velho*, pag. 71 e segg.).

se debruçavam sobre os tanques de curtimento ou sobre o parapeito das muralhas.

Chegou, pois, D. Henrique a Guimarães e assentou arraial afastado dos muros. Logo sem mais esperar os de dentro, capitaneados por Gonçalo Paes de Meira, «bom cavalleiro e para muito», (1) deram sobre elle em escaramuças victoriosas. Apertou o castelhano o cêrco chegando-se aos muros, e mandou armar engenhos de arremesso. As terriveis machinas ergueram-se ameaçadoras, mas as pedras que rejeitavam nunca fizeram mal aos de dentro, nem homens nem animaes. Montam os da villa seus engenhos em tudo semelhantes e logo, por evidente mercê de Deus, as pedras matam muitos sitiantes, alvoroçando o arraial. (2)

D. Henrique furioso praguejava, jurando não abandonar a villa sem que a tivesse tomado. E pois que por força via a impossibilidade de fazêl-o, experimentou conseguil-o por ardil.

Concertou-se com Diego Gonçalves de Castro que entrasse nella disfarçado e lhe pozesse fogo aos quatro lados, offerecendo assim occasião propicia para o ataque.

Foi o fidalgo mal succedido e, conhecido logo na entrada, o mataram e deram por pasto aos cães. (3)

O de Transtamara trazia prisioneiro D. Fernando de Castro, que fôra captivo em Montiel e suspirava por occasião de se evadir. Souberam-no os cercados e, para maior vexame dos sitiantes, organisaram uma sortida «*tomando-lhes dante em no seu real presença*» o fidalgo prisioneiro. (4)

D. Henrique então desanima, e vendo que não podia tomar a villa, pretexta novas que lhe chegavam de um ataque de mouros em Algeciras e retira-se, como se de tão longe podésse ir acudir-lhe. (5)

Emquanto se desenrolavam os successos que haviam de conduzir ao throno o Mestre d'Aviz, Guimarães, como dissemos atraz, teve voz por Castella. Ayres Gomes da Sylva, o Velho, seu alcaide nesse tempo, era casado com uma hespanhola. (6) Ou ligações de familia ou promessas entorpeciam-lhe o patriotismo. Mas dentro da villa baixa o espirito publi-

---

(1) Fernão Lopes. *Chronica de D. Fernando*, cap. XXXVI.

(2) Ibidem, cap. XXXIV.

(3) Ibidem, cap. XXXIV.

(4) Arch. Nac., *Chanc. de D. Fern.*, liv. I, fl. 77 v., e Arch. da Cam. Mun. de Guimarães, *Pergaminho de D. Fernando*. Este pergaminho tem o altissimo valor de apoiar uma versão do facto com a qual não concordava Fernão Lopes. (*Chron. de D. Fern.*, cap. XXXIV.)

(5) Fernão Lopes. *Chronica de D. Fernando*, cap. XXXV.

(6) Fernão Lopes. *Chronica de D. João I*, 2.ª parte, cap. X.

co parecia-lhe adverso, não só entre os villões, a arraia-miuda que então para nada contava, como até entre os ricos fidalgos que mais pompeavam em galas e despezas.

Viviam a esse tempo na villa Affonso Lourenço de Carvalho e seu cunhado Paio Rodrigues, de quem sobretudo o alcaide se arreceava, porque tinham parentes na hoste de D. João I. (1) E por ahi foi que lhe veio o mal.

Praticando o rei um dia no Porto, com o acutiladiço D. Lourenço de Chamusca, arcebispo de Braga, sobre traças de conquistar a villa sem grande custo, lembrou-lhe o prelado que escrevesse a Affonso Lourenço e ao cunhado sobre o assumpto. Foi a carta com as devidas cautelas, muito cheia de promessas, pedindo a Affonso Lourenço que chegasse ao Porto para fallar com o rei sobre o negocio.

Veio ò escudeiro á entrevista, e acceita a proposta e concertado o plano e dia, sahiu o monarcha do Porto com trezentos cavalleiros. Iam devagar e calados. Porque um cavallo rinchou, o rei o fez matar. Entretanto Affonso Lourenço, em Guimarães, pretextando a entrada de uma cuba de vinho, fizera abrir ante-manhã o postigo de S. Paio. Por elle entrou primeiro ao romper d'alva, a cavallo, o famoso Sá das Galés gritando:—Portugal! Portugal!, emquanto as atalaias estremunhadas chamavam por Castella e uma cutilada o colhia pelo rosto. (2)

A cêrca da villa baixa foi logo levada de vencida e saqueadas as casas dos sequazes de Castella. Ayres Gomes, os seus homens d'armas e partidarios acolheram-se á villa superior, (3) e ahi organisaram a resistencia, vendo-se D. João I obrigado a um cêrco com que não contava. (4)

Afinal, após alguns dias de lucta, vieram a accôrdo. Ayres Gomes mandaria a Castella recado e, se dentro em trinta dias não fosse soccorrido, entregaria a villa, sahindo os que dentro estavam com o que possuiam. (5) Assim se fez. Mas emquanto se esperava a resposta, certo dia foi a preiteza quebrada por um mal entendido e, tendo-se os de D. João I lançado ao assalto dos muros, a mulher do alcaide Ayres Gomes andava nos adarves, entre a grita dos combatentes e o fumo do pêz derretido, com uma abada de pedras que ia distribuindo aos soldados. (6)

---

(1) Ibidem, 2.ª parte, cap. x.

(2) Ibidem, 2.ª parte, cap. xi.

(3) Fernão Lopes explica logo no comêço do capitulo x que Guimarães tinha duas cêrcas de muros. Oliveira Martins *(Vida de Nun'Alvares*, pag. 223) não comprehende.

(4) Fernão Lopes. *Chronica de D. João I*, 2.ª parte, cap. xi.

(5) Ibidem, 2.ª parte, cap. xii.

(6) Ibidem, 2.ª parte, cap. xii.

Chegou emfim a noticia de que o rei de Castella não soccorria Ayres Gomes da Sylva, e este logo entregou a villa. Começava junho de 1385, e para a villa e para o paiz, chamado a mais altos destinos, uma éra nova ia iniciar-se que duraria dois seculos, *l'espace d'un matin*.

●

Está feita a historia politica de Guimarães atravéz da primeira dynastia. E' uma chronica vaga, sem personalidades, que no seu anonymato deixa desprender melhor os sentimentos collectivos de independencia local e fidelidade á auctoridade suprema do rei.

Os archivos guardaram memoria das luctas, mas esqueceram os luctadores. Nas contendas pela jurisdicção independente da Collegiada e pela auctoridade sobre a pequena villa do castello, se é que houve nomes em destaque, perderam-se no correr dos tempos. Nas investidas dos inimigos externos obliterou-se a memoria dos organisadores da defeza local em tempo de D. Affonso II, D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I. Só em Fernão Lopes ficou lembrança de Gonçalo Paes de Meira batendo Duguesclin e de Affonso Lourenço entregando por ardilosa traição (1) a villa ao Mestre d'Aviz.

Mas a chronica politica não basta. E' mister retroceder e procurar quantos vestigios existam da historia economica e social de Guimarães durante o obscuro periodo que abrange a primeira dynastia.

Como já tivemos occasião de escrever, a povoação começou desenvolvendo-se em dois nucleos: um inferior, cujo centro era a igreja e mosteiro de Santa Maria, outro superior, em volta do castello de S. Mamede. Um era o burgo guerreiro, outro o burgo ecclesiastico. Os homens d'armas e os que viviam da arte da guerra, estabeleceram-se em cima. Os clerigos, os fornecedores do convento, os mercadores e os artistas, agglomeraram-se em baixo.

Pouco a pouco, no seu crescimento progressivo, as duas povoações iam-se approximando, até que um momento chegou em que se encontraram fundidas.

O povoado superior teve logo de começo, pelo estreito ambito em que se estabeleceu e pela muralha que cêdo o rodeou, uma cohesão e uma unidade que parece ter faltado, em principio, ao povoado inferior.

---

(1) Ibidem, 2.ª parte, cap. XIII.

Este, bem que circuitando a igreja de Santa Maria e aquellas que se foram succedendo, cêdo bracejou antes de completamente se adensar.

As *Inquirições* de D. Affonso III, relativas á *villa vimaranes*, fallam de *vicos* (1) existentes na sua área, parecendo querer designar logarejos onde a agglomeração de casas se fez de preferencia, separados das agglomerações congeneres por espaços deshabitados, repartidos talvez em hortas e cortinhas atravéz das quaes corriam as ruas.

As mesmas *Inquirições* mencionam a *rua de Gatos,* um prolongamento do povoado que descia, entre campos, até á freguezia de S. Miguel de Creixomil, (2) havendo da *rua Caldeiroa* (3) (outro bracejamento para a mesma freguezia), e ainda da *rua Mosqueira* (4) e *Campo da feira* (5) (tambem expansões excentricas da villa) memorias contemporaneas.

Assim a cohesão, o apertar do povoado num curto espaço, o multiplicar das ruelas turtuosas, só veio depois, quando Guimarães no seu crescer incessante se encontrou fechada numa barreira de muralhas, que, ao constituirem-se, abandonaram já fóra do seu circuito, por demasiado longinquas, as expansões retrocitadas e outras de que restam vestigios.

Desde D. João I a villa, afóra a physionomia medieval, devia ser, na parte circumscripta intra-muros, o que hoje é. Algumas ruas, como a de *Alcobaça,* a de *Santa Maria,* a de *Val-de-Donas,* conservam ainda, atravéz de todas as vicissitudes, o nome que já então tinham. Outras, como a dos *Mercadores,* a *Escura,* a do *Gado,* a *Sapateira,* só ha poucos annos perderam o toponymico tradicionalmente caracteristico. (6) Outras, como a de *Donães,* teem agora uma designação que é a fórma corrupta do nome que primeiro as distinguiu, e que no caso apontado é *Dona Anaïs.* (7)

A população, que dentro destas ruas se movia, póde calcular-se.

Fundando-se na lista dos besteiros do conto, Rebello da Silva confere a Guimarães, á data da organisação da lista (1422 approximadamen-

---

(1) *P. M. H., Inquisitiones,* pag. 737.

(2) *P. M. H., Inquisitiones,* pag. 710 e 738.

(3) *Rua Caldeerona.* Archivo da Collegiada de Guimarães, *Livro 2.º dos Testamentos,* fls. 118 v.

(4) Arch. da Coll. de Guimarães, *Livro das transacções e escambos,* fls. 77.

(5) *Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Collegiada de Guimarães,* in «Archeologo Portuguez», vol. x, pag. 129.—Abbade de Tagilde. *A feira de S. Gualter,* in «Independente», 5.º anno, n.º 244.

(6) Até 1878 a mudança dos nomes das ruas era da attribuição do administrador do concelho. Não cabe por isso á camara responsabilidade neste facto.

(7) Arch. da Cóll. de Guimarães, *Livro dos Contractos,* fls. 27.

te) o numero de 2:130 habitantes. (1) O valor da relação dos besteiros como base de calculo da população tem sido muito contestado, e ultimamente terminantemente negado por Gama Barros. (2)

Pelo que toca a Guimarães, os numeros que Rebello da Silva dá são bastante inferiores ao que suppômos a verdade.

Quando os inquiridores de 1258 vieram a Guimarães, acharam que quasi todas as casas da villa inferior se negavam ao pagamento do tributo annual que o foral especificava. Os inquiridores contaram-nas. Eram mais de quatrocentas. (3) Se a estas juntarmos as casas de S. Miguel do Castello, então ao que parece de densa população, e tambem aquellas que na villa baixa porventura se não eximiam ao pagamento do tributo devido, podemos com approximação computar em 500 o numero de fogos, e os habitantes, pelo calculo usual, em 2:250.

Não é crivel por isso que em 1422 (164 annos decorridos) o numero de habitantes fosse de 2:130, porque então a população teria decrescido.

E não é crivel sobretudo porque, em 1527, quando D. Affonso III organisou o *Livro do Numero*, (4) os habitantes de Guimarães, repartidos por 1:405 fogos que o livro indica, deviam ser proximamente 7:230. (5)

Se déssemos credito a Rebello da Silva, emquanto nos 164 annos, que vão de 1258 a 1422, se produziu uma baixa na população, nos 105 annos que decorrem desde 1422 a 1527, teria havido um crescimento a que corresponderia a taxa annual de 22,8 por 1:000 habitantes, que reputamos elevadissima para o tempo.

Ora o primeiro periodo é justamente um periodo de crescimento populacional geral, em que difficilmente se póde admittir um recuo, emquanto o segundo periodo, com a contínua exportação d'homens para as aventuras das descobertas, é que bem podia ser de baixa censuaria.

Estas considerações fazem-nos rejeitar absolutamente os numeros de Rebello da Silva,—e tomando como verdadeiras, dentro de certos limites, as cifras das *Inquirições* e do *Livro do Numero,* e suppondo o cresci-

---

(1) Rebello da Silva. *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal,* pag. 146. Noutro lanço do seu livro dá Rebello da Silva a Guimarães 21:300 habitantes. E' erro de cifra. Já Gama Barros notou que o livro de Rebello da Silva está cheio de grosseiros erros. *(Hist. da adm. pub.*, vol., II, pag. 307.)

(2) Gama Barros. *Hist. da adm. publ.*, vol. II, pag. 304.

(3) *P. M. H., Inquisitiones,* pag. 738.

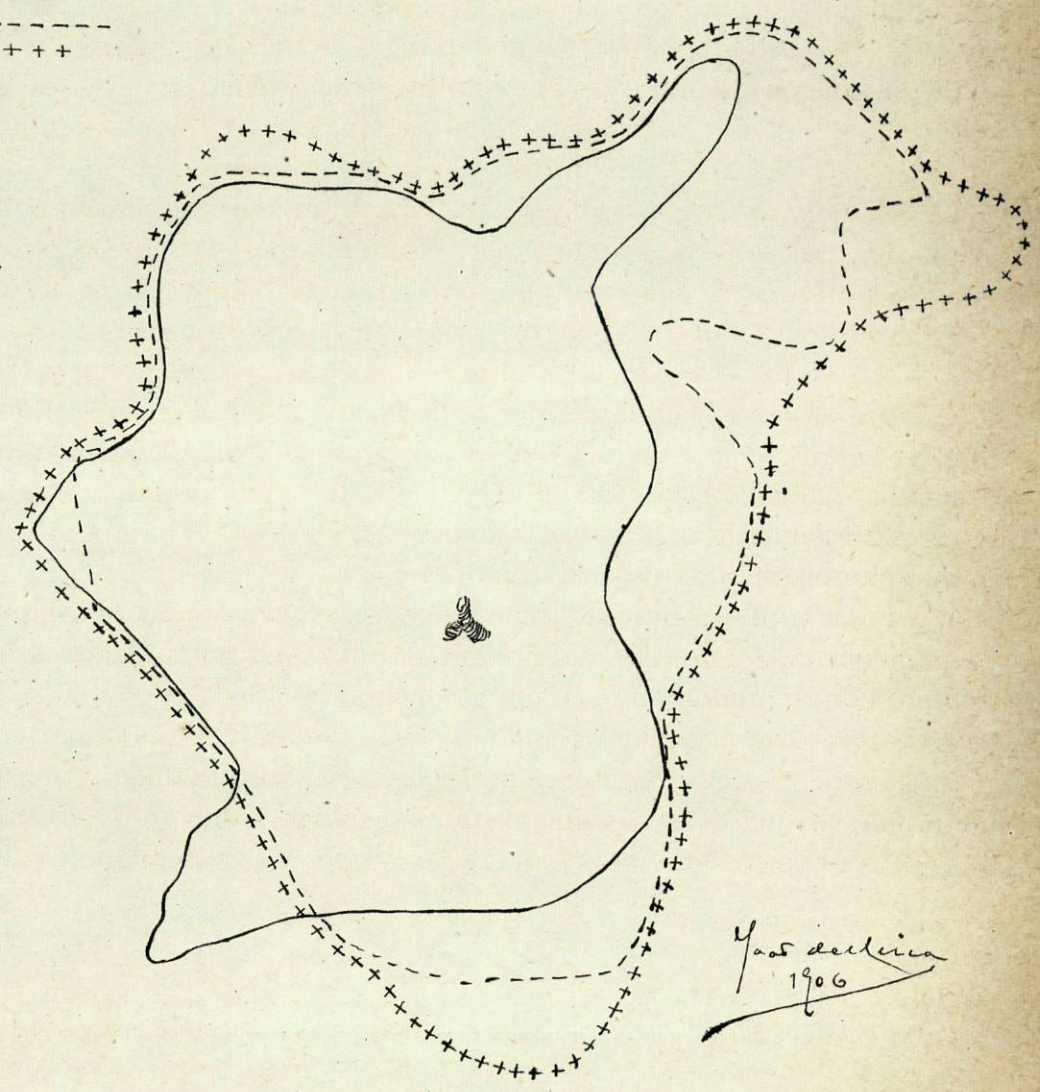
(4) «Livro do Numero que se fez das cidades e villas lugares d'Antre Dovro e Minho, etc., por carta de D. João III, de 27 d'agosto de 1527» (Arch. Nac., gav. 15, maço 24, n.º 12).

(5) «Guimarães intramuros e arrabaldes da rua de Guatos, Toural, rua nova das Olieiras, Molianas, rua da Caldeiroa, rua de Coiros, Campo da Feira, Salvador, Santa Luzia, com frades e clerigos, 1:405 moradores.» *(Livro do Numero.)*

Concelho de Guimarães

Comparação da área do concelho actual com a do antigo termo em 1258 e 1700

actual ——
1258 - - - - - - - -
1700 + + + + +



João de Meira
1906

mento annualmente uniforme desde 1258 a 1527, o que conduzirá a uma média annual de 8,2 $^{0}/_{00}$ — avaliar entre 5:000 e 5:500 os habitantes de Guimarães em 1422 e em 4:500 os mesmos habitantes ao subir ao throno D. João I.

Guimarães era, desde a primeira dynastia, centro de um termo muito extenso.

Quando D. Affonso II mandou proceder ás *Inquirições* de 1220, o termo de Guimarães excedia já em grandeza a área do concelho actual, pois que, abrangendo (com excepção de cinco) as freguezias que o concelho hoje contém, possuia, a mais, oito freguezias do actual concelho de Fafe, seis de Felgueiras e duas da Povoa de Lanhoso. (1)

Este vasto termo confinava a norte com a terra de Lanhoso e couto de Braga, a sul com as terras de Refoios de Monte Cordova e Ferreira, a nascente com o termo de Felgueiras, terra de Montelongo e julgado de Travassós, a poente com o termo de Vermoim e parte do couto de Braga. Dentro do termo de Guimarães havia, com autonomia propria, o couto de S. Torquato desde 1079, (2) o couto de Belmir ou Ronfe desde o comêço da monarchia, ou talvez um pouco antes. (3)

A terra das Caldas de Riba Vizella, abrangendo as freguezias de S. Miguel das Caldas, S. João das Caldas e Santa Maria de Infias, teve tambem jurisdicção propria desde 1361, em que D. Pedro I a concedeu a seu filho D. João, até 1408, em que a corôa a houve de D. Fr. Alvaro Gonçalves Camello, que então a possuia. (4)

---

(1) Veja *P. M. H., Inquisitiones:* pag. 1. e segg. «Registrum de Regalengis de termino vimaranensi», pag. 679 «De termino vimarañ». — Gama Barros *(Hist. da adm. publ.*, vol. II, pag. 92-3), querendo identificar as freguezias mencionadas nas *Inquisitiones* de 1220 com as actuaes, engana-se mais de uma vez, o que não admira em quem é estranho á região. Assim, das cinco freguezias actuaes que não pôde encontrar nas *Inquirições* de 1220: *Arosa, Oleiros, Pentieiros, Ronfe, Salvador de Souto* e *Vermil,* Pentieiros é a que as *Inquirições* chamam *Santa Maria de Tavoadello;* Salvador de Souto é a que as *Inquirições* chamam *Mosteiro de Souto,* designação que ainda hoje é a vulgar; Arosa não era freguezia em 1220, porque constituia ainda ao tempo das *Inquirições* de 1258 o logar de *Fradellos (Inquisitiones,* pag. 7). Das outras freguezias que não soube identificar, *S. Pedro de Ruuoos* é S. Pedro de Ruivós, ainda á data do *Livro do Numero* independente, e já em 1695, como actualmente, incorporada na de S. Clemente de Sande; *S. Christina de Cahide* não faz parte da freguezia de Gondar, porque está incorporada na de Athães, que fica em ponto diametralmente opposto; S. Jorge d'Entre-Ave e Selho é a actual freguezia de S. Jorge de Selho, á qual perfeitamente cabia aquella primeira designação.

(2) *P. M. H., Dipl. et chart.*, doc. 372. — Abb. de Tagilde. *O Couto de S. Torquato*, in «Revista de Guimarães», vol. XV, pag. 140.

(3) Abb. de Tagilde. *O Couto de Ronfe,* in «Revista de Guimarães», vol. XVI, pag. 24.

(4) Abb. de Tagilde. *Caldas de Vizella,* in «Revista de Guimarães», vol. XVI, pag. 8 e segg.

A população vimaranense era constituida quasi exclusivamente pelo elemento autochtone.

Da mistura de sangue arabe ficaram vestigios nas *Inquirições*, onde alguns individuos com o appellido de *Mouro* (1) accusam origem mais ou menos remotamente sarracena.

Os judeus já nos primeiros reinados se achavam arruados na Judiaria, (2) com sua synagoga e fôrno privativo, occupando as ruas que hoje chamam do *Espirito Santo* e *Serralho;* e decerto eram numerosos, embora não tenhamos elementos para o affirmar.

Dos francezes que, como escrevemos, vieram habitar Guimarães em tempo de D. Henrique, acha-se rasto atravéz das *Inquirições* de 1220 e 1258. Ao tempo das segundas ainda aos francezes pertencia a apresentação da capella de S. Thiago, que os seus antepassados haviam fundado. (3) A' data das primeiras, Gomes da Arrochella era homem rico, que possuia em prestimonio varios casaes da corôa e que D. Affonso II escolheu, juntamente com outras pessoas importantes, com os abbades de Santo Thyrso e Pombeiro, com os priores da Costa e de Guimarães, para commissario das *Inquirições*. (4)

Mas já em 1401, citando-se por editos quaesquer pessoas que se julgassem com direito á apresentação da capella de S. Thiago, ninguem appareceu, (5) o que prova que a descendencia dos francezes ou de todo se extinguira, ou se dissolvêra na massa geral da população sem deixar rasto visivel.

Das industrias que notabilisaram Guimarães nos seculos seguintes, a cutelaria, a fiação de linho, a ourivesaria e os cortumes, só do fabríco de couros ha vestigios que alcançam a primeira dynastia. A designação de rio de Couros, que apparece na toponymia local já no meado do seculo XIII, e a menção de um pellame de cortimenta em documento dessa epocha, (6) attestam sufficientemente a existencia de uma industria que pelo menos devia remontar ao comêço desse seculo.

As ruas Forja, Çapateira, Peliteira e Seleira (7) garantiriam, á falta de outros documentos, a existencia dos artifices cujo nome indicam e

(1) *P. M. H., Inquisitiones*, passim.
(2) Arch. da Coll. de Guimarães. *Pergaminhos avulsos.*
(3) *P. M. H., Inquisitiones*, pag. 737.
(4) *P. M. H., Inquisitiones*, pag. 1.
(5) Arch. da Coll. de Guimarães. *Pergaminhos avulsos.*
(6) Ibidem.
(7) Ibidem.

que decerto nellas viviam arruados, se de peliteiros, çapateiros e seleiros não existissem documentos individuaes, que os ha, como os ha tambem de correeiros, carpinteiros, alfaiates e caldeireiros.

A rua dos Mercadores, (1) pelo menos desde 1340, é prova de que já então o commercio tomára o incremento necessario para dar nome a uma rua.

Mas as industrias não se acantonavam decerto exclusivamente no aggregado urbano. Como ainda hoje succede, deviam achar-se em grande parte disseminadas pelas freguezias ruraes, tendo apenas em Guimarães o seu entreposto commercial, centro de consumo e exportação.

Os toponymicos Santa Eulalia de Pentieiros e S. Vicente de Oleiros, com que nas *Inquirições* de 1258 (2) se designam já duas freguezias do termo, justificam este modo de vêr, á mingua de mais provas, porque os industriaes e os artifices não mereceram qualquer menção áquellas *Inquirições*, como de resto a todas as outras.

Como quer que fosse, o desenvolvimento industrial devia ser consideravel, pelo menos ao fim da primeira dynastia, porque Guimarães, no decorrer da segunda, adquiriu uma importancia que se não obtem de salto sem uma longa preparação d'annos e a conjugação duradoura de muitas energias.

●

A segunda dynastia é um periodo de calma relativa. As guerras e sangueiras de que geralmente se compõe a historia pelejavam-se longe.

Depois que D. João I atravessou a pé a villa, subindo a tortuosa rua de Gatos no meio do seu sequito, para agradecer a Santa Maria da Oliveira a victoria de Aljubarrota, (3) Guimarães deixou de saber o que eram combates junto dos seus muros.

Estes, que intrepidamente haviam resistido durante a primeira dynastia a uns poucos de ataques de naturaes e estranhos, seriam d'ora ávante para sempre inuteis.

Mas nem por isso os homens de Guimarães se deleitaram no gôso de uma ininterrupta paz.

---

(1) Ibidem.

(2) *P. M. H.*, *Inquisitiones*, pag. 696. Sancte Ovaye de Pectinariis. Oleiros consta das *Inquirições* d'entre Ave e Cávado, ainda não publicadas.

(3) P.e Torquato Peixoto. *Memorias, etc.*, pag. 301.

Logo na tomada de Ceuta o concelho se representa gloriosamente. O contingente de Guimarães, combatendo ao lado das tropas de Barcellos, no assalto da praça, ataca com valentia o logar que lhe coube em sorte, e ainda acode esforçadamente ao lance que os barcellenses desamparam, ganhando por este feito um ridiculo privilegio, que durante seculos se manteve. (1)

Quando as primeiras nuvens precursoras da borrasca d'Alfarrobeira se começaram juntando, por Guimarães encontramos o duque de Bragança reunindo nos seus paços a fidalguia desta comarca e de algumas visinhas, para incital-a a bandear-se contra o infeliz D. Pedro. (2)

Quando D. Affonso V embarcou para Azamor, o anadel-mór dos besteiros, João Martins, acompanha o rei com homens d'armas em uma nau fretada e equipada á sua custa. (3)

Em Toro, com a gente que levava o duque de Guimarães, (4) filho do Bragança, lá estavam decerto os de Guimarães e seu termo.

Fernão de Mesquita, fidalgo de Guimarães, acompanha o duque de Bragança na tomada de Azamor. (5) Seu filho Ruy Mendes de Mesquita (6) vae a Tunis com o infante D. Luiz. Junto de D. Sebastião morre pelo menos Antonio Pereira da Silva. (7) Heitor de Meira combate no cêrco de Mazagão. (8)

Para as guerras da India, (9) para as proezas — as crueis façanhas que os Coutos e Barros chamaram proezas — despejou Guimarães, tanto neste periodo como no seguinte, os filhos segundos das suas casas fidalgas, e muitas vezes até os proprios morgados, que por lá morriam desbaratando os haveres.

Quando, fallecido o cardeal, D. Antonio se levantou por rei, o povo de Guimarães acompanhou-o logo enthusiasticamente.

Ao saber da sahida dos governadores, começaram a reparar-se acti-

---

(1) P.e Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, pag. 297. — Abbade de Tagilde. *Apontamentos para a historia de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. V, pag. 187. — *Livro V do Registro* da Camara de Guimarães, fls. 62 e segg.

(2) Gaspar Dias de Landim. *O Infante D. Pedro*, liv. II, cap. X.

(3) Carvalho. *Chorographia*, vol. I, pag. 86.

(4) Oliveira Martins (*O Principe Perfeito*, pag. 201) partilha a opinião dos que affirmam ter o duque de Guimarães tomado parte na batalha. Ha todavia quem diga que não (Sousa. *Hist. Geneal.*, vol. V, pag. 418-19).

(5) Carvalho. *Chorographia*, vol. I, pag. 87.

(6) Ibidem, pag. 85.

(7) Ibidem, pag. 86.

(8) *Genealogia dos Valles*, ms. pertencente á Sociedade Martins Sarmento, fls. 20 v.

(9) Veja Carvalho. *Chorographia*, vol. I, cap. XVIII; e Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, cap. «Notaveis em armas».

vamente os muros e a tapar algumas das portas da villa para sua mais facil defeza. (1)

Em Guimarães vivia então, e era homem dos principaes, o conego Francisco de Mesquita, cunhado de Pantaleão de Sá, que tinha o Porto por Philippe. Era o conego, por solicitações deste, grande parcial de Castella e, como morasse proximo de uma das portas — a da Garrida — quiz impedir que esta se tapasse, ou para mais facilmente entregar a terra quando fosse occasião, ou para rapidamente se escapulir caso as coisas se preparassem mal. D'aqui seguiram-se grandes discussões e, junto o povo com os da governança no claustro de Nossa Senhora da Oliveira, resolveu que a porta de todo se tapasse, como tapou.

Apesar, porém, do affecto popular a D. Antonio (que em Guimarães provinha em grande parte de o infante ter sido educado no convento da Costa, proximo da villa), Francisco de Mesquita, seu filho Salvador, seu sobrinho Diogo Lopes, capitão-mór, Fernão Coutinho, alcaide do castello e outros, conseguem acclamar o castelhano.

Mas ao saber-se, vespera de S. Francisco ao jantar, que D. Antonio havia entrado no Porto, vestido de verde, (2) como uma esperança viva que bem cêdo feneceria, o povo levanta-se logo, fazendo tocar os sinos a rebate e dando grandes demonstrações de alegria.

Os parciaes de Philippe acautelam-se. Diogo Lopes de Mesquita desapparece com mulher, filhos e creados. Salvador de Mesquita imita-o. Menos feliz, Fernão Coutinho, quando ia fugindo é preso pelo povo á porta de S. Domingos, deitado do cavallo abaixo, sovado, ferido e por fim trazido ao corregedor Domingos Rodrigues, que o povo tinha por amigo de D. Antonio. (3) Mas este era, secretamente, partidario de Castella, pelo que manda em paz o alcaide.

No dia seguinte, uma terça-feira, desappareceu este corregedor e Pedro Diniz seu meirinho. O povo, commandado por Antonio Machado d'Almada, posto agora por capitão-mór, ainda correu após elles até Fafe, onde tinham as mulheres, mas já os não alcançou.

Dos partidarios de Castella ficára na villa apenas o maioral, o conego Mesquita, a cuja casa se havia acolhido o alcaide sovado.

---

(1) Os detalhes sobre a vida de Guimarães em tempo de D. Antonio, são-nos fornecidos por dois curiosissimos ms. coevos. Um delles, pertencente ao distincto clinico vimaranense, dr. Avelino Germano, está infelizmente truncado e no melhor ponto. O outro, pelo seu caracter restricto de justificação de serviços, não se estende muito em noticias. Ainda assim são dois preciosissimos auxiliares.

(2) Ms. do sr. dr. Avelino Germano.

(3) Ibidem.

Foi então que correu a nova de estarem-se passando de casa deste para fóra muitas armas destinadas á gente de Philippe. Sahiu novamente o povo em grande alvoroço e, indo em perseguição dos creados de Diogo Lopes de Mesquita, prendeu dois escravos e um almocreve, apprehendendo-lhes muitas armas, e trazendo-as com bandeiras e descantes, como se houvesse feito grande empreza.

E, vindo assim, queria o povo atacar a casa do conego para lhe tomar mais armas, se porventura as tivesse, do que algumas pessoas o desviaram, persuadindo-lhe que melhor seria deputar alguem que socegadamente as fosse buscar; pois que elle decerto as entregava.

O povo mandou então Belchior de Gois, mercador, um frade de S. Domingos e outro homem, os quaes obtiveram por resposta que nenhumas armas havia. Sabido este recado, o povo remexeu a casa, levando quanto quiz.

Poucos dias passados, veio a Guimarães o corregedor Pero d'Alpoem com alçada para devassar dos philippistas. Este desgraçado amigo de D. Antonio, que pouco depois devia morrer victima da sua dedicação, mandou sequestrar os bens dos Mesquitas e, por seu meirinho Francisco Corrêa com uma escolta de arcabuzeiros negros, prender o conego, que teimosamente não tinha querido ausentar-se.

Veio o fidalgo preso entre a escolta, muito vexado, ás pousadas do corregedor, que a principio nem recebêl-o quiz, fazendo-o depois desdenhosamente e enviando-o logo á cadeia da correição.

Entretanto, Sancho d'Avila vinha sobre o Porto, D. Antonio fugia, o hespanhol entrava na cidade e avançava sobre o Minho.

Achava-se Sancho d'Avila em Barcellos quando Francisco de Mesquita lhe deputou o filho Salvador e os vereadores de Guimarães, que tinham andado a monte, para que o mandasse soltar. O general hespanhol enviou a Guimarães Manoel de Sousa Pacheco, que deu liberdade ao prisioneiro fidalgo.

Emquanto D. Antonio se acoitava no paço d'Anha, proximo a Vianna, os soldados percorriam o concelho em marcha e contra-marcha em busca do infeliz pretendente. Em Donim, em Pencello, em S. Lourenço de Selho exerciam vinganças por lhes não darem D. Antonio (1). Em Gondomar prenderam o abbade, que tinha estado no desbarate do Porto, e em Rendufe incendiaram a casa de um tal Bernaldo (2).

---

(1) Ibidem.
(2) Ibidem.

Do convento de Santa Clara tiraram, os castelhanos, D. Luiza, filha do Prior do Crato, que, em companhia de D. Anna, mulher de Pedro Botelho, ahi se havia acolhido logo depois da entrada de Sancho d'Avila no Porto. (1)

O povo tinha succumbido. D. Antonio desapparecêra. Castella imperava. Era novembro de 1580. Até ao fim de maio de 1581 se conservaram em Guimarães as tropas de D. Rodrigo Çapata, depois substituido pelo Sandoval, que do Porto veio com oitenta arcabuzeiros. (2)

Vejamos agora, fóra das guerras, que preoccupações entretinham a vida vimaranense.

A rivalidade, que ainda hoje existe entre as cidades de Braga e Guimarães, parece vir de muito longe. Já dissemos como no tempo do arcebispo D. Estevão Soares da Silva se travou entre os de Guimarães e Braga uma séria lucta, que chegou a vias de facto e terminou por uma composição, em que se reconhecia á Collegiada de Guimarães e ao seu D. Prior a mesma independencia que tinham então os bispos e os seus cabidos.

Apenas consolidado no poder D. João I, depostas as armas com que por elle se tinha pelejado em Aljubarrota e Valverde, a contenda estalou de novo entre o cabido de Guimarães e o arcebispo D. Lourenço, chegando á curia romana, onde o papa tomou n'ella o parecer que lhe deu Vasco Rodrigues. (3)

D. Martinho, successor de D. Lourenço, vindo em visita pastoral a Guimarães, encontrou as portas da igreja de Santa Maria fechadas, e do padrão, onde se abrigou da chuva torrencial que estava cahindo, notificou pelo seu ouvidor, ao Prior Diog'Alvares, que lhe abrisse a porta. Ao que o D. Prior de dentro, rodeado pelos seus escudeiros e servidores, respondeu, pelo mestre pedreiro João Garcia, que não abria a um inimigo que o havia excommungado e levára no anno antecedente ornamentos do thesouro que distribuiu por quem quiz.

Um de dentro, outro de fóra, cada qual em meio do seu sequito, os

---

(1) Ibidem e Camillo Castello Branco, *D. Luiz de Portugal*, pag. 98.
(2) Ms. do sr. dr. Avelino Germano.
(3) *Céo aberto na terra*, liv. III, cap. XXIV, pag. 658.

dois prelados descompozeram-se. O de Braga, forte na sua dignidade archiepiscopal, fulminava contra o Prior de Santa Maria todos os raios da Igreja, intimando-o a franquear-lhe a entrada. Mas o de Guimarães tinha, na demencia da sua colera, um pára-raios que o fazia zombar das ameaças. Dizia que não abriria, e não abriu. O arcebispo, cançado, foi-se embora. (1)

Logo adiante, em 1439, o D. Prior Ruy da Cunha e o cabido aggravaram de uma sentença do arcebispo D. Fernando da Guerra, que mandava recolher ás suas parochias os conegos que tinham beneficios, por lhes parecer que tal sentença era contra as suas prerogativas. (2)

Em 1471 tornava a agitar-se a questão da auctoridade archiepiscopal. Nesta data o duque de Bragança, senhor da villa, escreve ao cabido para que lhe leve a Chaves, onde se achava, todos os documentos ácerca d'este assumpto, pois que, tencionando o arcebispo visitar a villa, quer estar bem informado sobre a sua jurisdicção. (3)

D. Henrique, que mais tarde havia de ser cardeal e rei, com a ousadia propria de quem ao orgulho episcopal alliava a prosapia fidalga do sangue real, entra em Guimarães rodeado de tropas e faz as ceremonias da visitação numa igreja d'onde se havia retirado, em signal de protesto, o Prior, todos os conegos e beneficiados. (4)

Seguiu-se d'aqui questão, que ainda corria no juizo apostolico quando D. Frei Balthazar Limpo tomou conta da mitra de Braga. Privado de D. João III, grande amigo do cardeal-infante, quiz este continuar-lhe as boas obras.

Em 18 de outubro de 1552 o D. Prior e cabido de Guimarães, sabendo das tenções em que o arcebispo está de visitar a Collegiada e a villa, protestam perante os juizes ordinarios. (5)

Chega o prelado a Guimarães e encontra, como o seu predecessor D. Martinho, as portas da igreja fechadas; mas, mais resolvido do que elle, fal-as arrombar, e bem assim as do sacrario e dependencias da igreja, acudindo então o D. Prior protestando contra a violação dos seus direitos. (6) E ahi temos nova contenda, que segue os seus tramites e

---

(1) Arch. da Coll. de Guimarães. Documentos ineditos, cuja communicação devemos ao obsequioso auxilio do nosso amigo João Lopes de Faria.

(2) Ibidem.

(3) Ibidem.

(4) Ibidem.

(5) Ibidem.

(6) Ibidem.

termina por segunda concordata, em que se estipula que os arcebispos possam pessoalmente visitar, nas epochas determinadas, a igreja da Collegiada, e por seus visitadores as igrejas dependentes de S. Miguel do Castello, S. Paio, S. Miguel de Creixomil e Santa Eulalia de Fermentões, emquanto elle arcebispo se achasse em Guimarães; que das culpas encontradas em visitação, nos conegos e beneficiados, despachasse o arcebispo, caso podéssem ter despacho summario, porque de contrario as remetteria ao D. Prior como prelado ordinario e juiz dos conegos e beneficiados. Esta concordata teve a confirmação de D. Izabel, senhora da villa, e do papa. (1)

Segue-se um periodo de repouso. Os adversarios, feita a composição de commum accôrdo, não se sentem com vontade de recomeçar logo as testilhas. Depois mettem-se os tempos revoltos, o desastre de Alcacer, o reinado do cardeal-rei, sempre com o espectro da invasão hespanhola diante da vista. Não se falla em jurisdicções. Que importa a vassallagem a Braga quando a deshonrosa escravidão ao Philippe se prepara? Mas depois que essa desgraça é um facto acceito e julgado irremediavel, ahi vamos encontrar o cabido ás voltas com D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

Lá iremos depois.

Emquanto a Collegiada e o concelho, que della se orgulhava e nella se revia, assim luctavam pela independencia espiritual dos arcebispos, outras pelejas se travavam pela libertação do jugo temporal dos Braganças.

Até ao tempo de Affonso V, Guimarães pertencêra á corôa e orgulhava-se d'isso.

Após a victoria d'Alfarrobeira, o duque de Bragança, que ha muito cobiçava a villa, assim como a cidade do Porto, conseguiu do joven rei a doação das duas importantes povoações.

O Porto protestou energicamente, e a sua situação, já então preponderante no norte, valeu-lhe o ser ouvido; o Bragança, que não queria vassallos constrangidos, desistiu d'aquella parte da doação. (2)

Guimarães, porém, não foi escutada em seu protesto, e ainda em 1462 reclamava perante o rei contra a renovação de doação que D. Affonso V fazia a D. Fernando, neto do duque que primeiro a pos-

(1) Ibidem.
(2) Gaspar Dias de Landim. *O Infante D. Pedro*, liv. III, cap. XXVIII.

suira; mas, apesar da promessa formal do monarcha, só sahiu da casa de Bragança quando o duque foi executado em Evora e os seus bens confiscados.

Quando D. Manoel reintegrou o filho nos bens do pae, Guimarães ahi torna outra vez. Em 31 de maio de 1496 é o senhorio dado a D. Jayme, 4.° duque, (1) e em 1521 torna-se a doação, que havia sido feita apenas a D. Jayme, extensiva a qualquer filho ou filha que nella nomeasse. (2)

A casa de Bragança estava cada vez mais poderosa. A alegria que os de Guimarães sentiram, quando a cabeça de D. Fernando rolou no cadafalso de Evora, durou pouco, e agora a esperança de satisfazer o orgulho que traz á liberdade e a independencia, sentia-se aniquilada.

A D. Jayme succede D. Theodosio, a D. Theodosio D. Duarte, casado com D. Isabel. (3) E depois o filho destes, D. Duarte.

Os de Guimarães soffrem e calam. Com a morte delle, porém, succedida em 1576, Guimarães reverte á corôa. (4) Mas o Bragança, primo do fallecido, procura reconquistal-a, motivo por que logo nas primeiras côrtes, que o rei estranho faz em Santarem, em 1581, apparecem os procuradores de Guimarães pedindo a confirmação do privilegio concedido por D. Affonso V e ficado sem effeito.

Conseguiram-no? Vêr-se-ha.

Vimos atraz que, por um calculo que então expozemos, a população de Guimarães se podia computar em 4:500 habitantes á data da ascensão de D. João I ao throno, e em 7:230 no reinado de D. João III. O crescimento populacional seria assim de 5 $^{0}/_{00}$ ao anno.

Sobre a composição ethnica desta população nada temos a accrescentar. Quanto á sua estructura social, notaremos a invasão crescente do elemento fidalgo.

A villa possuia um privilegio do conde D. Henrique para que nenhum poderoso podésse viver em Guimarães sem consentimento do concelho. (5) A designação é um pouco vaga, mas sempre se entendeu

---

(1) Sousa. *Hist. Geneal.* Provas, vol. IV, pag. 8.

(2) Arch. da Coll. de Guimarães. *Livro das Provisões,* fl. 85.

(3) D. Isabel era irmã de D. Theodosio e, quando casou com D. Duarte, irmão de D. Manoel, D. Theodosio deu em dote ao cunhado o senhorio de Guimarães (Sousa. *Hist. Geneal.* Provas, vol. II, pag. 642.

(4) Sousa. *Hist. Geneal.*, vol. III, pag. 439.

(5) Arch. da Cam. de Guimarães. *Livro das Provisões,* fl. 181 v.—Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, pag. 39.

por ella os fidalgos, a quem D. Fernando, além d'isso, prohibiu que pousassem na villa mais de oito dias. (1)

Não quer isto dizer que Guimarães fosse uma terra exclusivamente de pobres artistas d'onde o elemento nobre estivesse absolutamente excluido. Já vimos que na villa morava Gomes de Arrochella, francez de origem, senhor de grandes cabedaes; e d'outros, como Abril Pincalho e Urraca Manteiga, testemunham as *Inquirições* de 1258 a abundante fortuna.

Pelo que toca a fidalgos, fez-se já atraz menção de Affonso Lourenço de Carvalho, escudeiro e vassallo d'el-rei. Mas eram então tão poucos ou tão commedidos os fidalgos, que raras e dubias noticias ficaram delles. De alguns cuja lembrança veio até nós, como troncos de familias chamadas nobres, difficil se torna dizer se á lei da nobreza se tratavam já então, ou se no honrado exercicio de mistéres plebeus estavam juntando o cabedal de virtudes civicas e redditos pecuniarios, que os descendentes tão depressa haviam de esbanjar.

Depois, pouco e pouco, no decorrer da segunda dynastia, a villa encheu-se de fidalgos. Uns, eram talvez os descendentes da velha burguezia local, afidalgada por D. João I em paga dos serviços prestados na guerra da independencia; outros, vinham de fóra por causas varias, impossiveis de averiguar, mas entre as quaes o casamento rico devia avultar. Assim, apparecem os Gomides, os Mesquitas, os Amaraes, os Andrades, os Alcoforados, os Valladares.

Ao lado dos fidalgos havia os mercadores. Esta classe, em tempo de D. Duarte, era já tão antiga e importante, que suppunha existir em Guimarães desde o comêço do mundo.

Os mercadores de Guimarães, que já no periodo antecedente achamos arruados na rua que delles tomou o nome, carregavam suas mercadorias na cidade do Porto e faziam um commercio duplo indo vender ao estrangeiro os productos da terra e trazendo para Portugal aquillo que cá era facilmente negociavel.

Em 1436 reclamavam elles em côrtes contra o privilegio que haviam obtido os do Porto para que se não carregassem ahi mercadorias com valor inferior a trezentas corôas de ouro, porque muitos mercadores havia em Guimarães que, com pequeno capital, negociavam não carregando muitas vezes mais do que o valor de cento e cincoenta corôas, passando o mar, vendendo e trazendo o retorno. E, por causa do privi-

(1) Arch. da Cam. de Guimarães. *Livro das Provisões*, fl. 51.—Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, pag. 41.

legio do Porto, tínham de ir aos portos de Hespanha, o que lhes era penoso a elles e prejudicial aos dizimos e sizas de sua majestade. (1)

Com o descobrimento das ilhas adjacentes e da costa d'Africa, o commercio vimaranense augmentou grandemente.

Em tempo de D. João III os mercadores de Guimarães navegavam entre os archipelagos dos Açores, Madeira, Canarias, o continente portuguez e as terras de Flandres em naus já do Porto, já de Villa do Conde, já de Vianna, d'Azurara ou d'Aveiro, negociando em assucar, pimenta, cravo, gengibre, mel, queijo, algodão, pannos, baetilhas, feltros, chapéos, linhos, cortiça, couros, pentes, etc.

A's vezes os corsarios francezes davam nelles, até mesmo dentro de nossos portos e, quando os não trucidavam, mettiam-nos a tormentos para declararem seus haveres, levavam-nos captivos a *diepa do Regnno de França* (Dieppe), a *crashuique* (Croisic), a *sã maloo* (Saint Malo) e outros portos do littoral francez, onde alguns morreram no carcere. Outras vezes, em um batel deixavam-nos ao sabor das ondas ou desembarcavam-nos em praias desertas, onde corriam risco de morrer á mingua.

Voltando á patria, os mercadores, ao comêço, ainda mandavam a Ruão ou outra cidade requerer sua justiça; mas depressa se desilludiram de que em França se não fazia justiça de semelhantes roubos, porque ou lhes não davam sentenças favoraveis ou, se as obtinham, não conseguiam vêl-as executadas. (2)

Além deste commercio externo, que enriquecia os vimaranenses, apesar das frequentes sangrias dos francezes, Guimarães era um grande entreposto no trafico interno.

Séde de um vasto termo e de uma extensissima comarca, que abrangia perto de trinta concelhos, a sua situação tornava-a a chave do commercio com os concelhos mais interiores do Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes.

Pela estrada de Chaves, que por Montelongo, Celorico e Cabeceiras de Basto vae a Ribeira de Pena, atravessando a ponte de Cavez (que um frade de Guimarães construiu á custa de immensos sacrificios), (3) fazia-se em grande parte o commercio trasmontano.

---

(1) Arch. Nac., *Chanc. de D. Duarte*, liv. I, fl. 218 v.

(2) Livro dos Roubos que os francezes e vasalos del Rej de França fezeram aos moradores desta vila de gujmaraees e seu termo. Arch. Nac., *Corpo chronologico*, parte 1.ª, m. 50, doc. 31.

(3) Frei Lourenço Mendes era frade de S. Domingos. Veja P.e Torquato, *Memorias, etc.*, pag. 126.

A estas razões de situação e hierarchia accresciam, para maior esplendor commercial, as industrias proprias que a villa alimentava.

Essas industrias, que vimos nascentes no periodo anterior, vamos agora encontral-as em plena florescencia.

As corporações de officios, que são em Portugal muito mais modernas do que em outros paizes (Hespanha, França e Italia), parecem datar em Lisboa e Porto, o mais tardar, do começo do seculo XV. (1)

Em Guimarães, se a sua creação não é contemporanea, pouco mais recente deve ser.

Na primeira metade do seculo XVI determina D. João III que em Guimarães haja doze mistéres, ou seja doze representantes das corporações de officios, a quem incumbia eleger annualmente dois que deviam assistir ás sessões da camara e resolver com os vereadores em dadas questões. (2)

Este documento presuppõe a existencia das associações de trabalho com uma vida sufficientemente larga, para justificar a distincção e regalias que por elle eram conferidas aos artistas seus confrades.

E, de facto, irmandade de mestres çapateiros com capella e hospicio annexo, existia em Guimarães, como precursora das corporações de officios, desde o começo do seculo XIV, fundada em 1315 por dois çapateiros que certamente juntaram na arte o cabedal com que dotaram a sua fundação. (3)

Faltam elementos para dizer quantos eram os officios aggremiados então em Guimarães. Mas, por uma distribuição de regimentos, feita em 1719, (4) sabe-se que existiam nessa data os de tecelão, tecedeira de tear alto, tecedeira de tear baixo, alfaiate, çapateiro, sombreireiro, pentieiro, oleiro, tanoeiro, carpinteiro, pedreiro, serralheiro, ferreiro, cuteleiro, espadeiro, albardeiro, selleiro, ferrador, violeiro e moleiro.

O que póde estranhar-se á primeira vista, é que nesta lista não estejam representados os ourives, os cortidores e os fiadores de linho, tres industrias que deram nome a Guimarães.

Se attendermos que a lista não é propriamente a das corporações de officios existentes, mas a daquellas ás quaes foram dados regimentos, e que a ourivesaria, pela natureza dos seus trabalhos e pela constante

---

(1) Avelino Guimarães *(Subsidios para a historia das industrias vimaranenses,* in «Revista de Guimarães», vol. v, pag. 22) citando Joaquim de Vasconcellos *(Historia da Arte em Portugal,* pag. 11).

(2) Arch. Nac., *Maço III de Leis,* n.º 19.

(3) P.e Caldas. *Guimarães, etc.,* vol. II, pag. 155 e segg.

(4) Ibidem, vol. I, pag. 110.

variação no valor da materia prima, mal póde ser objecto de uma tabella taxativa de preços, desapparece a primeira estranheza. De resto, sabe-se que os ourives tinham sua corporação sob o patrocinio de Santo Eloy, e até se lhes conhecem os estatutos.

Pelo que toca á fiação de linho, era uma industria absolutamente caseira, a que as donas de casa e suas filhas se entregavam nos longos serões de inverno. Não podia com taes trabalhadores constituir-se uma associação. E dos surradores sabemos, pelo estatuto ainda existente dos çapateiros, que era uma classe desprezada que não tinha bandeira. (1) Tambem o plebeismo tem suas aristocracias!

Infelizmente, nenhum dos primitivos estatutos destas corporações chegou até nós. E dos reformados, apenas sabemos existirem o dos ourives e o dos çapateiros, um do fim do seculo XVIII e o outro do comêço do seculo XIX.

Estas associações, taes como foram fundadas em Guimarães, eram meio civis e meio religiosas. Pertencia-lhes a regulamentação do trabalho e a sua fiscalisação, de modo a garantir o bom nome da arte, impedindo as fraudes ou incompetencias que a podéssem desacreditar. Pertencia-lhes a organisação da aprendizagem e a concessão de diplomas que a attestassem. Pertencia-lhes o encargo de soccorrer as viuvas e filhos de confrades pobres, bem como os suffragios dos que morressem. E, aggremiados sob a sua bandeira, deviam os companheiros comparecer em algumas solemnidades religiosas, quando não intervinham nellas com a exhibição de certas danças e folias, como na procissão do Corpo de Deus. (2)

Foi durante este periodo que, d'entre todas, a ourivesaria vimaranense resplandeceu com inegualavel brilho.

O riquissimo thesouro da Collegiada da Oliveira, engrandecido com successivas dádivas de reis e particulares, era, quando exposto atravéz do incenso das festas religiosas, uma escola que devia gerar artistas excepcionaes pela intensa emoção provocada sob a dupla suggestão da perfeição das fórmas artisticas e do mysticismo das ceremonias cultuaes em que ellas se revelavam aos espiritos crentes de então.

---

(1) Um antigo surrador explicou a Avelino Guimarães «que os cortidores não tinham bandeira, e eram reputados classe desprezivel por trabalharem no couro verde grosando-o e limpando-o do carnaz, o que lhes estabelecia analogia com os cortadores ou marchantes.» (Avelino Guimarães. *Subsidios para a historia das industrias vimaranenses*, in «Revista de Guimarães», vol. VIII, pag. 91.)

(2) Abbade de Tagilde. *Festas annuaes da Camara de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. XX, pag. 160 e segg.

A escola de Guimarães singularisou-se, e dessa escola sahiu o delicioso cinzelador da custodia de Belem. (1)

As outras artes, se não poderam, como a ourivesaria, deixar de si testemunhos perduraveis, poderam ao menos gravar na tradição a recordação da fama com que por essa epocha eram nomeadas.

E não se julgue que em todo esse tempo, de D. João I ao Prior do Crato, uma vida facil correu para o concelho, sempre propicia aos aperfeiçoamentos artisticos e industriaes. Muito ao contrario.

A agricultura, no apogeu em todo o reinado de D. Affonso IV e D. Pedro I (dando então até para a exportação), decahira muito em tempo de D. Fernando, e não se levantou. A's côrtes de D. João I, em 1428, queixam-se os procuradores de Guimarães da grande pobreza dos lavradores do termo, *que se lhes lançam escudos terão de vender os bois com que lavram para os comprar.* (2)

Os vexames dos fidalgos, que, como já dissemos, começam agora a apparecer em Guimarães, succedem-se todos os dias. A's mesmas côrtes de 1428 dizem os procuradores do concelho que os fidalgos costumavam roubar as lanças e os escudos aos lavradores que os tivessem. (3)

Nas côrtes de 1439 queixam-se os procuradores que o fidalgo Gonçalo Pereira e outros estendiam demasiado os limites das suas honras, a ponto de as augmentarem dez vezes mais que o seu tamanho real. (4) Nas de 1446 voltam a insistir, dizendo mais que Gonçalo Pereira estabelecêra juiz e cadeia em duas quintas suas, onde prendia, sem que para tal tivesse auctoridade e jurisdicção. (5) Nas mesmas côrtes os procuradores accusam Fernão Coutinho, possuidor do couto de Belmir, de prender filhos de lavradores contra sua vontade, para como creados o servirem. (6)

Ainda nestas côrtes os procuradores de Guimarães dão capitulos contra Ruy Vaz, que, apesar dos privilegios da villa, nella se havia estabelecido, comprando casas para sua morada e retendo a cadeia do concelho para sua cavalhariça e palheiro. Ruy Vaz abrigava malfeitores, dava pancadas nos judeus e judias, e tomava no termo do concelho, aos lavradores, carneiros, gallinhas, e até palha, para seu sustento e dos seus cavallos. (7)

---

(1) Theophilo Braga. *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*. pag. 93 e segg.
(2) Arch. Nac., *Chanc. de D. Affonso V*, liv. XIII, fl. 113.
(3) Ibidem.
(4) Arch. Nac., *Além Douro*, liv. II, fl. 37.
(5) Arch. Nac., *Chanc. de D. Affonso V*, liv. V, fl. 53 v.
(6) Ibidem.
(7) Ibidem.

O corregedor e os seus meirinhos, o chanceller e o seu escrivão eram outra praga. Queriam tambem lenha e palha, e obrigavam os juizes de Guimarães a apresentar-lha de graça. (1)

O recebedor dos dinheiros para Ceuta, não contente com a sangria que operava, queria ainda obrigar o concelho a que por homens seus procedesse á cobrança, levando-lhe a casa o dinheiro. (2)

O carcereiro do castello levava aos presos uma carceragem abusiva contra tudo o que estava estatuido.

Com pretexto da luctuosa que tinha a receber, o anadel-mór vexava as viuvas dos bésteiros, penhorando-as e recusando-se a receber, como era de sua obrigação, a bésta de uso do fallecido. (3)

O alcaide e meirinho que o ouvidor do duque de Bragança tinha na villa, nunca perdiam ensejo de aprovisionar o arsenal de seu amo com as armas que os incautos trouxessem á vista. (4)

E sobre tudo isso, como se isto não fosse bastante, os *ychacorvos*.

Eram estes uma especie de andadores que vinham da Galliza esmolar para Santo Antão, para a Senhora de Guadelupe ou outros santos. Eram leigos, mas vestiam de frades, e á sombra do peditorio roubavam, desfloravam virgens, dormiam com mulheres casadas.

Chegavam a juntar-se em Guimarães duzentos e mais. Permanentemente andavam perto de cincoenta, a tal ponto que, pelo paiz fóra, quando os mercadores da villa iam feirar, eram desprezivelmente chamados *ychacorvos*, no que recebiam grande offensa. (5)

Tal é, porém, a força do trabalho persistente e aturado, tal é o desejo de independencia no burguez vimaranense, que elle consegue, atravéz de todos os vexames e de todas as oppressões, crear, mercê do seu unico esforço, para si uma situação desafogada e livre, para a sua patria um renome glorioso e honrado.

●

Philippe II conquistou o reino e foi jubilosamente acclamado pelos que comprára.

---

(1) Ibidem.
(2) Arch. Nac., *Além Douro*, liv. II, fl. 37.
(3) Arch. Nac., *Além Douro*, liv. IV, fl. 109.
(4) Arch. Nac., *Chanc. de D. Affonso V*, liv. XXVIII, fl. 69.
(5) Arch. Nac.: *Além Douro*, liv. IV, fl. 217 v.; *Chanc. de D. Affonso V*, liv. XXXVI, fl. 177; *Chanc. de D. Manoel*, liv XXXI, fl. 89 v.

Em Guimarães o Mesquita, mal sente o poder estranho definitivamente assente e garantido pelas tropas do Çapata e do Sandoval, faz justificações da sua conducta de bom philippista em extensas laudas de papel com testemunhas juradas da sua fidelidade á causa do estrangeiro. (1) Muitos outros lhe seguem o exemplo, e a terra hespanholisa-se, ao menos na apparencia.

Quando um rei morre, ha grandes tristezas apparatosas, com lucto durante mezes e a quebra solemne dos escudos na praça publica. (2)

Se um principe nasce, ha estrondear de foguetes, luminarias, marcha *aux flambeaux* e até tourada e jogo de cannas no Toural, a que o povo assiste jubiloso do alto da velha muralha, transformada em poleiro de ociosos. (3)

Se o rei vem a Portugal, alcatifam-se as janellas, organisam-se procissões de graças, fazem-se vir charamellas e manda-se (suprema manifestação de contentamento!) tocar o *sino do relogio,* que só se ouve nas grandes solemnidades camararias. (4)

No fundo, porém, da alma popular, o sentimento de independencia, subvertido pelo interesse, pela ambição e pela cobardia de uma raça rapidamente degenerada, não morrêra de todo.

Foi o conego Simão Affonso de Carvalho quem levou a Flandres os filhos de D. Antonio. (5) E vinte annos corridos sobre a occupação estranha, Frei Estevão de S. Paio, dominico do convento da villa, em quem a grandeza do amor da patria só podia ser igualada pela boa-fé, parte propositadamente de Guimarães para Veneza, e lá segue, atravéz de todas as vicissitudes, o italiano Marco Tullio, em quem via D. Sebastião, suicidando-se quando os hespanhoes degolaram em S. Lucar de Barrameda o falso rei. (6)

---

(1) Ms. contemporaneo em poder de um amigo do auctor e a que já temos feito referencias.

(2) Arch. da Cam. de Guimarães. *Livro IV das Vereações,* fls. 74 a 77. — *Livro V das Ver.,* fls. 205 a 208.

(3) *Liv. II das Ver.,* fl. 18 v.

(4) *Liv. V das Ver.,* fl. 13.

(5) A *Chorographia* de Carvalho (pag. 93) diz, referindo-se á freguezia de Santa Eulalia de Fermentões:

« Nesta freguezia em casa de huma viuva do Casal de Val melhorado estiverão escondidos Dom Manoel, e Dom Christovão, filhos do senhor Dom Antonio, pertendente do Reyno por morte do Cardeal Rey Dom Henrique, e um conego de Guimaraens os levou a Ollanda. »

Um ms. pertencente ao sr. dr. Motta Prego, e que se conjectura ser do proprio punho do P.e Torquato Peixoto, diz que este conego foi Simão Affonso de Carvalho.

(6) P.e Caldas. *Guimarães, etc.,* vol. I, pag. 224.

Depois, a politica dos Philippes não foi de molde a conquistar-lhes as boas graças de Portugal, nem a desnacionalisar um reino com cinco seculos de existencia livre, e feitos cantados numa epopeia que podia emparelhar ao lado das obras classicas da Grecia e de Roma.

O nosso poder na Asia cahia dia a dia. As colonias desappareciam; mas a requisição de gente para as armadas da India e do Brasil era constante e imperiosa. (1)

No termo de Guimarães, os homens válidos eximiam-se á violencia fugindo, as terras andavam cultivadas por mulheres, e os paes dos mancebos eram presos e retidos na cadeia até que os filhos se apresentassem. (2)

Só desde 1619 a 1632 o concelho concorreu para a voragem hespanhola com para cima de 80:000 cruzados, vendo-se nesta ultima data a camara, a quem o corregedor encarecia a *miseria da India*, obrigada a responder que a terra era pobre e se contentasse sua majestade com 2:000 cruzados, pois mais não podia dar. (3)

Em 1623, havendo tenção de reunir côrtes, que não chegaram a realisar-se, os governadores do reino quizeram expoliar Guimarães da velha prerogativa de nellas se fazer representar por procuradores seus, ordenando ao senado vimaranense que fizesse procuração a qualquer cidade do primeiro banco para que representasse o concelho.

Não o soffreu a villa, mais ciosa de ôcas regalias do que patriota, sendo principalmente o povo que, por bocca dos seus mistéres, terminantemente declarou que tal se não faria, porque «*esta villa está em posse immemorial de mandar seus procuradores ás côrtes como sempre foram e assym estava prestes pera os mandarem á custa desta villa como sempre foram e nellas tem esta villa lugar primeiro que muitas cidades deste reyno por ser muy insigne.*»

E de tal resposta não houve arredal-os, apesar das muitas instancias do corregedor, que andou procurando convencer em particular cada vereador, e do juiz de fóra, presidente da camara, assignar com declarações as actas de vereações que deste assumpto trataram. (4)

Como se estas causas de descontentamento local não bastassem, outras appareceram.

O concelho de Guimarães, que desde a morte de D. Duarte, ultimo

---

(1) *Livro III das Ver.*, fls. 65, 66 v. e 72 v.
(2) *Livro III das Ver.*, fl. 70. — *Livro V das Ver.*, fl. 80 v.
(3) *Livro VII das Ver.*, fls. 70 e 71.
(4) *Livro V das Ver.*, fls. 153, 159 v. e 160. — *Livro VIII das Ver.*, fl. 203.

duque de Guimarães, se achava na posse da corôa, vinha de longa data sustentando com os Braganças uma demanda sobre o senhorio da villa.

Como neto de D. Theodosio, que doára a villa ao infante D. Duarte, para casamento com D. Isabel de Bragança, como filho de D. Catharina, irmã de D. Duarte, fallecido sem successão, (1) D. Theodosio II julgava-se com direitos ao senhorio de Guimarães e sua alcaidaria-mór.

Quando Philippe II entrou em Portugal, os procuradores de Guimarães apressaram-se a pedir ao rei a confirmação daquelle antigo privilegio de D. Affonso V, que não merecêra o respeito dos seus successores.

Os Braganças não desanimaram, e obtiveram successivos alvarás, em que os Philippes lhes permittiam demandar a corôa sobre a posse da villa. (2)

Guimarães, por seu turno, mandava gente sua a Madrid tratar do assumpto; (3) e, se nunca mais os Braganças poderam apossar-se da villa, comtudo conseguiu o futuro rei que, depois do seu casamento com D. Luiza de Gusmão, lhe fosse dado outra vez o titulo de duque de Guimarães, isento de quaesquer rendas ou senhorios. (4)

Esta concessão, embora puramente platonica, não podia ser do

---

(1)

D. Jayme
duque de Bragança e de Guimarães
teve entre outros

D. Theodosio I

D. Isabel
c. com D. Duarte,
filho de D. Manoel, a quem
o cunhado, D. Theodosio,
deu em dote
a villa e ducado de
Guimarães. Tiveram apenas

D. João c. com **D. Catharina**
tiveram

D. Theodosio II
que teve

D. João
depois rei.

D. Duarte
duque de Guimarães.
Falleceu sem descendencia.

(2) Alvará de 13 de outubro de 1627, auctorisando o duque de Bragança a seguir o direito que tinha a Guimarães. (Sousa. *Hist. Geneal.* Provas, vol. II, pag. 605.)—Alvará de 18 de maio de 1638, confirmando a auctorisação ao duque de Guimarães a seguir a demanda sobre o senhorio da villa de Guimarães. (Idem, idem, pag. 605.)

(3) *Livro VIII das Ver.*, fls. 50, 72 e 82.

(4) Doação ao duque de Bragança do titulo de *Duque de Guimarães*, em 4 de agosto de 1638. (Sousa. *Hist. Geneal.* Provas, vol. II, pag. 607).

agrado do senado vimaranense e não havia de ter concorrido pouco para o descontentamento que na villa lavrava contra Hespanha.

Esse descontentamento ia a tal ponto, que foi possivel (sem que ninguem o estranhasse ou accusasse) a Frei Luiz da Natividade, guardião de S. Francisco de Guimarães, subir ao pulpito, improvisado na praça da villa, e em frente do *pelote* (1) que D. João de Boa Memoria trazia vestido, dia d'Aljubarrota, e na solemnidade commemorativa dessa batalha, perante os conegos e dignidades do cabido, a camara de Guimarães, os juizes, justiças e mais auctoridades reaes, prégar um sermão impregnado de violento patriotismo, onde se faziam á Hespanha duras accusações e onde se proclamava a esperança de melhores dias libertos do jugo estrangeiro. (2)

E os arcebispos?

Contenda tão antiga não terminava assim de momento. Deixamol-a quando, por morte de D. Sebastião, outras preoccupações mais graves agitavam os espiritos de um a outro extremo do reino; vamos encontral-a apenas a occupação é um facto consummado.

Logo após a conquista hespanhola, o semi-santo Frei Bartholomeu dos Martyres, que, emquanto duraram as discordias de D. Antonio, se safára prudentemente para Tuy, á conta da nomeação de um economo do D. Prior, andou em testilhas com o cabido e, vindo a Guimarães, teve um acolhimento hostil, que muitos annos corridos não tinha ainda esquecido a seus successores.

D. João Affonso de Menezes (3) apparece-nos dando paternaes absolvições aos curas que desistiram de embargar a execução das visitações feitas pelo seu antecessor. (4)

D. Frei Agostinho de Jesus obriga o D. Prior D. Pedro de Castilho a protestar contra o modo por que era feita a sua collação. (5)

D. Affonso Furtado de Mendonça manda visitadores e não vem pessoalmente, como determinava a concordata de 1553. A camara, ouvidos os da governança e povo, e ainda o parecer dos lettrados, vae incorporada requerer aos visitadores que desistam da visita, e resolve gas-

(1) No thesouro da Collegiada de Guimarães ainda hoje se guarda, com a veneração que merece, este vestido que D. João I trazia sobre a armadura durante a batalha.

(2) Frei Luiz da Natividade. *Retrato de Portugal castelhano*, in «Divindade do filho de Deos humanado», pag. 431 e segg.

(3) *Cartorio da Collegiada de Guimarães.*

(4) Ibidem.

(5) Ibidem.

tar á custa do concelho quanto seja necessario para defender no Porto, em Lisboa e até em Madrid a posse antiga da villa. (1) A Lisboa foi Fernão Rebello d'Almeida; a Madrid João Barroso Vieira. (2)

O rei determinou, por alvará, que os vereadores deixassem visitar o arcebispo por si a igreja de Santa Maria, e as outras por seus visitadores, na fórma da concordata. A isto responderam os de Guimarães que nunca tal haviam impedido nem impediriam. (3)

Foi nesta occasião que o povo, não querendo soffrer, por ser quebra dos seus privilegios, que á villa viessem, na ausencia do arcebispo, desembargadores ecclesiasticos visitar e tirar summarios, se foi á igreja de Santa Clara, onde elles estavam visitando, e em meio de grande arruido lhes quebrou as mesas, entornou os tinteiros, espalhou a papelada, obrigando-os a fugir semi-mortos de mêdo. (4)

Depois D. Rodrigo da Cunha pega-se com D. Bernardo d'Athayde, Prior de Guimarães, por este não residir no priorado, accusando-o de apenas ter estado nelle o tempo necessario para levantar um deposito de dinheiro que ahi se encontrava. (5)

A este mesmo arcebispo escreve a camara em 1634, lamentando-se manhosamente de que elle não tenha visitado a villa, e antes houvesse mandado visitadores contra a posse antiga, o que a obrigava, para mantêl-a, a queixar-se ao rei, e pedindo-lhe, com muitos fingimentos de humildade, que se dignasse vir pessoalmente, com o que todos muito folgariam, e o receberiam como tinham feito a seus antecessores. (6)

O arcebispo respondeu, tambem por carta, que, desde que tomára posse, tratára de visitar o arcebispado, e fôra sua tenção começar por Guimarães; mas que de tal havia desistido, em vista de o não quererem receber na fórma do ceremonial romano; que não admirava que os vereadores estivessem promptos a recebêl-o como aos antecessores, pois que, depois da publicação do *ceremonial romano*, em tempo de D. Frei Agostinho de Jesus, este não podéra tornar á villa; que o successor, D. Aleixo de Menezes, tambem a não visitára, por occupado nos negocios da regencia do reino; que D. Affonso Furtado tivera de entrar alta noite em liteira para se poupar ao vexame de não ser recebido como

(1) *Livro V das Ver.*, fls. 109 a 116.
(2) *Livro V das Ver.*, fls. 119, 119 v. e 157.
(3) *Livro das Provisões*, fl. 41.
(4) Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. II, pag. 67 e 68.
(5) Arch. da Coll. de Guimarães.
(6) *Livro VIII das Ver.*, fls. 228 e segg.

competia a um prelado que disputava ao de Toledo a primazia na Hespanha; que, a respeito dos summarios que mandava tirar na villa, o havia de continuar fazendo, pois era esse seu direito e seu dever, e mesmo já havia escripto ao licenciado juiz de fóra para que não mais lhe prendesse os officiaes, como havia feito. A carta rematava com a ameaça de que sua majestade havia de saber os termos que a villa tem com os prelados da Igreja de Braga. (1)

E assim estavam as coisas quando subiu ao throno D. João IV.

Sobre o estado das artes, neste periodo, raros são os subsidios.

Decerto as industrias locaes se resentiram da rapida decadencia que attingiu a vida portugueza, do esfacelamento das colonias e da pobreza da terra.

Por uma passagem do *Livro IX das Vereações,* sabemos que ainda assim o officio de fabricante de arcabuzes estava na villa em estado de permittir a encommenda rapida de oitenta, que tantos mandou fazer o mestre de campo Alvaro de Sousa, deixando o cuidado do pagamento aos mercadores e homens de negocio da villa. (2)

A industria da fiação do linho é a que neste periodo dá maiores mostras de vitalidade e aquella a que mais frequentes referencias se encontram nos documentos que compulsamos.

Era então tão importante a fiação caseira, que o linho produzido no concelho não chegava para os gastos, sendo necessario importal-o de fóra, de Basto e de Coimbra especialmente, tendo este ultimo, entre todos, um preço mais elevado. (3)

Do tracto da linha — diziam os vereadores e os da governança em 1640 — *dependia o total remedio e sustentação deste povo.*

As providencias que nesta data se tomam para impedir que os regatões embolsem todos os lucros deste commercio, dão uma ideia exacta da sua importancia e da sua extensão. A linha, além dos mercados do norte onde concorria, ia vender-se a Lisboa, ao Alemtejo e a Castella. A Guimarães vinham negociantes de longe, que muitas vezes, para se furtarem ás disposições que regulamentavam este negocio dentro do termo do concelho, mercadejavam da banda de lá da Ponte de Serves, já em terras de Vermoim. Os mercadores que viessem a Guimarães eram obri-

(1) *Livro VIII das Ver.*, fls. 230 e segg.

(2) *Livro IX das Ver.*, fl. 29.

(3) Em muitos logares dos *Livros das Vereações*, por exemplo: *Livro II*, fl. 121 v., e *Livro IV*, fl. 104 v.

gados a declarar o dia da sua chegada, e não podiam demorar-se mais de quarenta dias, nem depois voltar antes de corridos tres mezes. (1)

A cultura estava então num estado deploravel, embora no concelho não houvesse maninhos. (2)

A escassez de braços, que já vinha do periodo antecedente, em que o lavrador voluntariamente abandonava as terras para correr na Africa e na India aventuras de um exito duvidoso, aggravára-se agora com a requisição forçada de homens, que ou eram violentamente arrancados ao seu trabalho, ou andavam fugidos a monte, para não serem mandados para a Asia ou para Flandres. A falta de gente de guerra era então tal, que levas de presos eram conduzidas como tropas para este ultimo paiz.

Na terra ficavam apenas as mulheres e os velhos, quando estes mesmos não eram arrancados para a prisão até dizerem onde paravam os filhos fugidos ao recrutamento.

Sobre todos estes vexames, ao terminar o reinado dos Philippes fizeram de Guimarães praça d'armas, obrigando-a á dispendiosa sustentação de soldados que opprimiam o povo com os seus gastos, as suas fanfarronadas e a sua má creação de gallegos. (3)

Assim, quando a revolta de 1640 estalou em Lisboa, encontrou em Guimarães um terreno longamente preparado.

Quem tudo tinha perdido, os homens, os bens, a tranquillidade e a independencia, podia lançar-se na aventureira reconquista desta ultima. Que mal lhe adviria d'ahi, mesmo quando tudo corresse pelo peor?

Por isso, após poucos dias de reflexão, Guimarães acclama D. João IV, sem o enthusiasmo com que victoriára o Prior do Crato, mollemente, como quem, já enfastiado de uma vida de miserias, arrisca o ultimo lance sobre a banca onde se jogam os destinos.

E ganhou-se, contra toda a espectativa!

●

Os tempos agora são outros, mais destituidos de interesse e mais facilmente apprehensiveis, por mais proximos de nós.

Percorrêl-os-hemos rapidamente.

Se Guimarães julgou que, triumphando a causa da independencia,

---

(1) *Livro IX das Ver.*, fls. 145 a 147.
(2) *Livro V das Ver.*, fls. 160 e 160 v.
(3) *Livro IX das Ver.*, fls. 24, 28 e 45.

á qual se ligára de bom ou mau grado, voltava para o concelho a tranquilidade da paz e prosperidade dos negocios; se julgou que ia enriquecer-se com os bens confiscados aos parciaes de Castella e com o não pagamento dos tributos que o governo estrangeiro havia lançado, (1) enganára-se muito.

A guerra prolongou-se durante vinte e sete annos atravéz de dois reinados, pondo o paiz num miseravel estado de depauperamento.

Emquanto D. João IV se batia á espada, pelo escuro dos patins, com os subditos concorrentes ao amor da mesma fidalga; emquanto D. Affonso VI, ebrio e impotente, estremunhava Lisboa com as arruaças dos seus creados; emquanto o principe D. Pedro se comprazia nas delicias de um amor incestuoso, a provincia soffria as provações da guerra.

Em Guimarães, mal se acclamou o Bragança, logo começou a despeza da compra de polvora e pelouros, (2) da reparação das portas e muralhas ha muito abandonadas. (3)

Organisaram-se batalhões de soldados, e até no primeiro momento de enthusiasmo nelles se enfileirou a nobreza, (4) o que valeu a Guimarães uma carta régia de louvor. (5)

A revolta déra-se em dezembro de 1640, e em abril de 1641 já a miseria das tropas é extrema. Os capitães das companhias da villa, encarregados de irem para a defeza de Melgaço, pedem soccorros, porque os soldados, anteriormente enviados áquella praça, para comer pelo caminho, se tinham visto na necessidade de vender as toucas e saias das mulheres, e até as proprias armas, chegando, os que não tinham adoecido de fome, com as mãos pendentes, inuteis para a defeza. (6)

Assim tratados, não é para admirar que o enthusiasmo dos portuguezes arrefecesse. Neste mesmo anno de 1641, Manoel Pereira da Silva obteve a demissão do logar de capitão de uma companhia da nobreza por falta de soldados, pois que os que tinham podido escapar ao alistamento dos terços d'Entre Douro e Minho se escusavam com o *privilegio das tabuas vermelhas,* (7) como se corações onde vibrasse um verdadeiro patriotismo procurassem desculpas em bolorentos privilegios do tempo de D. Affonso V.

---

(1) Arch. Nac., *Acclamações e côrtes,* m. 10 *(Côrtes de 1641).*
(2) *Livro IX das Ver.,* fl. 181.
(3) *Livro IX das Ver.,* fls. 170, 171 e 196.
(4) *Livro IX das Ver.,* fl. 189.
(5) *Livro IX das Ver.,* fl. 188.
(6) *Livro IX das Ver.,* fl. 211 v.
(7) *Livro IX das Ver.,* fl. 256 v.

Em 1643, para obrigar a servir alguns nobres, foi necessario têl-os presos com homenagem em suas casas. Um delles era já velho e achacoso; mas, para não dar exemplo, nem assim o quizeram dispensar do serviço. (1)

Neste mesmo anno, a camara e o sargento-mór, quando o inimigo nos assaltava as fronteiras, em vez de tratarem unidos do bem commum e da defeza da patria, testilhavam sobre o direito que o sargento-mór tinha ou não a sentar-se em cadeira de espaldar, quando assistia ás sessões. (2)

Em 1657, para que os soldados não desertassem da fronteira, foi necessario recorrer aos argumentos supremos, erguendo no Toural uma forca para acabar os desertores. Felizmente que tal instrumento pouco trabalhou, pois a corda em bom estado foi emprestada aos frades capuchos, para servir na construcção do seu convento. (3)

Apesar de tudo isto, as coisas não iam a matar; e muito se enganaria quem suppozesse que Guimarães era nessa epocha a imagem de Jerusalem após o captiveiro dos judeus. Não. No proprio anno de 1641, em que a lucta andava tão renhidamente travada, se correm touros no Toural e se levam á scena comedias pelas festas de S. Gualter. (4)

O alferes da companhia de João Rebello Leite, homem pratico, sem poeticos sonhos de cavallaria andante á maneira medieval, nas deslocações a que se via obrigado trazia comsigo cargas de pannos de linho, que ia mercadejando. (5) Não ficou memoria de quem fosse este alferes, que brandia numa das mãos a espada e na outra o covado; mas é bem possivel que fosse algum pacifico lojista da rua dos Mercadores que, feito alferes pela força das circumstancias, continuava, entre o zunir dos pelouros, a profissão que o alimentava e aos seus.

A vida corria, pois, em Guimarães tranquilla, embora o commercio, com a guerra, soffresse transtornos mais graves do que lhe causavam as extorsões dos hespanhoes. A industria do linho em fio, sobretudo, que vivia em grande parte do mercado hespanhol, soffria então o golpe de misericordia. O peor era quando, como em 1658, o governo arrancava ao concelho sommas importantes para a despeza da guerra, (6) ou quando as tropas se hospedavam na villa.

---

(1) *Livro X das Ver.*, fls. 114 v. e segg.
(2) *Livro X das Ver.*, fl. 124.
(3) *Livro XI das Ver.*, fl. 46 v.
(4) *Livro IX das Ver.*, fl. 268.
(5) *Livro IX das Ver.*, fl. 310.
(6) *Livro XI das Ver.*, fls. 88 v. a 90.

Em 1665, já proximo ao fim da guerra, cahe em Guimarães, como praga maxima, e mais devastadora de todas, o aventureiro Scomberg com quatrocentos e quarenta cavalleiros inglezes, que se alojaram por casas particulares, dando cabo de quantos mantimentos podiam haver á mão na sua devoradora insaciabilidade de saxões, e desolando a villa com a brutalidade das suas maneiras de triumphadores, que pouco distinguiam entre os homens que combatiam e aquelles que auxiliavam. (1)

O Scomberg, pompeando galas atravéz da miseria do paiz, só para a sua bagagem reclamava doze bestas, o que seria possivelmente pouco para tal senhor, mas era de mais para Guimarães, então tão carecida dellas, que nem com sacrificio as pôde arranjar. Afinal, o homem contentou-se com dez e com quatro carros de bois, que foram até Arrifana do Sousa (Penafiel), e que voltaram a seus donos com muito custo, porque os inglezes, dignos antecessores de Byron, lhes tinham creado affecto, e por nada as queriam largar. (2)

Acabada a guerra pela paz de 1668, a situação do concelho melhorou. Em 1678 já a nobreza e povo se preoccupavam com assumptos de instrucção, apparecendo a reclamar da camara a instituição de escolas no convento de S. Francisco. (3)

Todo o seculo seguinte foi de tranquilla paz.

Quando o marquez de Pombal obrigou o arcebispo de Braga, D. José, a retirar-se para fóra da cidade archiepiscopal, foi a Guimarães que o prelado se acolheu.

Grassava então na villa o gongorismo, erupção litteraria denunciadora do profundo viciamento do organismo social. Fundára-se uma especie de ridicula Arcadia chamada *Academia vimaranense,* e nella os mais conspicuos lettrados e os mais nobres fidalgos largamente dissertavam em prosa ou verso sobre qual era maior honra para Guimarães: ser patria de D. Affonso Henriques, ou hospedar o arcebispo; concluindo todos que a segunda era honra incomparavelmente mais subida. (4)

Chegára a isto a villa que soubera repellir Duguesclin. Mas havia de cahir mais fundo.

Com a invasão franceza o senado de Guimarães passa a deliberar em nome de Napoleão (5) e, quando por indicação do Porto, se acclamou

---

(1) *Livro XII das Ver.*, fls. 106 a 108 e 115.

(2) *Livro XII das Ver.*, fls. 114 v. e 115.

(3) *Livro XIII das Ver.*, fl. 213.

(4) Veja a insulsissima *Guimarães agradecida, applauso metrico, etc., dado á luz por Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões.* Sem data.

(5) *Livro XXXIII das Ver.*, fls. 108 e segg.

novamente D. João VI, o auto de acclamação foi prudentemente deixado sem assignaturas, (1) não fosse o diabo armal-as e os francezes voltarem ainda atraz.

Surge 1820 e a serie de revoltas e contra-revoltas que convulsionaram o paiz até 1851. E' a epocha mais vergonhosa em toda a historia do concelho. O mesmo nome de fidalgo ou homem principal da villa assigna cinco e seis vezes diversos autos de camara proclamando alternativamente a carta ou o regimen absoluto, D. Miguel ou D. Pedro, conforme as divisões militares que entravam na villa. (2) No fundo, porém, o espirito publico, contra o que já vimos escripto, (3) propendia singularmente para o absolutismo; e foi um dia de jubilo para Guimarães quando o sr. D. Miguel e o sr. chantre da Collegiada atravessaram inesperadamente as ruas em machos albardados. O sr. chantre de jaqueta á hespanhola, chapéo derrubado e pau de choupa; sua majestade em *toilette* democraticamente semelhante. (4)

Da contenda sobre a jurisdicção archiepiscopal, as manifestações mais caracteristicas neste periodo devem-se a D. Verissimo de Lencastre.

Queria o prelado entrar na villa, de pontifical, ao som do *Ecce Sacerdos magnus,* e que o corpo de camara o acompanhasse. Não esteve por isso a vereação, nem mesmo quando o arcebispo lho mandou pedir como favor particular, que muito agradeceria. D. Verissimo entrou então de noite, como alguns dos seus predecessores, para se furtar ao desaire de não ser solemnemente recebido. Veio a cavallo, ante-manhã, seriam duas ou tres horas, e o sineiro da Collegiada, que o presentiu, estremunhou a villa áquella hora com o mais festivo dos seus repiques. (5)

Outros arcebispos contenderam com a camara e Collegiada de Guimarães — D. João de Sousa, D. Rodrigo de Moura Telles, etc., etc.

A D. Frei Caetano Brandão mandou o cabido uma carta, muito sêcca, por mão do seu porteiro, escandalisado porque o santo prelado lhe mandára outra por um carreiro de sóccos e aguilhada. (6)

Temos vindo correndo desde 1640. A epocha talvez merecesse mais

---

(1) *Livro XXXVI das Ver.*, fl. 125 v.

(2) O auctor publicou no «Independente», semanario de Guimarães, a serie desses curiosissimos autos.

(3) Avelino Guimarães. *Subsidios para a historia das industrias vimaranenses,* in «Revista de Guimarães», vol. IV, pag. 36.

(4) Apontamentos inéditos do conego José Pereira Lopes, pertencentes á familia do finado dr. José de Freitas Costa.

(5) *Livro das Provisões*, fl. 203 v.

(6) *Ephemerides vimaranenses*, in «Independente».

ampla explanação; não sóbra agora ao auctor, pelas condições especiaes da sua obra, tempo para fazêl-a.

Crêmos, porém, ter esboçado, a largos mas impressivos traços, as caracteristicas indispensaveis para dar relêvo e um pouco de vida á physionomia da villa de Guimarães atravéz da sua curta existencia de alguns seculos.

O pequenino burgo cresce e prospéra com a primeira dynastia. E' então grande pelo trabalho, forte pelas armas, patriota pelo coração.

Com a segunda dynastia aventura-se atravéz do mar, bate-se na India ou mercadeja em Flandres. Mas a ambição dos lucros empanna já a pureza dos sentimentos primitivos. Ao interesse da patria antepõe-se o interesse pessoal.

Com a terceira e a quarta dynastia esta orientação, geral em todo o paiz, accentua-se. Guimarães conhece então a covardia, o mêdo e a desorientação. 1640 foi um curto parenthesis, logo fechado. Salvador Ribeiro de Sousa acclamado rei na Indo-China pelos naturaes, espantados dos seus prodigios, [1] é o ultimo reflexo da alma vimaranense.

Ha vinte annos que em Guimarães se realisou uma exposição concelhia, [2] uma como que revista de forças para onde se verificasse se ainda havia com que ganhar grandes batalhas e grande renome nas luctas da industria e do commercio. Achou-se então que não faltavam soldados, nem faltava nelles o espirito trabalhador. O que não havia era uma direcção intelligente, uma vontade firme, uma iniciativa ousada.

De então para cá muitas fabricas se teem fundado na cidade e no concelho. Umas prosperaram, outras — é a lei — não foram tão felizes. Mas de um modo geral, a situação economica parece ter melhorado.

Ligados, porém, ao resto do paiz, a cidade e o concelho de Guimarães teem de correr o fado que o paiz correr. Na mão dos governos está o seu destino, e os governos que se organisam em Lisboa não conhecem muita vez a provincia, nem procuram conhecêl-a e beneficial-a fomentando-lhe a prosperidade, aproveitando as riquezas de um solo fertil e os esforços de obreiros infatigaveis.

Ha pouco que parece ter-se aberto uma nova éra na administração do paiz de que tomaram conta novos homens.

Oxalá elles cumpram as promessas feitas e satisfaçam as esperanças de tantos que nelles põem os olhos, esperançados num futuro melhor.

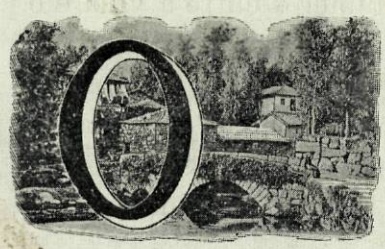
---

(1) P.e Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, pag. 130.

(2) Relatorio da exposição industrial de Guimarães em 1884, por Alberto Sampaio e Joaquim José de Meira.

ALPENDRE e EIRA (Guimarães)

População



Ponte (S. Lourenço de Selho)

S DADOS que podem haver-se para julgar da populosidade da villa de Guimarães e seu termo, antes dos primeiros censos officiaes, são, como já fizemos notar no decorrer da parte historica, muito escassos e muito falliveis. Compendiamos agora esses numeros no Quadro XXVIII.

O *Livro do Numero,* a *Chorographia* de Carvalho e o *Portugal sacro-profano* não publicam relação das almas existentes, mas sim dos fogos ou moradores. Fizemos, para a transformação, o computo do fogo a 4,5 habitantes.

A lista da *Geographia historica* é de fogos e almas; mas estas devem entender-se como *almas de confissão,* [1] a que é necessario accrescentar

(1) Segundo o prof. Ricardo Jorge *(Demographia e hygiene da cidade do Porto,* pag. 114) perfilhando a opinião de Balbi *(Essai statistique sur le royaume de Portugal).*

os menores de 7 annos. Avaliamol-os em mais um quinto, que juntamos aos numeros dados.

O *Livro do Numero,* além da população que arrola por fogos na villa e no termo de Guimarães, menciona mais 3:200 mancebos solteiros de 18 a 30 annos, que numa e noutro vivem com seus paes. Dividimos estes 3:200 em partes proporcionaes aos numeros achados para a villa e termo, e addicionamol-os como convinha.

QUADRO XXVIII (1)

População da villa de Guimarães e seu termo antes dos censos officiaes

GUIMARÃES	1258 Inquirições	1422 R. da Silva	1527 Livro do Numero	1700 Chorographia de Carvalho	1732 Geographia de D. Luiz de Lima	1755 Portugal sacro-profano	1839 Diccionario do Flaviense
Villa	2.250	2.130	7.229	?	6.620	8.940	8.240
Termo	?	?	18.282	28.449	27.056	46.292	36.343
Total . . .	?	?	25.511	?	33.676	55.232	44.583

Quando nos foi possivel a separação dos numeros entre a villa e o termo, juntamos á villa metade da população das freguezias de S. Miguel de Creixomil e S. Pedro d'Azurem, e um vigesimo dos habitantes de Santo Estevão de Urgezes, porque essas tres parochias suburbanas desde tempos muito remotos que entram na constituição da villa, dentro de barreiras, em proporção que não deve andar longe destes numeros. (2)

---

(1) *P. M. H., Inquisitiones,* pag. 738.—L. A. Rebello da Silva. *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal,* pag. 46.—*Livro do numero que se fez das cidades e vylas e loguares dantre doyro e mynho e moradores delles e termos e assy com qaem partem por carta de elrei Nosso Senhor.*—Arch. Nac. da Torre do Tombo, gav. 15.ª, m. 24, n.º 12.—P.e Carvalho da Costa. *Chorographia Portugueza,* vol. I, cap. xx.—D. Luiz Caetano de Lima. *Geographia historica,* na «lista dos fogos e almas que ha nas terras de Portugal, communicada ao Author para se incorporar nesta Geographia no anno de 1732, pelo Marquez de Abrantes, Censor e Director da Academia Real e julgada por elle a mais exacta», tomo II, pag. 478.—Paulo Dias de Niza. *Portugal sacro-profano,* passim.—F. F. dos P. Fernandes Pereira. *Taboa geographico-estatistica lusitana, ou diccionario abbreviado* . . . por um flaviense.

(2) Num total de 553 fogos, S. Miguel de Creixomil tem dentro de barreiras 295. S. Pedro d'Azurem, com 239 fogos, tem na cidade 125. Santo Estevão de Urgezes apenas possue, dentro de barreiras, 11 dos seus 208 fogos.

Ao quadro, que resultou destas operações, infelizmente pouco valor póde attribuir-se.

Os numeros da *Geographia historica* parecem-nos baixos para a parte urbana, defeito que já o prof. Ricardo Jorge lhe notou. Para o termo do concelho estão elles em notavel concordancia com os da *Chorographia* de Carvalho; mas talvez uns e outros sejam baixos.

QUADRO XXIX

População da cidade de Guimarães e seu concelho segundo os quatro censos realisados

GUIMARÃES	1864	1878	1890	1900
Cidade	9.206	9.450	9.925	10.893
Concelho	35.809	36.294	39.770	43.830
Total . . .	45.015	45.744	49.695	54.723

Os do *Portugal sacro-profano*, que se nos afiguram bastante proximos da verdade na villa, é de crêr que o sejam tambem no termo, embora façam, sobre os já mencionados, um excesso de 19:000 almas.

QUADRO XXX

População do concelho de Guimarães e suas taxas de crescimento ‰

ANNOS	Popnlação	Taxa de crescimento ‰
1864	45.015	1,1
1878	45.744	6,6
1890	49.695	10,1
1900	54.723	

A differença para menos 10:000 habitantes, entre o *Portugal sacro-profano* (1755) e o *Diccionario do Flaviense* (1839), provém, em grande

parte, da nova constituição dada ao concelho de Guimarães, do qual foram desmembradas muitas freguezias para entrar nos concelhos visinhos de Fafe, Felgueiras, Braga, Povoa de Lanhoso, Lousada e Santo Thyrso.

QUADRO XXXI

População dos concelhos do districto de Braga e taxas de crescimento

(1878, 1890, 1900)

CONCELHOS	População			Taxas de crescimento e decrescimento ‰ (1)	
	1878	1890	1900	78 a 90	90 a 900
Amares	11.647	12.282	12.716	4,1	3,5
Barcellos	43.479	45.157	46.981	2,9	4,03
Braga	50.197	55.277	58.184	7,7	5,2
Cabeceiras de Basto	15.804	15.191	16.273	*2,9*	7,1
Celorico de Basto .	19.744	20.005	20.164	1,01	0,7
Esposende	14.181	14.638	14.972	2,4	2,2
Fafe	24.624	25.660	27.271	3,2	6,2
Guimarães . .	**45.744**	**49.695**	**54.723**	**6,6**	**10,1**
Povoa de Lanhoso .	16.731	16.263	16.928	*2,1*	4,08
Terras de Bouro . .	8.177	8.188	8.429	0,10	2,9
Vieira	14.036	13.606	14.787	*2,3*	8,6
V. N. de Famalicão	30.462	31.519	33.970	2,6	7,7
Villa Verde . . .	31.330	30.827	31.761	*1,2*	3,03
Districto . . .	319.464	338.308	357.159	4,6	5,5

E' só em 1864, com a publicação do primeiro censo official da população do reino, que definitivamente se entra num terreno de relativa certeza.

Segundo os quatro censos até hoje publicados, a população de Guimarães, na cidade e no concelho, é a que consta do Quadro XXIX.

O crescimento populacional, tomando em globo toda a população do concelho, foi como se vê no Quadro XXX.

A velocidade demogenica augmentou de uma maneira notavel, se

(1) As taxas em *italico* são de decrescimento.

QUADRO XXXII

Cidades do continente dispostas segundo a ordem decrescente em relação á população de 1900

CIDADES	1864	1878	1890	1900	TAXAS ‰ (1)		
					64—78	78—90	90—900
Lisboa	163.763	187.404	301.206	356.009	10,3	46,7	18,1
Porto	86.751	105.838	138.860	167.955	15,7	23,9	20,9
Braga	18.831	19.755	23.089	24.202	3,5	12,9	4,8
Setubal	12.747	14.798	17.581	22.074	11,5	14,5	25,5
Coimbra	12.727	13.369	16.985	18.144	3,5	20,7	6,7
Evora	11.518	13.046	15.134	16.020	9,3	12,2	5,8
Covilhã	—	10.809	17.562	15.469	—	51,7	***11,9***
Elvas	10.271	10.471	13.291	13.981	1,3	20,6	5,1
Tavira	10.529	11.459	11.558	12.175	6,2	0,61	5,3
Portalegre	6.433	7.039	10.534	11.820	6,6	41,3	12,2
Faro	8.014	8.561	9.338	11.789	4,8	6,8	26,2
Guimarães	**9.206**	**9.450**	**9.925**	**10.893**	**1,8**	**3,8**	**9,7**
Vianna	9.263	8.816	9.682	9.990	***3,3***	7,4	3,2
Aveiro	6.395	6.852	8.860	9.979	5,0	22,4	12,6
Silves	5.059	6.913	8.362	9.687	26,0	16,0	15,8
Lamego	7.844	8.124	8.685	9.471	2,5	5,2	9,0
Beja	6.874	7.843	8.394	8.885	10,0	5,3	5,8
Santarem	6.207	7.001	8.210	8.628	9,0	13,2	5,0
Lagos	7.744	7.279	8.259	8.291	***4,2***	10,3	0,38
Vizeu	6.399	6.956	7.996	8.057	6,0	11,5	0,76
Castello Branco	6.136	6.928	6.728	7.288	9,1	***2,1***	8,3
Thomar	4.005	5.105	5.816	6.888	19,4	10,5	18,4
Figueira da Foz	—	—	5.676	6.221	—	—	9,6
Guarda	3.761	4.613	5.990	6.124	15,9	22,7	2,2
Bragança	4.754	5.071	5.840	5.535	4,6	11,6	***5,2***
Penafiel	4.411	4.488	4.631	5.065	1,1	2,4	9,3
Leiria	2.922	3.570	3.932	4.459	15,7	7,5	13,4
Pinhel	2.238	2.717	2.977	2.917	15,1	7,3	***2,0***
Miranda	868	1.036	994	983	13,8	***2,8***	***1,1***

(1) Os numeros em *italico* representam as taxas de decrescimento.

dérmos credito ás taxas encontradas por mil habitantes. Mas é bem possivel que parte das differenças entre os primeiros censos e os mais modernos, provenha das difficuldades e imperfeição de um serviço que se installava.

Comparando as taxas de crescimento obtidas nos tres ultimos censos nos concelhos do districto de Braga, encontramos que, de 1878 a 1890, só o concelho de Braga levou vantagem ao de Guimarães com uma taxa de 7,7 $^{0}/_{00}$. De 1890 a 1900 nenhum outro attinge a taxa de 10,1 $^{0}/_{00}$ que distingue Guimarães. Braga tem a taxa de 5,2 $^{0}/_{00}$, ficando-lhe muito superiores: Vieira com 8,6 $^{0}/_{00}$, Famalicão com 7,7 $^{0}/_{00}$, e Cabeceiras de Basto com 7,1 $^{0}/_{00}$ (Quadro XXXI).

QUADRO XXXIII

Superficie do territorio e densidade da população por districtos

DISTRICTOS	Superficie (kilometros quadrados)	Densidade da população (habitantes por kilometro quadrado)			
		1900	1890	1878	1864
Aveiro	2.757,90	109,9	104,2	93,2	86,5
Beja	10.254,90	15,9	15,3	13,8	13,2
Braga	**2.693,00**	**132,6**	**125,6**	**118,6**	**114,9**
Bragança	6.510,10	28,4	27,5	25,9	24,4
Castello Branco . .	6.688,20	32,3	30,6	26,0	23,8
Coimbra	3.907,20	85,0	81,0	74,7	68,8
Evora	7.399,50	17,3	16,0	14,4	13,2
Faro	5.018,90	50,8	45,5	39,6	34,4
Guarda	5.482,20	47,7	45,6	41,6	38,3
Leiria	3.411,80	69,9	63,6	56,5	50,9
Lisboa	7.941,30	89,3	76,6	62,7	55,2
Portalegre . . .	6.230,60	19,9	18,1	16,2	15,3
Porto	2.312,10	258,6	236,2	199,7	177,6
Santarem	6.119,40	42,7	38,4	33,3	29,7
Vianna do Castello	2.221,30	96,9	93,3	90,6	87,9
Villa Real . . .	4.273,20	56,6	55,5	52,5	49,9
Vizeu	5.018,70	80,1	77,9	74,0	70,4
Continente . .	**88.740,30**	**56,5**	**52,5**	**46,8**	**43,1**

A cidade de Guimarães não alcança por si uma taxa de crescimento tão elevada como o concelho todo.

Ainda assim, occupando o duodecimo logar pela população entre as cidades do reino, cabe-lhe o decimo em velocidade de crescimento,

de 1890 para 1900. Antes, está Faro, Setubal, Thomar, Lisboa, Silves, Leiria, Aveiro e Portalegre.

O Quadro XXXII traz a população das cidades do continente, segundo os quatro censos e as taxas respectivas.

Densidade. — A provincia d'Entre Douro e Minho é, no reino, a que tem uma população especifica mais importante. O districto do Porto, de todos o mais denso, não deve a exaggerada densidade com que se nos apresenta (1) á exclusiva influencia da cidade com os seus 167:955 habitantes.

QUADRO XXXIV

Superficie do districto de Braga e densidade da população por concelhos

CONCELHOS	Superficie (kilometros quadrados)	Habitantes por kilometro quadrado	
		1890	1900
Amares	85,50	137	149
Barcellos	372,50	120	126
Braga	183,20	312	317
Cabeceiras de Basto	241,10	62	67
Celorico de Basto	176,40	138	114
Esposende	98,20	129	152
Fafe	223,70	100	122
Guimarães	**257,10**	**199**	**213**
Povoa de Lanhoso	132,80	121	127
Terras de Bouro	272,80	26	31
Vieira	220,80	57	67
Villa Nova de Famalicão	203,90	144	167
Villa Verde	225,00	154	141
Districto	**2.693,00**	**124**	**133**

Ainda mesmo que excluissemos a cidade dos calculos a fazer, a região seria a mais densamente povoada do paiz, pois ainda apresentaria 180 habitantes por kilometro quadrado.

O Quadro XXXIII resume a densidade populacional do continente por districtos.

(1) O numero de habitantes por kilometro quadrado no districto do Porto era, em 1900, de 258,6. A Belgica, o paiz mais povoado da Europa, não contava mais de 206,0 habitantes na mesma unidade de superficie em 1890, já quando o districto do Porto tinha 236,2.

Vê-se que, logo após o districto do Porto, vem o de Braga com uma densidade de 132,6.

Entre os concelhos que formam o districto, o primeiro é o de Braga, que deve a sua densidade de 317 ao aggregado urbano, sem o qual não passaria de 180, exactamente a densidade do districto do Porto, eliminada a cidade.

QUADRO XXXV

Composição da população no continente do reino segundo a procedencia

PROCEDENCIA	Composição da população por 1:000 habitantes	
	1890	1900
Naturaes do proprio concelho de residencia .	890	858
Naturaes de outro concelho do mesmo districto	42	58
Naturaes de qualquer outra procedencia do paiz	60	76
Estrangeiros	8	8

Após vem Guimarães, com 213 habitantes por kilometro quadrado. Mas, se lhe subtrahissemos a população citadina, viria para 170.

A densidade minima cabe a Terras de Bouro, o concelho mais extenso depois de Barcellos, mas de todo o districto o mais mal povoado. A seguir a este, Cabeceiras de Basto, que lhe é immediatamente superior, tem uma população especifica, que excede o dobro da de Terras de Bouro.

Depois seguem-se os outros concelhos, conforme o indica o Quadro XXXIV.

Naturalidade. — Desde o censo de 1890 que se distingue na população recenseada a sua procedencia, apartando-a em quatro classes: *a)* naturaes do concelho de residencia; *b)* naturaes d'outro concelho do districto; *c)* naturaes d'outro qualquer ponto do paiz; *d)* estrangeiros.

No continente do reino estas quatro classes entram na composição de mil habitantes, como se vê no Quadro XXXV.

De 1890 para 1900 a população do reino deslocou-se dos seus concelhos de naturalidade em maior escala, diminuindo o numero de individuos recenseados no proprio concelho de naturalidade e augmentando

o dos vindos de fóra, do mesmo districto ou simplesmente do reino. O numero de estrangeiros não variou. Isto mesmo se observa no districto de Braga.

QUADRO XXXVI

Composição da população do districto de Braga segundo a procedencia

PROCEDENCIA	Composição da população por 1:000 habitantes	
	1890	1900
Naturaes do proprio concelho de residencia .	955	914
Naturaes de outro concelho do mesmo districto	25	50
Naturaes de qualquer outra procedencia do paiz	18	33
Estrangeiros	2	3

Sómente aqui, a proporção de gente estranha ao concelho, embora accuse tendencia a augmentar, é inferior á média geral do paiz. Em 1:000 habitantes ha apenas tres estrangeiros, e trinta e tres nascidos fóra do districto.

QUADRO XXXVII

Composição da população no concelho de Guimarães segundo a procedencia

PROCEDENCIA	Composição da população por 1:000 habitantes	
	1890	1900
Naturaes do proprio concelho de residencia .	958,5	902,5
Naturaes de outro concelho do mesmo districto	16	50,4
Naturaes de qualquer outra procedencia do paiz	24	45,7
Estrangeiros	1,5	2,4

O concelho de Guimarães obedece á mesma regra que preside á composição da população no reino e no districto. Apenas nelle é maior a percentagem de individuos estranhos ao districto, o que talvez encon-

tre explicação na attracção que, de longa data, a cidade exerce sobre a população de alguns concelhos do districto de Villa Real.

Como vimos atraz (Quadros XXXV, XXXVI e XXXVII) o numero de estrangeiros, referido a 1:000 habitantes, é o que agora se resume no Quadro XXXVIII.

QUADRO XXXVIII

Estrangeiros por 1:000 habitantes

(1890-1900)

ESTRANGEIROS	Numero por 1:000 habitantes	
	1890	1900
No continente	8,4	7,8
No districto de Braga	2,2	2,9
No concelho de Guimarães	1,5	2,4

O concelho de Guimarães tem, comparado com o continente, uma fraca proporção de estrangeiros.

A percentagem destes é mesmo inferior, no concelho que nos occupa, á média do districto de Braga.

QUADRO XXXIX

Estrangeiros por 1:000 habitantes em Lisboa e Porto

(1890-1900)

ESTRANGEIROS	Numero por 1:000 habitantes	
	1890	1900
Em Lisboa	60,4	49,5
No Porto	41,3	31,1

A alta, que o continente em geral mostra sobre o concelho, é devida em grande parte á influencia das duas cidades do Porto e Lisboa, grandes centros de agglomeração de gentes exoticas (Quadro XXXIX).

Sem os estrangeiros que nellas pullulam, a média geral do paiz seria apenas de 3,3 $^{0}/_{00}$ em 1890 e 3,2 $^{0}/_{00}$ em 1900.

A maior elevação da média do districto de Braga, sobre o concelho de Guimarães, deve-se á cidade dos arcebispos, que arrolou no ultimo censo 378 estrangeiros dentro de barreiras, ou seja uma média de 16 $^{0}/_{00}$, e ao pequeno aggregado de Fão, que, com 1:923 habitantes, conta 30 estrangeiros.

QUADRO XL

Distribuição dos estrangeiros pelas freguezias do concelho

FREGUEZIAS		Numero de estrangeiros	
		1890	1900
Guimarães (cidade)		33	59
Freguezias juxta-urbanas	Creixomil	1	13
	Azurem	5	6
	Costa	—	4
	Fermentões	—	3
	Urgezes	2	1
Vizella		7	18
Taipas		3	6
Ponte		—	4
Ronfe		3	3
Leitões		—	3
S. Torquato		—	2
Lordello		3	2
Moreira de Conegos		1	2
Barco		2	2
Pinheiro		—	1
Polvoreira		1	1
Tagilde		—	1
Gonça		—	1
Sande (S. Martinho)		5	—
Selho (S. Jorge)		3	—
Souto (Santa Maria)		2	—
Briteiros (Salvador)		1	—
Figueiredo		1	—
Vizella (S. Paio)		1	—
	Total	78	132

Os estrangeiros encontram-se pouco espalhados no districto. Mais de metade agrupam-se nas sédes dos concelhos, especialmente em Braga, Guimarães, Barcellos, Fafe e Famalicão.

No concelho de Guimarães, a sua distribuição é a que consta do Quadro XL.

No continente do reino cabe a primazia, entre os estranhos que elegeram Portugal para sua morada, aos hespanhoes, a que se seguem im-

QUADRO XLI

Estrangeiros existentes no continente do reino

(1890-1900)

NUMEROS ABSOLUTOS

NACIONALIDADE	Numero de estrangeiros	
	1890	1900
Hespanhoes	27.138	26.903
Brazileiros	5.307	6.666
Francezes	2.492	1.771
Inglezes.	1.766	1.752
Allemães	766	853
Italianos	772	540
Belgas	221	182
Americanos	—	66
Outras nacionalidades . .	920	615
Total . . .	39.402	39.348

mediatamente os brazileiros. Todavia, estes ultimos não são sequer uma quarta parte daquelles (Quadro XLI).

QUADRO XLII

Hespanhoes, distinguindo os que habitam Lisboa e Porto

(1890-1900)

HESPANHOES	1890	1900
Em Lisboa.	12.644	12.623
No Porto	3.408	3.108
No contin., excepto Lisboa e Porto	11.086	11.172
Total . . .	27.138	26.903

O grande contingente de hespanhoes é dado pelos que no Porto e em Lisboa se empregam em mistéres servis (Quadro XLII).

Se excluirmos os hespanhoes existentes nestas duas cidades, o seu numero total no reino viria para menos de metade; mas, ainda assim, seria superior ao numero dos brazileiros.

Os brazileiros, esses teem uma accentuada predilecção pelo norte do paiz.

QUADRO XLIII

Brazileiros no continente e sua distribuição por districtos

DISTRICTOS	Numero de brazileiros em 1900	
Braga	676	
Vianna do Castello	210	
Villa Real	364	
Bragança	92	4.530
Porto	1997	
Vizeu	394	
Aveiro	418	
Coimbra	379	
Lisboa		1.907
Guarda	82	
Castello Branco	16	
Leiria	59	
Santarem	24	209
Portalegre	4	
Evora	4	
Beja	11	
Faro	9	
Continente	(1)	6.646

Os oito districtos de Braga, Vianna do Castello, Villa Real, Bragança, Porto, Vizeu, Aveiro e Coimbra juntam alguma coisa mais do que dois terços da totalidade dos brazileiros residentes em Portugal, e ainda do terço restante, já incompleto, temos a subtrahir aquelles que acodem a Lisboa pela situação especial de capital, se quizermos avaliar a sua densidade no sul do paiz (Quadro XLIII).

A seguir na ordem numerica, véem os francezes, e depois os ingle-

(1) O censo de 1900 está errado na somma de brazileiros que attribue ao continente, e que é de 6:646 e não 6:666.

zes. E' assim para a seriação da totalidade de estrangeiros no continente e para as seriações parciaes dos districtos, excepto quatro, onde os inglezes antecedem os francezes. São elles Porto e Beja, que mostraram esta anomalia nos dois censos de 1890 e 1900, e Evora e Portalegre, que a patentearam sómente no de 1900 (Quadro XLIV).

No concelho de Guimarães os inglezes não representados no censo de 1890, apparecem agora com seis individuos, sobrelevando os francezes, que são apenas quatro.

Este apparecimento dos inglezes relaciona-se com a fundação de uma fabrica de fiação e tecidos, para cuja direcção technica veio um inglez acompanhado da familia.

QUADRO XLIV

Districtos em que o numero de inglezes sobreleva o de francezes

DISTRICTOS	1890		1900	
	Inglezes	Francezes	Inglezes	Francezes
Porto	620	357	503	234
Beja	41	13	18	6
Evora	—	—	26	14
Portalegre . . .	—	—	18	14

Os restantes estrangeiros, que se encontravam no concelho de Guimarães em 1900, eram apenas dois belgas e um italiano (Quadro XLVI).

Sabido que o sexo masculino dá sempre maior contingente para os deslocamentos, não é de admirar que, no reino, os estrangeiros varões sejam em muito maior quantidade que os do sexo feminino (Quadro XLVII).

Os numeros deste quadro são já de si expressivos; mas mais o serão ainda se considerarmos as mulheres estrangeiras que se encontram para cada mil varões tambem estrangeiros. E' essa a fórma de representar com mais evidencia a relação em que estão entre si uns e outros (Quadro XLVIII).

A enorme desproporção que existe no reino, onde, para cada 1:000 estrangeiros varões, ha apenas 634 estrangeiros do sexo feminino, não se observa no districto de Braga, nem tampouco no concelho de Guima-

rães. No districto, as mulheres estrangeiras por 1:000 homens vão até 940. No concelho de Guimarães são apenas 808.

QUADRO XLV

Estrangeiros existentes no districto de Braga

(1890-1900)

NACIONALIDADE	Numero de estrangeiros	
	1890	1900
Hespanhoes	259	323
Brazileiros	450	676
Francezes	29	24
Inglezes	4	16
Allemães	9	11
Italianos	9	5
Americanos	—	1
Belgas	2	5
Outras nacionalidades	16	10
Total	778	1071

Não deve ser pequena parte neste resultado o numero, certamente consideravel, de estrangeiras do Brazil que véem para Portugal com os *torna-viagem,* seus maridos, e ainda a parte feminina da sua progenitura.

QUADRO XLVI

Estrangeiros existentes no concelho de Guimarães

(1890-1900)

NACIONALIDADE	Numero de estrangeiros	
	1890	1900
Hespanhoes	25	57
Brazileiros	47	62
Inglezes	—	6
Francezes	4	4
Italianos	—	1
Belgas	—	2
Outras nacionalidades	2	—
Total	78	132

Para remate, damos o quadro dos estrangeiros por nacionalidades e sua distribuição pelos concelhos do districto de Braga (Quadro XLIX).

QUADRO XLVII

Estrangeiros com distincção de sexos no continente, no districto de Braga e no concelho de Guimarães

(1890-1900)

ESTRANGEIROS	1890		1900	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
No continente.	27.053	12.349	24.135	15.215
No districto de Braga . . .	444	334	552	519
No concelho de Guimarães .	43	35	73	59

Sexo. — No concelho de Guimarães não se desmente a regra de ser a nascença masculina maior do que a feminina, e tambem nelle se verifica o habitual excesso da população feminina sobre a masculina.

Esta predominancia feminina tem por causas a maior mortalidade masculina e a emigração.

QUADRO XLVIII

Estrangeiros do sexo feminino por 1:000 estrangeiros varões

(1890-1900)

ESTRANGEIROS	Femeas °/₀₀ varões	
	1890	1900
No continente	456	634
No districto de Braga	752	940
No concelho de Guimarães	814	808

No concelho de Guimarães, para cada 1:000 mulheres havia 864 homens em 1890, e 862 em 1900 (Quadro L).

Embora a percentagem dos homens lhe diminuisse de 1890 para 1900, neste ultimo anno era o concelho de Guimarães o que mais homens

QUADRO XLIX

Estrangeiros no districto de Braga, segundo os concelhos e a nacionalidade

(1890-1900)

CONCELHOS	1890										1900									
	Hespanhoes	Brazileiros	Inglezes	Francezes	Allemães	Americanos	Italianos	Belgas	De outras nacionalidades	Total	Hespanhoes	Brazileiros	Inglezes	Francezes	Allemães	Americanos	Italianos	Belgas	De outras nacionalidades	Total
Amares	1	16	—	—	—	—	—	—	—	17	—	18	—	—	—	—	—	—	—	18
Barcellos	55	30	—	—	—	—	7	—	—	92	35	36	—	—	—	—	—	—	—	71
Braga	80	220	3	21	7	—	2	—	11	344	103	279	10	19	9	1	4	1	9	435
Cabeceiras de Basto	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	9	14	—	—	—	—	—	—	—	23
Celorico de Basto	8	34	—	2	—	—	—	—	—	44	4	26	—	—	—	—	—	—	—	30
Esposende	15	18	—	—	—	—	—	—	—	33	15	50	—	1	—	—	—	—	—	66
Fafe	3	18	1	—	—	—	—	—	—	22	9	45	—	—	2	—	—	1	—	57
Guimarães	25	47	—	4	—	—	—	—	2	78	57	62	6	4	—	—	1	2	—	132
Povoa de Lanhoso	10	7	—	—	—	—	—	—	—	17	7	23	—	—	—	—	—	—	—	30
Terras de Bouro	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	3	—	—	—	—	—	—	—	8
Vieira	9	15	—	—	—	—	—	2	—	26	6	26	—	—	—	—	—	1	—	33
Villa Nova de Famalicão	22	23	—	—	2	—	—	—	—	47	59	65	—	—	—	—	—	—	1	125
Villa Verde	31	22	—	2	—	—	—	—	3	58	14	29	—	—	—	—	—	—	—	43
Districto	259	450	4	29	9	—	9	2	16	778	323	676	16	24	11	1	5	5	10	1.071

continha para 1:000 mulheres. Não assim em 1890, em que lhe ficavam superiores os concelhos de Braga e Terras de Bouro, com 866 homens por cada 1:000 mulheres.

A percentagem districtal dos homens por 1:000 mulheres foi, em 1890 e 1900, respectivamente de 829 e 825.

Os homens diminuiram no districto de Braga de um censo para o outro, e a maior parte dos concelhos da região accusaram esta baixa, alguns fracamente, como Guimarães e Famalicão, outros de uma maneira notavel, como Esposende, Amares, Terras de Bouro, Braga, Barcellos e Villa Verde.

QUADRO L

População segundo o sexo

VARÕES POR 1:000 FEMEAS	1890	1900
No continente	934	918
No districto de Braga	829	825
No concelho de Guimarães	864	862

Curioso é notar que os concelhos, que formam a parte mais interna do districto — Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Vieira, Povoa de Lanhoso e Fafe, — crescessem em população masculina.

A baixa masculina que notamos no districto de Braga, originada pela baixa na maioria dos seus concelhos, não é um facto isolado. Reproduz-se em todos os districtos do continente, excepção feita do de Villa Real, em que a percentagem masculina por 1:000 femeas se conservou a mesma.

Nalguns districtos, como o de Vianna do Castello e o de Braga, a baixa foi quasi insignificante. Noutros, como o de Lisboa, o de Beja, o de Castello Branco e o de Coimbra, a diminuição foi importantissima.

A média geral do continente desceu de 934 homens por 1:000 femeas para 918.

Como o havia já notado o prof. Ricardo Jorge para o censo de 1890, a percentagem dos homens é maior ao sul do que ao norte. Nos districtos de Evora, Beja, Portalegre e Lisboa as mulheres estão em notavel inferioridade; e são tambem inferiores, se bem que em muito menor proporção, nos de Faro e Bragança. Em todos os mais districtos so-

brepujam os homens. O censo de 1900 pouco alterou nestas relações. Portalegre, Evora, Beja e Lisboa centinuaram a accusar a predominancia dos homens. Apenas Faro e Bragança, nos quaes o numero de homens, em 1890, quasi egualava o das mulheres, embora superior, perderam esta superioridade masculina, ficando, todavia, ao lado dos districtos em que as mulheres dominam, como os dois mais abundantes em homens.

QUADRO LI

População segundo o sexo nos concelhos do districto de Braga

(1890-1900)

CONCELHOS	Varões por 1:000 femeas	
	1890	1900
Amares	794	773
Barcellos	823	800
Braga	866	844
Cabeceiras de Basto	849	858
Celorico de Basto	795	824
Esposende	812	784
Fafe	798	824
Guimarães	864	862
Povoa de Lanhoso	776	795
Terras de Bouro	866	844
Vieira	771	807
Villa Nova de Famalicão	838	836
Villa Verde	815	800
Districto	829	825

Instrucção.—A noticia mais antiga, que podémos alcançar sobre instrucção em Guimarães, é de 1291, data que se presume á constituição que D. João, bispo sabinense e legado do papa, deu á Collegiada de Guimarães. Nesta constituição se determina que na Collegiada haja um conego mestre-escola, que ensine grammatica. (1)

Em 1409 sabemos que morava na rua de Santa Maria o mestre de grammatica Pero Annes. Em 1476 leccionava-a o advogado João Gonçalves, (2) em 1560 Gaspar da Silva. (3)

(1) Sousa. *Hist. Geneal.*, Provas, vol. I, pag. 68.
(2) *Documentos do cartorio de Pousada.*
(3) *Inventario de S. Francisco.*

Assim, parece que a dynastia dos mestres de grammatica, de que apenas nos restam alguns quebrados élos, vinha de longe e devia ter-se continuado atravéz dos annos, sem interrupção, desde a fundação das primeiras escolas.

A tradição academica em Guimarães é antiga.

Tiveram nome as *Escolas Academicas,* estabelecidas no convento de S. Jeronymo da Costa, onde estudaram os infantes D. Duarte, filho de D. João III, e D. Antonio, Prior do Crato. (1)

QUADRO LII

População segundo o sexo nos districtos do continente

(1890-1900)

DISTRICTOS	Varões por 1:000 femeas	
	1890	1900
Aveiro	840	831
Beja	1.062	1.027
Braga	829	825
Bragança	1.002	981
Castello Branco	986	952
Coimbra	877	845
Evora	1.072	1.053
Faro	1.017	997
Guarda	931	918
Leiria	967	950
Lisboa	1.070	1.030
Portalegre	1.043	1.019
Porto	875	866
Santarem	985	968
Vianna do Castello	779	778
Villa Real	921	921
Vizeu	869	855
Continente	934	918

Desde 1594 que os estudantes tinham confraria, e depois irmandade, que era a de Nossa Senhora da Consolação, erecta na capella da Peneda, no Campo da Feira. (2)

---

(1) Caldas. *Guimarães, etc.*, vol. I, pag. 258.

(2) *Estatutos antigos da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos*, no cartorio da mesma.

Em 1692 encontramol-os fundando a nova irmandade de S. Nicolau, ou antes, convertendo em irmandade uma confraria que ha mais de sessenta annos tinha capella propria na igreja da Collegiada. (1)

Eram, decerto, numerosos; nem d'outra maneira se explica que tanto cuidado tivessem em aggremiar-se sob o patrocinio de um santo, á moda da epocha.

Desta irmandade de S. Nicolau, que persiste, se derivaram as festas com que os estudantes ainda hoje celebram o padroeiro, e que, nas exhibições das suas danças e travestis, são o *ultimum-moriens* dos antigos bailados e mascaradas, com que era costume festejar os santos e adornar as procissões.

QUADRO LIII

Sommas com que o concelho de Guimarães tem concorrido para o fundo de instrucção primaria (2)

ANNOS	Importancia total das sommas votadas nos orçamentos ordinarios e do imposto municipal	Data dos decretos que fixaram as respectivas sommas
1900	9:721$360	20 de abril de 1899
1901	10:080$025	17 de maio de 1900
1902	10:553$820	27 de abril de 1901
1903	10:705$135	24 de abril de 1902
1904	11:014$705	27 de junho de 1903
1905	11:579$677	30 de maio de 1904
1906	12:572$799	4 de junho de 1905

Hoje, com o seu seminario-lyceu, que é do paiz o terceiro em frequencia, com os collegios para ambos os sexos, com as escolas publicas e particulares, a cidade de Guimarães nada póde desejar em materia de facilidades de instrucção, tanto primaria como secundaria.

Não assim o concelho. A camara concorre com 12:572$799 réis annuaes para a instrucção primaria, verba que successivamente tem sido

(1) Documentos do Archivo da Collegiada, publicados pelo auctor no «Independente», n.os 103 e 104, de novembro de 1903.

(2) Extrahido do «Independente», n.º 194, de 13 d'agosto de 1905.

augmentada. Mas esse dinheiro ou tem sido desviado da devida applicação ou vae para concelhos mais favorecidos. (Quadro LIII).

Actualmente ha no concelho de Guimarães 46 escolas primarias, com as quaes o Estado gasta pouco mais de oito contos de réis. Para um concelho de 54:000 habitantes, repartidos em 79 freguezias, é pouco, é pouquissimo.

No concelho de Guimarães, segundo o censo de 1900, de 1:000 homens sabem lêr 284, e, de 1:000 mulheres, 140. E' dos concelhos mais atrasados do districto em materia de instrucção (Quadro LIV).

QUADRO LIV

Instrucção por sexos nos concelhos do districto de Braga em 1890 e 1900

CONCELHOS	Sabem lêr por 1:000			
	1890		1900	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Amares	397	79	387	88
Barcellos	370	67	388	89
Braga	417	215	398	203
Cabeceiras de Basto	119	13	301	113
Celorico de Basto	269	78	313	101
Esposende	382	118	442	139
Fafe	248	64	279	75
Guimarães	**143**	**110**	**284**	**140**
Povoa de Lanhoso	309	81	346	110
Terras de Bouro	138	3	369	53
Vieira	405	84	381	108
Villa Nova de Famalicão	318	115	345	121
Villa Verde	318	75	312	65
Districto	311	101	345	120

Ficaram acima da percentagem districtal de instruidos, para mil homens, em 1900, os concelhos de Esposende, Braga, Barcellos, Amares, Vieira, Terras de Bouro e Povoa de Lanhoso; ficou-lhe egual Famalicão e inferiores Celorico de Basto, Villa Verde, Cabeceiras de Basto, Guimarães e Fafe.

Tratando-se de mulheres, ficaram acima da percentagem districtal Braga, Guimarães, Esposende e Famalicão, e abaixo Cabeceiras de Basto, Povoa de Lanhoso, Vieira, Celorico de Basto, Barcellos, Amares, Fafe, Villa Verde e Terras de Bouro.

A percentagem districtal de homens sabendo lêr, em 1900, é elevada, para o conjuncto geral do paiz. Superiores apenas lhe ficam os districtos de Vianna do Castello, Lisboa e Porto (Quadro LV).

Confrontando os numeros dados pelos dois censos, vê-se que, de um modo geral, houve progresso na instrucção, tanto na serie districtal do continente, como na serie concelhia do districto de Braga.

QUADRO LV

Instrucção por sexos nos districtos do continente em 1890 e 1900

DISTRICTOS	Sabem lêr por 1:000			
	1890		1900	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Aveiro	282	72	341	104
Beja	183	124	181	114
Braga	311	101	345	120
Bragança	219	89	237	95
Castello Branco	184	69	199	73
Coimbra	250	64	281	73
Evora	209	161	204	147
Faro	157	138	172	167
Guarda	253	89	247	85
Leiria	188	77	199	74
Lisboa	372	335	397	350
Portalegre	204	137	204	130
Porto	383	190	390	209
Santarem	217	120	233	126
Vianna do Castello	408	94	404	98
Villa Real	331	164	319	150
Vizeu	253	75	236	67
Continente	281	139	295	150

Apenas os districtos de Evora, Beja, Portalegre, Guarda e Vianna do Castello decresceram no continente; e no districto de Braga os concelhos de Amares, Braga, Vieira e Villa Verde.

Todos os mais districtos augmentaram, como augmentaram os restantes concelhos do districto de Braga. Mas os saltos, que a comparação dos censos marca, são ás vezes tão bruscos, que os numeros chegam a merecer-nos pouca confiança, por nos parecer quasi impossivel tamanha differença em tão curto praso de tempo.

O Quadro LVI junta, para mais facil comparação, os resultados do continente, do districto de Braga e do concelho de Guimarães.

QUADRO LVI

População segundo a instrucção por sexo em 1890 e 1900

SABEM LER POR 1:000	1890		1900	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
No continente	281	139	295	150
No districto de Braga . . .	311	101	345	120
No concelho de Guimarães .	143	110	284	140

Pareceu-nos tambem curioso comparar a instrucção da cidade de Guimarães com a de Lisboa, Porto, Braga e Coimbra em 1900 (Quadro LVII).

A cidade de Guimarães tem, tanto em varões como em femeas sabendo lêr, uma percentagem superior á do continente, mas notavelmente inferior á das outras cidades, até mesmo á de Braga, que, contra o que poderia suppôr-se, se approxima do Porto.

QUADRO LVII

Instrucção no continente e nas principaes cidades, comparada com a de Guimarães

SABEM LER POR 1:000	1900	
	Varões	Femeas
Continente	295	150
Lisboa	591	489
Porto	542	353
Braga	532	349
Coimbra	672	363
Guimarães	322	217

Coimbra leva a todas vantagem em varões illustrados. E' o peso da Universidade com a sua abundancia de homens sabendo lêr e escrever.

O concelho de Guimarães, embora atrasado, não desdiz em instrucção do geral do paiz. Ha nelle falta de escolas, mas resta saber se, havendo-as, a situação melhoraria. E' o que nos diria um mappa de frequencia escolar. Não nos chegaram a tempo os subsidios para fazêl-o, mas podemos, de uma maneira geral, affirmar que a frequencia das escolas está pouco em relação com a matricula. Dos matriculados raros vão ao fim.

Estado civil. — A composição da população, segundo o estado civil no continente, no districto de Braga e no concelho de Guimarães, respectivamente em 1890 e 1900, é a que consta do Quadro LVIII.

QUADRO LVIII

Composição demographica segundo o estado civil

(1890-1900)

POR 1:000 HABITANTES	1890									1900								
	Solteiros			Casados			Viuvos			Solteiros			Casados			Viuvos		
	Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total
No continente	300	308	608	164	166	330	19	43	62	300	311	611	161	167	328	17	44	61
No districto de Braga . .	279	341	620	156	162	318	18	44	62	281	342	623	155	160	315	16	46	62
No concelho de Guimarães	281	328	609	165	166	331	17	43	60	284	331	615	164	165	329	15	41	56

Do censo de 1890 para o de 1900, a percentagem dos casados póde dizer-se estacionaria, pois decresceu apenas duas unidades: uma para os varões e outra para as femeas.

A percentagem dos solteiros augmentou seis unidades: tres para os varões e tres para as femeas. A dos viuvos diminuiu quatro unidades: duas para os varões e duas para as femeas.

Como no continente, como no districto de Braga, como em todos os paizes, pois que o facto é geral, tem o concelho de Guimarães grande excesso de viuvas sobre os viuvos. As viuvas, no concelho de Guimarães, são em numero egual a duas vezes e meia o numero dos viuvos.

Comparando, no censo de 1900, o estado civil dos individuos do concelho de Guimarães com os do districto de Braga e continente, verifica-se que as percentagens de solteiros e casados são em Guimarães

ligeiramente superiores ás mesmas percentagens continentaes, emquanto a percentagem dos viuvos é, para compensar, inferior quantidade egual á somma dos excessos de solteiros e casados.

Comparadas com as do districto de Braga, as percentagens de Guimarães são-lhe superiores em casados, inferiores em solteiros e viuvos. A superioridade dos casados de Guimarães, que sobre o continente era apenas de uma unidade em 1:000 habitantes, sobre o districto é de quatorze unidades, porque a percentagem de casados no districto de Braga é relativamente baixa.

QUADRO LIX

População do concelho de Guimarães por idades e sexo

(1900)

IDADES	Varões	Por 1:000 almas	Femeas	Por 1:000 almas	Total	Por 1:000 almas
0 a 4	3.440	62	3.400	62	6.840	124
5 a 9	3.100	56	3.068	56	6.168	112
10 a 14	3.083	56	2.890	52	5.973	109
15 a 19	2.568	47	2.899	52	5.467	99
20 a 24	2.179	39	2.702	49	4.881	89
25 a 29	1.806	33	2.188	39	3.994	72
30 a 34	1.581	28	1.988	36	3.569	65
35 a 39	1.280	23	1.655	30	2.935	53
40 a 44	1.397	25	1.883	34	3.280	59
45 a 49	1.052	19	1.423	26	2.475	45
50 a 54	1.068	19	1.554	28	2.622	47
55 a 59	811	14	1.041	19	1.852	33
60 a 64	776	14	1.040	19	1.816	33
65 a 69	427	7	576	16	1.003	18
70 a 74	353	6	504	9	857	15
75 a 79	200	3	255	4	455	8
80 a 84	148	2	212	3	362	6
85 a 89	31	0,5	34	0,6	65	1,1
90 a 94	8	0,1	14	0,2	22	0,4
95 a 100	1	0,01	3	0,05	4	0,07
Idade desconhecida	33	0,6	52	0,9	85	1,5

E' que os tempos vão pouco para a aventura do casamento. O homem, hoje em dia, antes de ir á igreja medita, mais talvez do que era preciso, no conselho da Sabedoria das Nações: *Antes que cases, olha o que fazes.*

Ainda bem que, neste particular, Guimarães leva vantagem ao

districto, e até ao paiz. Ou S. Gonçalo d'Amarante não fosse natural do concelho!

QUADRO LX

Composição da população segundo os tres grandes grupos etarios

IDADES	Varões	Por 1:000	Femeas	Por 1:000	Total	Por 1:000
Creanças (0 a 14)	9.623	175,8	9.358	171,9	18.981	346,9
Adultos (15 a 59)	13.742	251,2	17.333	316,7	31.075	567,9
Velhos (60 a 99)	1.944	35,5	2.638	48,2	4.582	83,7
Idade desconhecida	33	0,6	52	0,9	85	1,5

Idades. — Em 1:000 habitantes, á data do censo de 1900, a população do concelho de Guimarães tinha, relativamente a idade, a composição constante do Quadro LIX.

QUADRO LXI

Natalidade no concelho de Guimarães durante o decennio de 1896 á 1905

ANNOS	Varões	Femeas	Total
1896	936	885	1.821
1897	858	875	1.733
1898	978	903	1.881
1899	919	883	1.802
1900	1.002	989	1.991
1901	1.019	1.025	2.044
1902	1.036	993	2.029
1903	1.098	1.021	2.119
1904	959	949	1.908
1905	1.100	960	2.060
Total . . .	9.905	9.483	19.388
Média annual . . .	990,5	948,3	1938,8

Nesse quadro desprezamos os decimaes para o computo dos agrupamentos etarios por 1:000 habitantes.

O exame d'elle mostra que, para os varões, os grupos vão gradualmente decrescendo em numero, desde o grupo de *0 a 4* annos até ao grupo de *95 a 99*, apenas com uma ascensão no grupo de *40 a 44*, que é mais numeroso que o de *35 a 39* annos.

Para as femeas tem o decrescimento dos grupos duas irregularidades: o de *40 a 44* é mais abundante que o de *35 a 39*, e o de *50 a 54* mais numeroso que o de *45 a 49*.

QUADRO LXII

Taxas de nascença por districtos

(Ricardo Jorge)

DISTRICTOS	Taxas segundo as médias de 86-90
Faro	37,3
Guarda	37,3
Porto	36,7
Bragança	36,7
Castello Branco	36,5
Villa Real	34,8
Braga	34,4
Beja	33,8
Leiria	33,7
Santarem	33,0
Vizeu	33,0
Aveiro	32,8
Coimbra	30,0
Portalegre	29,9
Vianna	29,0
Evora	27,7
Lisboa	24,7

A serie da totalidade de habitantes accusa apenas a irregularidade do grupo *40 a 44*, em que se sommam as irregularidades ahi notadas para homens e mulheres.

Algumas vezes os grupos visinhos egualam-se em numerosidade.

Assim, em varões, *5 a 9* e *10 a 14*, *45 a 49* e *50 a 54*, *55 a 59* e *60 a 64* são respectivamente eguaes em numero.

Em mulheres, o mesmo succede com os grupos de *10 a 14* e *15 a 19*, e *55 a 59* e *60 a 64*.

Na serie total só notamos esta particularidade entre os grupos dos *55 a 59* e *60 a 64*.

Comparando a serie dos varões com a serie das femeas, verifica-se que os numeros nos dois primeiros grupos são eguaes. Depois, de *10 a 14* as mulheres dão baixa; o numero de homens é superior. Mas de *15 a 20* já as mulheres adquirem a superioridade que hão de conservar até final.

Para melhor estudo da população, podemos dividil-a em tres classes: creanças (0 a 14 annos), adultos (15 a 59), velhos (60 a t.). Assim agrupada a população do concelho de Guimarães, separada por sexos e calculadas as percentagens de cada grupo para 1:000 habitantes, é a que consta do Quadro LX.

QUADRO LXIII

Natalidade na cidade de Guimarães durante os annos de 1896 a 1905

ANNOS	Varões	Femeas	Total
1896	169	160	329
1897	170	170	340
1898	167	169	336
1899	183	160	343
1900	190	170	360
1901	182	173	355
1902	186	173	359
1903	199	185	384
1904	196	169	365
1905	205	185	390
Total	1.847	1.714	3.561
Média	184,7	171,4	356,1

Estes numeros, comparados com os que o prof. Ricardo Jorge calculou para o continente em 1890, deixam vêr que Guimarães é mais abundante em creanças, egualmente aquinhoada em adultos e muito menos rica em velhos.

Os numeros do Porto e de Lisboa, calculados pelo mesmo professor, (1) mostram uma elevada percentagem de adultos, que se explica

(1) Ricardo Jorge. *Demographia e hygiene da cidade do Porto*, pag. 185.

pela grande attracção que os centros urbanos exercem sobre as pessoas desta idade.

Podiamos fazer o calculo para a cidade de Guimarães, mas a sua população e a sua importancia não são de molde a dar resultados sensivelmente differentes do concelho, e o computo era moroso pelas correcções a introduzir, em vista do erro dos censos quanto á população citadina. (1)

QUADRO LXIV

Nupcialidade no concelho de Guimarães durante o decennio de 1896 a 1905

ANNOS	Numero de casamentos
1896	412
1897	413
1898	413
1899	399
1900	443
1901	434
1902	433
1903	427
1904	418
1905	429
Total	4.221
Média annual	422,1

Natalidade.—Durante o decennio de 1896 a 1905 nasceram no concelho 19:388 individuos, sendo 9:905 do sexo masculino e 9:483 do sexo feminino.

Isto confirma a regra, que diz ser a natalidade masculina maior que a feminina, embora na composição da população as mulheres excedam os homens.

O Quadro LXI divide a natalidade decennal por sexos e annos.

Querendo referir a natalidade a 1:000 habitantes, achamos que ella é no concelho de Guimarães de 35,4 ‰.

E' uma boa percentagem, superior á que o prof. Ricardo Jorge cal-

(1) Sempre que tivemos de calcular a população da cidade, accrescentamos aos numeros do censo metade das populações de S. Miguel de Creixomil e S. Pedro d'Azurem, e um vigesimo de Santo Estevão d'Urgezes, porque estão dentro de barreiras nessa proporção.

culou para o districto de Braga, e apenas inferior á dos districtos de Faro, Guarda, Porto, Bragança e Castello Branco, como o mostra o Quadro LXII.

A taxa da mortalidade por 1:000 habitantes é de 20,3. De maneira que ha ainda por 1:000 habitantes um saldo de 15,1. Só o districto de Faro, nos calculos do prof. Ricardo Jorge, accusou um saldo maior, de 15,4 $^{0}/_{00}$.

QUADRO LXV

Nupcialidade na cidade de Guimarães durante o decennio de 1890 a 1905

ANNOS	Numero de casamentos
1896	75
1897	86
1898	63
1899	66
1900	61
1901	61
1902	58
1903	80
1904	69
1905	97
Total	716
Média annual	71,6

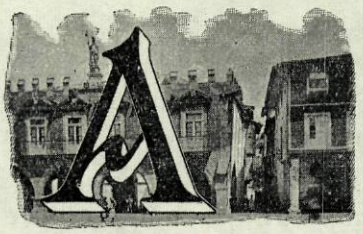
Nupcialidade. — Durante o decennio de 1896 a 1905 realisaram-se no concelho de Guimarães 4:221 casamentos, ou seja uma média annual de 422,1. O anno de mais casamentos foi o de 1900, com 443 enlaces matrimoniaes. O mais pobre foi o de 1899, apenas com 399 casamentos (Quadro LXIV).

Na cidade, o anno mais casamenteiro foi o de 1905, com 97, e o de menos nupcialidade o de 1902, com 58. A média annual foi de 71,6 (Quadro LXV).

Estudada a *densidade*, a *naturalidade*, o *sexo*, o *estado civil*, a *idade*, a *natalidade* e a *nupcialidade*, restava, para complemento do quadro demographico, avaliar a mortalidade concelhia. Não fazemos agora esse estudo, porque o reservamos para o seguinte capitulo — NOSOGRAPHIA.

UMA RUA EM GUIMARÃES

Nosographia



DIATHESE *arthritica domina a nossa pathologia, facto evidente e cuja etiologia me não parece muito obscura.*

Solo em grande parte palustre, preparando a diathese no decorrer das gerações; clima mau pela irregularidade, mau grado as canções dos poetas, com invernos do Norte e verões da Africa, dando no mesmo dia variantes inacreditaveis de temperatura e humidade, e produzindo repetidas perturbações nas funcções da pelle, raça de sangue estragado por uma medicina que durante meio seculo por tal fórma sangrou toda a gente que era de confundir o proprio Broussais e durante outro meio a todos engorgitou de carne de boi, como se só no muito azote estivesse a vida, homens meridionaes e como taes vivos e buliçosos, mas que em chegando á idade madura vão quasi todos cahir ou na ociosidade do descanço ou na inacção dos empregos; eis os principaes factores da diathese. Ajunte finalmente a isto o ser Portugal a terra do bom

vinho e da má cozinha e diga-me o que ha-de o portuguez sahir senão um arthritico. (1)

Com estas palavras procurava o dr. Manoel Bento de Sousa explicar as celebradas virtudes e o exito das aguas mineraes portuguezas no tratamento dos muitos doentes que annualmente as procuram.

Mas o illustre professor decerto se enganou, por muito generalisar. Portugal um paiz de arthriticos! Portugal abarrotando de carne de boi!

As variações do clima e as manifestações do paludismo, onde as ha, chegam a todos. Ignoramos se, de alto a baixo na escala social, o portuguez foi victima, durante os seculos passados, dessa therapeutica de sangrias e aguas mornas, que Lesage celebrisou perpetuando-a na caricatura do dr. Sangrado. Mas sabemos bem que o povo portuguez, ao menos no Minho, nunca teve o prazer de se ir lentamente suicidando com indigestões de carne de vacca.

Manoel Bento de Sousa enganou-se erigindo em regra o que pôde observar nas classes média e abastada que o consultavam. São essas que dão os homens com pedra na bexiga e eczemas rebeldes, os ociosos e indolentes da idade madura. São essas que fornecem o grosso da phalange que frequenta caldas, mas não são essas que constituem a maioria da população portugueza.

Não, infelizmente não! Portugal não é um paiz d'arthriticos, uma raça estafada por excessos de mesa e séstas bem dormidas.

Quem dormia as tardes tranquillamente, com o estomago atochado de carne, eram os reis, eram os fidalgos, eram sobretudo os frades, cuja glutoneria ficou proverbial na historia patria.

O povo, esse, hontem como hoje, sempre passou a vida rilhando côdeas muitas vezes engeitadas pelos cães e, de carne, sabendo apenas que ha um homem chamado *carniceiro,* que a vende em lojas que se chamam *talhos.*

Isto poderá ser um pouco exaggerado para o sul, que não conhecemos, mas não o é para o norte.

No concelho de Guimarães, como por todo o Minho, não se come carne. Consomem-na nas cidades e villas os mimosos da ventura. Na aldeia come-se caldo, o tradicional cozimento de couve gallega com raros feijões boiando, e um parco fio d'azeite por adubo. Peixe, ha velhos de oitenta annos que o provaram uma vez na Povoa, se exceptuarmos a sardinha repartida pelo conhecido processo: uma para o pae, outra para a

(1) Manoel Bento de Sousa, in *Apreciações medicas do estabelecimento thermal das Caldas da Felgueira.*

mãe e para todos os filhos. O bacalhau, esse está hoje um prato de luxo, que o lavrador só saboreia pelas vindimadas, por liberalidade do visinho a quem auxilia.

Não, o illustre Manoel Bento de Sousa não tinha razão! Enfermava desse mal tão commum de julgar Portugal por Lisboa, como se a capital fosse todo o paiz.

No Minho come-se caldo e come-se borôa. E assim como a carne produz o arthritismo, a borôa produz a pellagra.

A pellagra é a diathese da miseria, como o arthritismo é o mal da fartura. O Minho é em Portugal a terra da pellagra, porque é uma região maldita, onde um trabalhador do campo ganha um tostão por dia, e onde um kilo da carne mais infima, sulcada de veias e retalhos de tendão, custa entre dez e treze vintens.

O Minho é uma região maldita e uma região desconhecida.

Para admirar o Minho bastam dez minutos sobre uma serra. O ar puro encanta, o trilo das aves seduz, o esplendor da paisagem deslumbra. O viajante que vem ao Minho e encontra em dezembro os montes cobertos da florescencia amarella do tojo e da sua perpetua verdura, quando por toda a parte reina a desolada nudez do inverno, sente-se enthusiasmado.

Camillo, que havia de ser o pintor fiel da vida minhota nas suas multiplas manifestações e na variedade das suas personagens, quando veio habitar Seide pela primeira vez, soffreu esta impressão calorosa. O *Amor de Salvação* (1) abre por algumas paginas de vibrante descriptivo, onde passa o seu deslumbramento primeiro.

Mas, se para admirar o Minho basta uma hora, para o conhecer são necessarios annos, trilhando duros caminhos pedregosos, saltando portêllos, correndo atalhos entre milheiraes, vadeando regatos nas poldras, comendo pão duro á mesa dos pobres, escutando-os desfiar o rosario das suas negras miserias.

O que os observadores superficiaes vêem no Minho é a terra. O que elles quasi sempre esquecem, ou apenas lembram para annotar a sua transitoria alegria de arraial, é o obscuro obreiro que ha vinte seculos desceu dos cêrros em que se empoleirava e, ensinado pelo romano, começou a épica lucta interminavel para arrancar á terra o sustento que ella avaramente recusa, e só escassamente cede á custa de esforços inenarraveis.

---

(1) Camillo Castello Branco. *Amor de Salvação*, pag. 9 e segg.

O minhoto é em Portugal um desconhecido. Ramalho Ortigão levou a sua ignorancia do Minho, que descrevia nas *Farpas,* a ponto de dizer que nelle se conheciam apenas cinco ou seis doenças tradicionaes. (1)

Nada menos verdadeiro.

Ramalho analysou o Minho na imperial de uma diligencia, o que constitue um bem fraco observatorio.

QUADRO LXVI

Obitos no concelho de Guimarães durante o decennio de 1896 a 1905

ANNOS	Numero de obitos
1896	1.228
1897	1.307
1898	1.097
1899	1.082
1900	978
1901	1.060
1902	1.219
1903	976
1904	1.104
1905	1.062
Total	11.113
Média annual	1.111,3

Outros escriptores que, como Ramalho, viram o Minho e d'elle escreveram — D. Antonio da Costa (2) e o proprio José Augusto Vieira, (3) que era do Minho, — apenas lhe contemplaram a paisagem: não souberam ou não quizeram prescrutar-lhe a vida. E o Minho é uma decoração de pastoral onde se representam tragedias.

Aquella casinha além, vista de longe, no pendor da encosta, com o seu muro caiado, a sua horta de couves, as suas arvores envidadas, a sua cancella vermelha, tem um ar virgiliano que attrahe. Entra-se. Dentro é um horror. Na lareira uma só panella, onde ferve um magro caldo. Ao

(1) Ramalho Ortigão. *As Farpas*, vol. I, pag. 2.
(2) D. Antonio da Costa. *No Minho.*
(3) José Augusto Vieira. *O Minho Pittoresco.*

lado, entrapado em farrapos, um homem, um monte de carne que já teve fórma humana, agonisa ha vinte annos coberto de ulceras repellentes. E' um leproso.

Ha d'isto aos centos pelo Minho.

QUADRO LXVII

Taxas mortuarias por districtos

(Calculo do prof. Ricardo Jorge)

DISTRICTOS	Taxas mortuarias por 1:000
Vianna do Castello	18,4
Santarem	18,9
Leiria	19,2
Coimbra	19,2
Aveiro	20,0
Lisboa	20,5
Braga	20,9
Beja	21,5
Faro	21,9
Evora	22,0
Vizeu	22,6
Portalegre	22,9
Villa Real	23,3
Porto	25,0
Castello Branco	26,0
Bragança	26,3
Guarda	27,7

Na revolta de um carreiro encontra-se um velho esqueletico, curvado, encanecido, com as mãos em sangue e as pernas tremulas. Dir-se-hia ter cem annos. Interroguem-no. Pouco mais terá de quarenta. O trabalho escangalhou-o, a fome quasi o mumificou, e um mal estranho, que sempre o queima e a cada passo o desvaira, vae-lhe cavando a sepultura. E' um pellagroso.

Ha d'isto aos milhares no Minho; talvez ás dezenas de milhares.

Não, no Minho não ha cinco ou seis molestias tradicionaes e inoffensivas.

No Minho, os homens não morrem de velhice, como chamma que pouco a pouco se extingue, depois de muito ter ardido.

No Minho morre-se de fome, morre-se de trabalho, morre-se de pouco resguardo contra as intemperies do clima.

Mortalidade. — Durante o decennio de 1896 a 1905 falleceram no concelho de Guimarães 11:113 individuos, o que dá a média annual de 1:111.

O numero de obitos, que a cada anno pertence n'aquelle total, consta do Quadro LXVI.

QUADRO LXVIII

Mortalidade total no decennio de 1896 a 1905 e taxas por 1:000 obitos

IDADES	Varões	Femeas	Total	Taxas por 1:000 obitos	
				Varões	Femeas
0 a 4	2.481	2.213	4.694	223,2	199,1
5 a 9	267	234	501	24,0	21,0
10 a 14	98	88	186	8,8	7,9
15 a 19	120	151	271	10,7	13,5
20 a 24	151	152	303	13,5	13,6
25 a 29	107	135	242	9,6	12,1
30 a 34	95	114	209	8,6	10,2
35 a 39	89	123	212	8,0	11,0
40 a 44	116	130	246	10,4	11,6
45 a 49	124	129	253	11,1	11,6
50 a 54	173	178	351	15,5	16,0
55 a 59	172	208	380	15,5	18,7
60 a 64	269	312	581	24,2	28,0
65 a 69	246	264	510	22,1	23,7
70 a 74	333	418	751	29,9	37,6
75 a 79	247	346	593	22,2	31,1
80 a 84	234	299	533	21,0	26,9
85 a 89	92	98	190	8,2	8,8
90 a 94	32	36	68	2,8	3,2
95 a 99	10	11	21	0,8	0,9
100 e mais	1	0	1	0,08	0
Idade desconhecida	7	10	17	0,6	0,8
Total	5.463	5.650	11.113	491,5	508,5

O anno de maior mortalidade foi o de 1897, com 1:307 obitos. Vem a seguir o de 1896, com 1:228, e o de 1902 com 1:219. Todos os outros ficam abaixo da média annual pela ordem seguinte: 1904, 1898, 1899, 1905, 1900 e 1903.

A taxa da mortalidade no concelho, calculada pela média annual e pela população de 1900, é de 20,3. E' uma taxa animadora. Melhor só a tem a Inglaterra (19,2), e a Suecia e Noruega (16,9). No continente a taxa era, quando a calculou o prof. Ricardo Jorge, de 21,9. Só os distri-

ctos de Vianna, Santarem, Leiria, Coimbra, Aveiro e Lisboa a tinham mais baixa que o districto de Braga (Quadro LXVII).

No concelho de Guimarães a taxa é ainda melhor que na totalidade do districto.

Estudando a mortalidade por idades, verifica-se que o seu maximo é de 0 a 4 annos. As taxas dessa idade — 223 °/₀₀ para homens e 199 °/₀₀ para mulheres — não são, todavia, elevadas.

QUADRO LXIX

Doentes por sexo e mez no Hospital da Misericordia de Guimarães em 1904

MEZES	Varões	Femeas	Total
Janeiro	106	102	208
Fevereiro	96	96	192
Março	107	94	201
Abril	121	122	243
Maio	98	116	214
Junho	118	106	224
Julho	130	153	283
Agosto	115	151	266
Setembro	112	104	216
Outubro	89	127	216
Novembro	78	97	175
Dezembro	80	70	150
Anno	1.250	1.338	2.588

O Porto dá respectivamente 307,2 °/₀₀ e 219,4 °/₀₀ para o mesmo grupo etario.

Dos 5 aos 9 e dos 9 aos 14 a mortalidade continúa em decrescimento, e neste ultimo grupo attinge, para os dois sexos, a minima de 8,8 °/₀₀ em varões e 7,9 °/₀₀ em femeas.

Dos 15 aos 19 e dos 20 aos 24 a percentagem das mortes vae augmentando; dos 30 aos 34 ha uma remissão. D'ahi para cima, até ao grupo dos 60 a 64, o numero de defuncções eleva-se. Dos 65 aos 69 a mortalidade baixa para voltar a crescer até os 74, onde attinge as taxas de 29,9 °/₀₀ para homens e 31,1 °/₀₀ para mulheres. Além dos 74 vae successivamente baixando. O Quadro LXVIII permitte este estudo.

Doenças. — O material com que trabalhamos no estudo nosographico do concelho, foi-nos fornecido pelos registros de doentes do Hospital da Misericordia de Guimarães e pelo livro dos enterramentos do cemiterio municipal, onde são lançados os dados constantes das certidões de obito.

Era nossa intenção fazer o trabalho relativamente a todo o decennio de 96 a 905, mas tivemos de desistir, em vista da impossibilidade material de realisal-o.

Limitamo-nos por isso ao anno de 1904.

QUADRO LXX

Residencia dos doentes hospitalisados em 1904

MEZES	Varões			Femeas		
	Cidade	Concelho	Fóra do concelho	Cidade	Concelho	Fóra do concelho
Janeiro	30	68	8	31	62	9
Fevereiro	33	56	7	32	55	9
Março	31	70	6	31	55	8
Abril	39	70	12	39	72	11
Maio	26	62	10	32	74	10
Junho	35	75	8	36	66	4
Julho	39	79	12	43	101	9
Agosto	34	72	9	47	96	8
Setembro	38	69	5	31	66	7
Outubro	23	58	8	32	92	3
Novembro . . .	22	49	7	36	54	7
Dezembro	29	47	4	21	48	1
Anno . . .	379	775	96	411	841	86

Nesse anno entraram no Hospital da Misericordia os doentes constantes do Quadro LXIX.

Por ordem decrescente em numero de doentes, os mezes escalam-se assim: julho, agosto, abril, junho, setembro, outubro, maio, janeiro, março, fevereiro, novembro e dezembro. E' dezembro d'entre os mezes, se não o menos rico em doenças, o mais pobre em doentes hospitalisados. Em grande parte concorrem para este resultado as festas do Natal, que só passam fóra de casa aquelles que de todo em todo não podem regressar a ella nesses dias.

Procedencia. — O Quadro LXX dá o numero de doentes hospitalisados mensalmente por residencias, distinguindo os da cidade de Guimarães, os do concelho e os estranhos ao concelho. A pormenorisação por freguezias pareceu-nos absolutamente escusada, por não conduzir a quaesquer resultados dignos de registro.

A composição da população hospitalar é sensivelmente egual atravéz de todos os mezes. 63 % dos doentes são do concelho, 30 % da cidade e 7 % de fóra do concelho, como se vê do Quadro LXXI, que resume as médias mensaes e as taxas por cento.

Estes 7 % de doentes estranhos ao concelho de Guimarães pertenciam ao districto de Braga ou a algum dos tres districtos limitrophes — Porto, Villa Real e Vianna (Quadro LXXII).

QUADRO LXXI

Médias e taxas de doentes segundo as procedencias

(Hospital de Guimarães, 1904)

PROCEDENCIA	Médias mensaes		Taxas por 100 doentes	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Da cidade	31,58	34,25	14,6	16,0
Do concelho	64,58	70,08	30,1	32,6
De fóra do concelho . . .	8,00	7,16	3,2	3,5

E' o districto de Braga que mais doentes fornece ao Hospital de Guimarães, e são os concelhos de Fafe e Cabeceiras de Basto que principalmente concorrem para este resultado. E' curioso, porque Fafe tem um hospital.

Do districto do Porto, são os concelhos de Lousada e Felgueiras que dão maior contingente.

De Villa Real, são os concelhos de Ribeira de Pena e Mondim os de mais doentes, embora poucos.

A Hespanha fez-se representar apenas por um d'esses galleguitos ambulantes que concertam guarda-soes.

Estado civil. — Por estado civil os doentes distribuiam-se como o mostra o Quadro LXXIII.

São as mulheres solteiras que maior contingente dão para o hospital. Apenas a percentagem de homens solteiros lhe fica superior nos tres mezes de fevereiro, março e abril.

QUADRO LXXII

Doentes estranhos ao concelho por sexo e naturalidade

DISTRICTOS	CONCELHOS	Numero de doentes			
		Sexo masculino		Sexo feminino	
		Por conc.º	Por distr.º	Por conc.º	Por distr.º
Braga	Braga	2	56	1	52
	Cabeceiras de Basto	2		5	
	Celorico de Basto	18		8	
	Fafe	20		22	
	Povoa de Lanhoso	4		2	
	Villa Nova de Famalicão	10		14	
Vianna	Caminha	1	1	—	2
	Ponte do Lima	—		2	
Porto	Amarante	—	26	1	28
	Felgueiras	7		12	
	Lousada	14		15	
	Maia	1		—	
	Porto	1		—	
	Santo Thyrso	2		—	
	Villa Nova de Gaya	1		—	
Villa Real	Chaves	1	12	—	4
	Mondim de Basto	6		—	
	Ribeira de Pena	4		3	
	Santa Martha de Penaguião	1		—	
	Villa Pouca d'Aguiar	—		1	
Estrangeiro	Hespanha	1	1	—	—
	Total		96		86

A seguir véem os homens solteiros, e depois os homens casados. As mulheres casadas só véem depois d'estes. Mas as viuvas são quasi em dobro dos viuvos, o que não é de estranhar, dada a sua maior abundancia.

O Quadro LXXIV resume com mais evidencia estes dados, apre-

sentando a média mensal dos doentes por estado civil e as taxas da composição de 100 doentes.

Idades.—Os Quadros LXXV e LXXVI arrolam os doentes de 1904 por idades. O primeiro é o dos varões; o segundo o das femeas.

Em ambos se observa que o maximo de doentes é dos 21 aos 30 annos.

Para as femeas, o numero de doentes vae crescendo até essa idade, e decresce após ella. Para os varões não se observa a mesma regularidade.

QUADRO LXXIII

Doentes por estado civil

(1904)

MEZES	Varões			Femeas		
	Solteiros	Casados	Viuvos	Solteiras	Casadas	Viuvas
Janeiro	56	45	5	67	25	10
Fevereiro	57	27	12	56	27	13
Março	67	32	8	58	21	15
Abril	69	45	7	66	44	12
Maio	54	40	4	70	33	13
Junho	53	54	11	59	32	15
Julho	65	53	12	91	43	19
Agosto	63	40	12	94	38	19
Setembro	60	47	5	61	29	14
Outubro	39	41	9	84	30	13
Novembro	42	30	6	63	19	15
Dezembro	51	24	5	42	18	10
Anno . . .	676	478	96	811	359	168

Mas, embora irregularmente, o crescimento de numero faz-se até á mesma idade, e a remissão após ella. Se attendermos a que as primeiras idades são sempre mais mal tratadas por desleixo das familias e raras vezes confiadas aos cuidados hospitalares, esta maior frequencia de doentes entre os 20 e os 30 annos está de harmonia com os dados já vistos da composição da população por idades.

Profissão.—Agrupamos em dois quadros os doentes segundo as profissões. Para homens, foram os jornaleiros que deram maior contin-

gente; seguiram-se-lhes os creados — na maioria creados de lavoura, — depois os soldados, os tecelões, etc. Sob a rubrica de *outras profissões* entraram os doentes mencionados no Quadro LXXVIII.

Nas mulheres, as doentes mais frequentes são as que se empregam nos trabalhos caseiros, certamente porque são estas as mais abundantes. Véem a seguir as creadas, e depois as tecedeiras (Quadro LXXIX).

Nas *outras profissões* conglobam-se as constantes do Quadro LXXX.

Doenças. — Considerando os dois quadros onde estão distribuidos, por molestias, os doentes do sexo masculino e feminino (Quadros LXXXI e LXXXII), o que salta logo á vista é a extraordinaria abundancia de doentes do apparelho digestivo e de doenças geraes. 31 % dos hospitalisados pertencem á primeira cathegoria, 29 % á segunda. Estas duas familias nosologicas abrangem mais de metade dos casos de doença que apparecem no hospital.

QUADRO LXXIV

Médias e taxas dos doentes segundo o estado civil

ESTADO CIVIL	Médias mensaes		Taxas por 100 doentes	
	Varões	Femeas	Varões	Femeas
Solteiros	56,33	67,58	26,1	31,3
Casados	39,83	29,91	18,6	14,0
Viuvos	8,00	14,00	3,6	6,4
Total . . .	104,16	111,49	100,0	

As doenças da pelle, que véem após ellas, ficam-lhes muito distantes em frequencia.

A' face d'esses quadros e á face do registro obituario do cemiterio municipal, vamos avaliar a mortalidade das molestias principaes.

Antes, porém, impõe-se uma correcção. No Hospital da Misericordia falleceram, durante o anno, 74 individuos estranhos á cidade. Não é justo que estes sobrecarreguem a mortalidade urbana.

O Quadro LXXXV distribue essa defuncção de estranhos por doenças e permitte fazer o desconto que vae realisado no Quadro LXXXVI.

Doenças geraes — *Tuberculose pulmonar.* — E' ella que abre a serie obituaria com 50 fallecimentos num anno ou, se lhe deduzirmos 8 occorridos no Hospital, em individuos estranhos á cidade, 42.

A predilecção da tuberculose por individuos dos vinte a trinta annos é bem marcada. 40 % dos tuberculosos fallecidos tinham idade entre esses dois limites (Quadro LXXXIX).

Acima e abaixo d'esse periodo da vida, os doentes rareiam, tanto mais quanto mais afastados d'elle.

QUADRO LXXV

Doentes do sexo masculino por mezes e idades durante o anno de 1904

MEZES	0 a 1	1 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80	81 a 90	91 a t.	Idade desconhecida	Total
Janeiro . .	—	2	5	5	18	32	9	18	4	8	5	—	—	—	106
Fevereiro .	—	8	5	3	16	19	16	7	13	6	2	—	—	1	96
Março . .	1	11	5	12	20	24	11	9	8	1	3	2	—	—	107
Abril . .	—	3	4	16	20	34	9	13	10	7	5	—	—	—	121
Maio . .	1	1	5	10	10	25	12	8	15	6	4	1	—	—	98
Junho . .	1	5	8	12	15	20	12	18	14	4	8	1	—	—	118
Julho . .	—	11	5	8	17	33	11	20	16	4	4	1	—	—	130
Agosto . .	—	10	4	5	13	35	9	9	13	5	7	4	1	—	115
Setembro .	—	11	2	9	15	30	10	14	7	10	3	1	—	—	112
Outubro .	—	4	5	7	9	18	13	13	10	5	4	1	—	—	89
Novembro .	—	7	6	3	11	13	8	9	12	4	4	1	—	—	78
Dezembro .	1	4	8	3	16	20	13	6	4	4	1	—	—	—	80
Anno . .	4	77	62	93	180	303	133	144	126	64	50	12	1	1	1.250

As profissões não parece influirem de uma maneira sensivel na producção da terrivel molestia.

O Quadro XC, que as resume, não se presta a tirar quaesquer conclusões.

Grippe. — E' uma doença vulgar, mas felizmente quasi inoffensiva. Em 1904, só no Hospital da Misericordia, trataram-se de grippe 117 pessoas, sendo 76 do sexo masculino e 41 do feminino, sem um unico obito. E em toda a cidade, no mesmo periodo, falleceram d'ella 6 individuos.

Como o mostra o Quadro XCI, estes individuos eram ou de uma idade ainda fragil por pouco adiantada, ou já vacillante pelo peso dos annos. Entre os 20 e os 50 ninguem morreu de grippe.

Cancro.—Morreram na cidade de Guimarães 4 individuos de cancro no anno de 1904, conforme o expressa o Quadro XCII. D'esses 4 individuos, um falleceu no Hospital da Misericordia e não pertencia á cidade.

No mesmo hospital estiveram em tratamento durante o anno, por casos de cancro, 17 individuos, como póde vêr-se nos quadros das doenças geraes (LXXXVII e LXXXVIII).

São os casados que fornecem o grande contingente de cancerosos, em dobro dos solteiros e viuvos reunidos (Quadro XCIV).

QUADRO LXXVI

Doentes do sexo feminino por mezes e idades durante o anno de 1904

MEZES	0 a 1	1 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80	81 a 90	91 a t.	Total
Janeiro . . .	2	4	6	10	9	31	12	8	11	6	—	3	—	102
Fevereiro . .	1	4	8	7	6	29	16	11	9	1	3	1	—	96
Março . . .	1	2	5	7	12	28	10	14	7	3	1	4	—	94
Abril	1	1	4	6	18	36	19	16	14	4	3	—	—	122
Maio	4	4	4	11	14	32	18	16	5	4	4	—	—	116
Junho . . .	—	3	1	7	13	24	25	11	12	8	2	—	—	106
Julho	1	10	6	16	22	35	20	10	9	18	6	—	—	153
Agosto . . .	—	9	5	12	29	36	22	13	11	9	4	1	—	151
Setembro . .	1	7	5	8	13	24	15	7	6	12	3	3	—	104
Outubro . . .	2	2	7	13	27	22	13	10	9	13	9	—	—	127
Novembro . .	—	2	6	9	19	19	14	5	10	5	6	2	—	97
Dezembro . .	6	6	4	4	5	18	8	5	7	4	2	1	—	70
Anno . . .	19	54	61	110	187	334	192	126	110	87	43	15	—	1.338

O numero de casos por sexos equilibra-se. Ha quasi tantos homens como mulheres cancerosos.

Sobre a localisação do cancro nada pôde concluir-se, pois em muitos dos casos falta no registro hospitalar a menção da séde. D'aquelles em que ella se conhece, a maior percentagem é para os do rosto, onde agrupamos os da palpebra, do labio e da face (Quadro XCV).

Do quadro das profissões tambem não é possivel obter indicação de qualquer predilecção especial do cancro por este ou aquelle modo de vida. Se se nos apresenta mais vulgar nos jornaleiros e nas mulheres de profissão domestica, é porque estas e aquelles são em grande maioria sobre as outras profissões (Quadro XCVI).

QUADRO LXXVII

Doentes do sexo masculino hospitalisados em 1904, segundo as profissões

PROFISSÕES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média mensal
Jornaleiros	24	12	19	15	16	22	21	18	17	12	15	10	201	16,7
Creados	15	14	13	10	8	9	13	13	11	6	6	8	126	10,5
Soldados	8	8	6	21	7	1	5	3	10	6	8	15	98	8,1
Tecelões	8	3	6	10	4	10	10	9	7	7	5	4	83	6,9
Pedreiros	7	4	4	4	12	7	6	4	8	12	5	4	77	6,4
Lavradores	3	3	3	11	9	5	10	6	3	6	3	3	65	5,4
Mendigos	3	5	2	6	3	8	6	10	5	3	2	2	55	4,5
Sapateiros	6	4	6	2	4	4	5	3	5	3	2	2	46	3,8
Cutileiros	5	7	3	3	2	4	3	4	5	1	1	2	40	3,3
Carpinteiros	—	4	1	3	2	2	5	6	3	2	2	—	30	2,5
Asylados	2	2	4	2	1	4	4	3	3	2	1	1	29	2,4
Garfeiros	1	4	2	1	1	—	3	1	4	—	2	5	24	2,0
Caixeiros	—	2	4	3	4	2	2	2	1	2	1	1	24	2,0
Cortidores	2	1	2	—	—	3	2	3	2	1	1	3	20	1,6
Caiadores	—	1	3	—	3	1	2	1	1	4	—	1	17	1,4
Alfaiates	—	1	1	—	1	1	1	3	3	2	4	—	17	1,4
Operarios de fabricas	—	—	2	1	1	2	2	1	3	1	—	—	13	1,0
Serralheiros	1	—	1	3	1	2	2	2	—	—	—	—	12	1,0
Barbeiros	2	1	—	1	—	—	1	—	—	2	—	—	7	0,5
Cocheiros	1	1	1	—	—	—	2	—	—	1	1	—	7	0,5
Pentieiros	—	—	1	1	—	2	1	—	—	—	—	—	5	0,4
Escreventes	—	1	—	—	—	1	1	—	—	2	—	—	5	0,4
Outras profissões	9	5	5	9	9	10	3	4	5	6	3	4	72	6,3
Sem profissão	9	13	18	15	10	18	20	19	16	8	16	15	177	14,0
Total	106	96	107	121	98	118	130	115	112	89	78	80	1.250	104,1

Febre typhoide. — Esta deu ao cemiterio seis cadaveres; mas, tres vindos do hospital, eram de individuos estranhos á cidade.

Guimarães tem actualmente uma canalisação de aguas publicas, directamente captadas nas nascentes e abundantemente distribuidas na cidade, em condições que raras vezes se egualam. Nem o Porto nem Lisboa fornecem agua aos seus habitantes com taes garantias de pureza.

QUADRO LXXVIII

Profissões que o quadro anterior congloba sob a rubrica de «Outras profissões»

PROFISSÕES	Numero de doentes	PROFISSÕES	Numero de doentes
Tintureiros	5	*Transporte*	40
Marceneiros	3	Ourives	1
Enfermeiros	1	Espingardeiros	2
Carvoeiros	1	Estudantes	3
Mineiros	2	Chapeleiros	3
Relojoeiros	2	Sacristães	2
Padres	2	Cauteleiros	1
Moleiros	5	Professores	1
Pastores	1	Funileiros	4
Peixeiros	4	Tendeiros	2
Guarda-soleiros	1	Guardas civis	2
Calceteiros	2	Coveiros	1
Ferradores	1	Sineiros	1
Urdidores	2	Padeiros	3
Cesteiros	3	Proprietarios	1
Carrejões	3	Pharmaceuticos	1
Vendedores	1	Pescadores	1
Marchantes	1	Oleiros	1
		Serradores	1
A transportar	40	Fundidores	1
		Total	72

A febre typhoide é uma doença que, em Guimarães, póde dizer-se terminada. Os casos que appareceram no Hospital vinham de fóra; e um ou outro que se dá na cidade filia-se na ignorancia publica que, por desleixo, continúa a aproveitar os poços ou vae pelo verão, em procura de agua que reputa mais fresca e saborosa, a fontes já fóra de barreiras, onde bebe a doença e muitas vezes a morte.

Impaludismo. — Eis uma doença que não tem representante no obituario local.

QUADRO LXXIX

Doentes do sexo feminino hospitalisados em 1904, segundo as profissões

PROFISSÕES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média mensal
Mulheres de casa	21	29	14	54	45	36	49	45	31	34	26	19	403	35,5
Creadas	28	21	24	21	19	18	30	29	17	26	25	14	272	22,6
Tecedeiras	13	9	13	12	14	15	18	17	14	19	8	12	164	13,6
Jornaleiras	15	14	13	12	15	15	14	16	7	8	3	3	135	11,2
Mendigas	4	4	5	3	2	4	8	6	9	5	9	9	68	5,6
Operarias de fabricas . . .	—	—	2	—	2	5	3	8	6	12	7	2	47	3,9
Costureiras	3	1	4	5	4	4	5	5	3	4	4	—	42	3,5
Asyladas	2	4	1	2	2	2	1	3	2	2	1	—	22	1,8
Outras profissões	1	2	6	4	—	2	3	2	1	—	3	1	25	2,0
Sem profissão	15	12	12	9	13	5	22	20	14	17	11	10	160	13,3
Total . . .	102	96	94	122	116	106	153	151	104	127	97	70	1.338	111,5

Comtudo, trataram-se de impaludismo, no Hospital da Misericordia, durante o anno de 1904, seis individuos. Segundo as residencias, estes individuos distribuiam-se como indica o Quadro XCVII.

A região não é de febres. O palustre que esse quadro aponta na cidade de Guimarães era um soldado que, decerto, trouxe de fóra a doença.

Dos outros, como nada auctorisa a suppôr o contrario, é de crêr que de fóra a trouxessem tambem.

QUADRO LXXX

Profissões que o quadro anterior congloba sob a rubrica de «Outras profissões»

PROFISSÕES	Numero de doentes
Doceiras	1
Fiadeiras	2
Peixeiras	6
Regateiras	5
Lavadeiras	4
Padeiras	1
Enfermeiras	3
Meretrizes	1
Chapeleiras	1
Moleiras	1
Total	25

Rheumatismo. — Não é em Guimarães doença que tivesse matado em 1904; mas é mal que grandemente afflige a população. 47 casos em mulheres e 41 em homens, só no contingente hospitalar durante um anno, é proporção elevada. Contra a regra geral formulada nos livros (1) da especialidade, as mulheres rheumatisadas foram em maior quantidade do que os homens.

Pellagra. — Uma das doenças, infelizmente mais espalhadas no concelho de Guimarães, é a pellagra. Em 1904 entraram no Hospital da Misericordia, para tratamento, 77 pellagrosos, dos quaes falleceram dois.

Não nos sobrou tempo para averiguar, o que seria curioso, quantos

(1) Colet. *Pathologie interne*, vol. II, pag. 498.

QUADRO LXXXI

Doentes do sexo masculino, por molestias

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Do apparelho digestivo . . .	36	25	36	18	18	34	58	61	40	16	19	17	378	31,5
Geraes	22	25	23	51	33	35	21	21	26	31	14	21	323	26,9
Da pelle	15	17	15	20	14	8	13	12	15	14	16	9	168	14,0
Produzidas por causas exteriores	9	7	12	15	10	10	9	11	13	8	9	15	128	10,6
Do apparelho respiratorio . .	7	6	12	11	14	12	15	—	7	9	10	5	108	9,0
Do systema nervoso e orgãos dos sentidos	3	9	3	2	6	8	5	4	3	3	2	8	56	4,6
Do apparelho genital	2	4	3	2	—	3	4	2	5	5	5	1	36	3,0
Do apparelho circulatorio . .	7	2	3	2	2	5	3	3	1	2	3	2	35	2,9
Dos orgãos locomotores . . .	4	—	—	—	1	1	1	1	—	—	—	1	9	0,7
Velhice	—	—	—	—	—	2	1	—	1	1	—	1	6	0,5
Vicios de conformação . . .	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,08
Doenças mal definidas . . .	—	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	2	0,1
Total . . .	106	96	107	121	98	118	130	115	112	89	78	80	1.250	104,5

QUADRO LXXXII

Doentes do sexo feminino, por molestias

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Do apparelho digestivo . . .	27	35	32	13	34	35	65	71	38	43	14	20	427	35,5
Geraes	36	26	27	58	44	31	36	43	33	44	28	20	426	35,5
Do apparelho respiratorio . .	9	11	12	11	11	8	10	6	7	10	17	8	120	10,0
Da pelle e tecido cellular . .	9	9	4	6	6	10	16	6	3	10	13	4	96	8,0
Do systema nervoso e orgão dos sentidos	10	2	7	10	7	9	6	6	8	6	7	3	81	6,7
Do apparelho genito-urinario .	2	—	2	6	5	6	4	10	5	5	3	2	50	4,1
Produzidas por causas exteriores	5	4	7	2	3	2	4	5	2	3	6	6	49	4,0
Do apparelho circulatorio . .	1	4	2	6	3	2	7	3	5	1	3	1	38	3,1
Do estado puerperal	3	3	—	6	3	1	3	—	1	3	5	4	32	2,6
Velhice	—	—	—	3	—	1	—	—	1	1	—	2	8	0,6
Dos orgãos da locomoção . .	—	—	1	1	—	1	—	1	1	1	1	—	7	0,5
Mal definidas	—	2	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	4	0,3
Total . . .	102	96	94	122	116	106	153	151	104	127	97	70	1.338	111,5

QUADRO LXXXIII

Mortalidade na cidade de Guimarães, segundo os registros do cemiterio municipal

(1904)

DOENÇAS	Varões	Femeas	Total	
Doenças geraes:				
Tuberculose pulmonar	24	26	50	
Variola	2	5	7	
Febre typhoide	2	4	6	
Grippe	2	4	6	
Erysipela	—	4	4	
Carcinoma	2	2	4	
Tuberculose generalisada	—	2	2	89
Tuberculose cirurgica	1	1	2	
Escrophulose	1	1	2	
Heredo-syphilis	2	—	2	
Pellagra	—	2	2	
Tuberculose meningea	—	1	1	
Diphteria pharyngea	—	1	1	
Doenças do apparelho digestivo:				
Diarrhea e enterite (até aos 2 annos)	34	17	51	
Enterite chronica	10	10	20	
Diarrhea e enterite (depois dos 2 annos)	3	7	10	
Gastrite e gastro-enterite chronica	3	5	8	97
Cirrhose do figado	3	—	3	
Outras doenças do figado	1	2	3	
Ictericia grave	—	1	1	
Appendicite	1	—	1	
Doenças do apparelho respiratorio:				
Pneumonia	4	9	13	
Broncho-pneumonia	5	1	6	
Bronchite aguda	3	1	4	29
Bronchite chronica	2	2	4	
Congestão pulmonar	1	1	2	
Doenças do systema nervoso:				
Congestão cerebral	17	13	30	
Meningite simples	8	6	14	
Meningite cerebro-espinhal	3	5	8	57
Paralysia geral	1	1	2	
Myelite chronica	1	1	2	
Commoção cerebral	1	—	1	
A transportar	136	136		272

DOENÇAS	Varões	Femeas	Total	
Transporte . . .	136	136		272
Doenças do apparelho circulatorio:				
Lesões organicas do coração	20	26	46	
Endocardite aguda	1	—	1	
Syncope	1	—	1	50
Hemophilia	1	—	1	
Arterio-esclerose	—	1	1	
Doenças do apparelho genito-urinario:				
Doença de Bright	6	3	9	10
Infecção urinosa	1	—	1	
Doenças por causas exteriores:				
Queimaduras	2	4	6	
Diversos traumatismos	6	—	6	14
Fractura da columna vertebral	1	—	1	
Inanição	—	1	1	
Senilidade	4	4	8	8
Debilidade congenita	5	6	11	11
Nado-mortos:				
Por asphyxia á nascença	2	1	3	
Por parto prematuro	7	6	13	18
Por causas indeterminadas	2	—	2	
Total . . .				383

doentes d'esta especie tinham concorrido ao mesmo hospital nos annos anteriores.

A these do dr. Pereira da Silva (1) traz uma tabella dos pellagrosos tratados pelo sr. dr. Avelino Germano, no Hospital de Guimarães, em 1866 e 1867, bem como a enumeração mensal dos que na mesma casa foram diagnosticados a partir de 1877. Isto dispensaria outras buscas, e servir-nos-ia para as nossas comparações, se não achassemos entre a nossa contagem e a do dr. Pereira da Silva, em 1904, a differença de 20 casos.

O Quadro XCVIII mostra essas differenças mensalmente. Por nossa

(1) Pereira da Silva. *A Pellagra*, pag. 162 e segg.

parte podemos garantir ter tido o maximo cuidado na consulta dos registros hospitalares.

O dr. Pereira da Silva, baseado nos seus dados de 1904, mesmo assim falheiros, affirma que, n'esse anno, houve ascensão brusca do numero de pellagrosos no Hospital de Guimarães. E divagando ácerca das causas que em outros paizes produzem d'estes saltos numericos, diz que «*o caso estranho do Hospital de Guimarães, terá talvez uma explicação natural, a qual não nos foi dado lobrigar.*»

QUADRO LXXXIV

Doentes fallecidos no hospital da Misericordia, segundo as residencias

(1904)

RESIDENCIA	Varões	Femeas	Total
Da cidade	25	22	47
Do concelho	34	35	69
Estranhos ao concelho .	3	2	5
Total . . .	62	59	121

Folgamos em poder dar a explicação naturalissima que escapou á perspicacia do dr. Pereira da Silva.

E' sabido (porque d'isso se occupou então a *Medicina Contemporanea* (1) em mais de um numero) que, em 1904, procedemos ao recenseamento dos pellagrosos no concelho de Guimarães. O *Inquerito do Municipio de Guimarães,* a que o dr. Pereira da Silva se refere, não é mesmo mais (como elle sabe) do que a nossa modesta investigação, a qual a camara municipal, da presidencia do pae do auctor, auxiliou com um pedido de esclarecimentos aos parochos das freguezias ruraes. Mas a maxima parte das informações, justo é dizêl-o, devêmol-a á amisade particular d'algumas pessoas, que foram incançaveis em servir-nos.

Para a realisação d'este inquerito não só percorremos repetidas ve-

(1) *A Medicina Contemporanea,* n.os de 31 de julho e 14 d'agosto de 1904.

zes o concelho, como a todos os clinicos do Hospital da Misericordia pedimos auxilio.

QUADRO LXXXV

Doentes fallecidos no Hospital da Misericordia, estranhos á cidade de Guimarães

(1904)

DOENÇAS	Varões	Femeas	Total	
Doenças geraes:				
Tuberculose pulmonar	6	2	8	
Variola	1	2	3	
Febre typhoide	—	3	3	
Pellagra	—	2	2	19
Escrophulose	—	1	1	
Tuberculose cirurgica	1	—	1	
Carcinoma	—	1	1	
Doenças do apparelho digestivo:				
Enterite chronica	10	5	15	
Doenças do estomago	2	1	3	20
Enterite dos primeiros annos	1	—	1	
Cirrhose do figado	1	—	1	
Doenças do apparelho respiratorio:				
Pneumonia	1	1	2	
Broncho-pneumonia	—	1	1	4
Congestão pulmonar	—	1	1	
Doenças do systema nervoso:				
Meningite cerebro-espinhal	2	5	7	
Hemorrhagia cerebral	3	1	4	12
Commoção cerebral	1	—	1	
Doenças do apparelho circulatorio:				
Lesões organicas do coração	2	8	10	10
Doenças do apparelho genito-urinario:				
Doença de Bright	3	—	3	4
Infecção urinosa	—	1	1	
Doenças por causas exteriores:				
Queimaduras	2	2	4	4
Senilidade	—	1	1	1
Total	37	37		74

Ora nenhum medico ignora que as papeletas hospitalares, além da casa onde se inscreve a doença que motivou a entrada, teem outras para se notarem as causas determinantes d'essa doença.

Succede que a maior parte das vezes, no Hospital de Guimarães, como em todos os outros, esta casa fica em branco.

Em 1904, visto o interesse que haviamos manifestado na colheita dos casos de pellagra, começou esta a mencionar-se sob a rubrica *Causas*, sempre que os doentes appareciam por quaesquer affecções digestivas de origem pellagrosa, o que era o caso mais vulgar.

QUADRO LXXXVI

Mortalidade na cidade de Guimarães, depois de deduzidos os fallecidos no hospital, estranhos á cidade

(1904)

DOENÇAS	Total
Geraes	70
Do apparelho digestivo	77
Do apparelho respiratorio	25
Do systema nervoso	45
Do apparelho circulatorio	40
Do apparelho genito-urinario	6
Produzidas por causas exteriores	10
Senilidade	7
Doenças da primeira idade	11
Nado-mortos	18
Causas indeterminadas	11
Total	320

Mas ha mais. A muitos doentes com pellagra, que se encontravam nas enfermarias de cirurgia, em consequencia de molestias absolutamente diversas, e até em consequencia de desastres, exarou-se a indicação do seu estado pellagroso, que noutras circumstancias se lhe não teria posto.

Assim cresceu grandemente no registro hospitalar a classe da pellagra. E se a memoria nos não falha, isto mesmo communicamos vocalmente ao dr. Pereira da Silva, quando o acompanhamos na sua visita aos hospitaes e asylos de Guimarães, onde lhe mostramos alguns pellagrosos dos mais caracteristicos e quando lhe fornecemos, para as suas

QUADRO LXXXVII

Doentes do sexo masculino com doenças geraes

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Grippe	3	4	5	29	5	5	7	3	3	3	—	9	76	6,3
Rheumatismo	5	8	2	3	3	3	5	6	2	2	1	1	41	3,4
Escrophulose	3	5	2	6	3	4	1	3	2	3	1	2	35	2,9
Pellagra	2	—	4	2	11	6	1	1	1	3	3	1	35	2,9
Tuberculose medica	2	1	4	5	2	2	2	4	1	5	—	—	28	2,3
Doenças venereas	—	2	1	1	1	3	1	2	4	1	1	2	19	1,5
Febre typhoide	2	—	—	1	1	1	—	—	4	5	1	3	18	1,5
Tuberculose cirurgica	1	—	—	—	1	1	1	1	3	2	3	2	15	1,2
Variola	2	1	1	—	1	3	—	—	2	3	2	—	15	1,2
Syphilis	2	1	2	1	1	2	1	1	3	3	—	—	17	1,2
Cancro	—	1	1	2	—	—	1	—	1	—	1	1	8	0,6
Coqueluche	—	—	—	—	2	3	—	—	—	—	—	—	5	0,4
Impaludismo	—	1	—	—	—	1	1	—	—	—	1	—	4	0,3
Erysipela	—	—	—	1	1	1	—	—	—	—	—	—	3	0,2
Lepra	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	2	0,1
Sarampo	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	0,1
Total	22	25	23	51	33	35	21	21	26	31	14	21	323	26,9

QUADRO LXXXVIII

Doentes do sexo feminino com doenças geracs

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Chlorose e anemia	13	5	6	4	4	7	16	24	10	9	8	6	112	9,2
Rheumatismo	3	5	8	5	4	1	7	3	4	3	1	3	47	3,9
Escrophulose	2	5	2	5	7	4	5	4	2	3	4	1	44	3,6
Pellagra	—	—	—	2	11	11	1	2	3	7	2	3	42	3,5
Grippe	—	3	1	21	3	4	2	1	2	2	—	2	41	3,4
Tuberculose medica	1	3	3	9	2	2	2	—	2	4	1	—	29	2,4
Febre typhoide	3	2	1	—	2	1	2	4	3	8	1	2	29	2,4
Variola	4	2	3	5	3	—	—	1	3	4	1	1	27	2,0
Erysipela	2	—	—	3	—	—	—	3	1	1	7	—	17	1,4
Syphilis	4	—	1	—	6	—	—	1	—	—	—	1	13	1,0
Cancro	—	—	2	1	1	—	1	—	1	2	1	—	9	0,7
Lepra	1	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	1	4	0,3
Coqueluche	3	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	5	0,1
Impaludismo	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	2	0,1
Tuberculose cirurgica	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	0,08
Sarampo	—	—	—	1	—	1	—	—	—	1	—	—	3	0,08
Diphteria	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	0,08
Total	36	26	27	58	44	31	36	43	33	44	28	20	426	35,5

observações, algumas que elle publicou absolutamente sob nossa fé, pois nem sequer viu os doentes a que ellas diziam respeito.

O dr. Pereira da Silva refere ainda, com palavras de censura, o facto de serem isentos pelo grupo das *Dermatoses* (pois que a pellagra não figura na tabella das isenções) muitos mancebos pellagrosos de alguns concelhos minhotos.

Fomos nós tambem quem narrou ao dr. Pereira da Silva este facto (observado por nosso pae quando teve de fazer o serviço de inspecções militares em 1895), pelo que não queremos deixar passar sem reflexão a critica feita.

QUADRO LXXXIX

Obitos de tuberculose pulmonar por idades

(1904)

IDADES	Varões	Femeas	Total
0 a 9	2	2	4
10 a 19	1	6	7
20 a 29	10	10	20
30 a 39	7	5	12
40 a 49	2	1	3
50 a 59	1	1	2
60 a t.	1	1	2
Total	24	26	50

O dr. Pereira da Silva pretende, na esteira de Lombroso, que os pellagrosos sejam arregimentados, porque a melhoria de alimentação deve conduzil-os á melhoria de saude. Pretende isto a pag. 180 do seu trabalho, mas nas *Proposições* defende a irresponsabilidade criminal dos pellagrosos. De maneira que o dr. Pereira da Silva quer que, para desgraça dos pellagrosos irresponsaveis, sejam estes sujeitos a uma disciplina onde se punem severamente as mais simples infracções, e que, para desgraça de todos nós, se confie uma espingarda e se invista de auctoridade esses mesmos irresponsaveis.

Os medicos que isentaram do serviço militar os pellagrosos de Fafe (eram de Fafe os pellagrosos em que fallamos ao dr. Pereira da Silva), procederam o melhor possivel, em que pese a Lombroso e ao seu partidario portuguez. Proceder d'outra maneira é que seria aquillo que o dr.

Pereira da Silva chama *«o desconhecimento da natureza e evolução da doença por parte dos medicos.»*

QUADRO XC

Obitos de tuberculose pulmonar por profissões
(1904)

VARÕES	Numero de obitos	FEMEAS	Numero de obitos
Sapateiros . . .	3	Mulheres de casa .	12
Barbeiros	3	Costureiras . . .	4
Alfaiates	2	Creadas	2
Estudantes . . .	2	Irmãs hospitaleiras	2
Caixeiros	2	Operarias	1
Lavradores . . .	2	Jornaleiras . . .	1
Ferreiros	2	Sem profissão . .	4
Diversas profissões	6	—	—
Sem profissão . .	2	—	—
Total . . .	24	Total . . .	26

Postas estas explicações, a que nos forçou a nossa situação especial, em face do problema da pellagra, digamos d'ella rapidamente, no concelho de Guimarães.

QUADRO XCI

Mortalidade pela grippe
(1904)

IDADES	Varões	Femeas
14 mezes	1	—
50 annos	—	2
55 »	—	1
72 »	—	1
80 »	1	—
Total . . .	2	4

O nosso inquerito deu-nos nas freguezias d'esse concelho os pellagrosos constantes do Quadro XCIX.

Examinando esse quadro, verifica-se que, de uma maneira absoluta, o valle do Ave é muito mais rico em pellagrosos do que os valles do

QUADRO XCII

Mortalidade pelo cancro

(1904)

LOCALISAÇÃO	Varões	Femeas	Total
Cancro do estomago	2	—	2
Cancro do seio	—	1	1
Cancro do maxillar inferior . . .	—	1	1
Total . . .	2	2	4

Selho e do Vizella. De facto, ás freguezias que constituem o primeiro cabem 156 doentes (51 varões e 105 femeas), emquanto ao valle do Selho

QUADRO XCIII

Casos de cancro por idades no Hospital de Guimarães

(1904)

IDADES	Numero de casos		
	Varões	Femeas	Total
10 a 20	—	1	1
21 a 40	2	2	4
41 a 60	4	3	7
61 a t.	2	3	5
Total . . .	8	9	17

pertencem 64 (22 varões e 42 femeas) e ao valle de Vizella 29 (15 varões e 14 femeas).

O valle do Ave teria assim sobre os outros, considerados os numeros absolutos, uma triste superioridade. Vejamos se os numeros por mil habitantes lh'a conferem tambem.

QUADRO XCIV

Casos de cancro segundo o estado civil

(1904)

ESTADO CIVIL	Varões	Femeas	Total
Solteiros	1	2	3
Casados	6	5	11
Viuvos	1	2	3
Total . . .	8	9	17

Em todo o concelho de Guimarães o numero de pellagrosos é, pelo menos, de 5,6 $^{0}/_{00}$ habitantes; e dizemos *pelo menos,* porque o numero real

QUADRO XCV

Localisação dos casos de cancro

(1904)

LOCALISAÇÃO	Varões	Femeas	Total
Do rosto	4	3	7
Da abobada palatina	1	—	1
Do utero	—	1	1
Do seio	—	1	1
Sem designação	3	4	7
Total . . .	8	9	17

de pellagrosos deve ser muito superior ao denunciado pelo inquerito que, embora pacientemente executado, tem as deficiencias de um trabalho

feito a par de outras occupações mais imperiosas e em meio de uma população essencialmente desconfiada.

No valle do Ave o inquerito dá para a pellagra uma intensidade de 9,1 ‰; no valle de Vizella 2,2 ‰; no valle do Selho 2,8 ‰. Este ultimo, porém, é o que contém a cidade com os seus 10:000 habitantes, e não é justo que a população citadina figure em calculos de uma doença que só affecta as gentes ruraes. Sem os 10:000 habitantes da cidade, a proporção de pellagrosos sóbe a 5,6 ‰ no valle do Selho.

QUADRO XCVI

Casos de cancro segundo as profissões

(1904)

PROFISSÕES	Varões	Femeas	Total
Mulheres de casa	—	5	5
Lavadeiras	—	1	1
Jornaleiros	3	1	4
Tecelões	2	1	3
Creadas	—	1	1
Caixeiros	1	—	1
Mendigos	1	—	1
Lavradores	1	—	1
Total . . .	8	9	17

O inquerito accusa, pois, para o valle do Ave, mesmo em numeros relativos, unicos que devem considerar-se, uma quantidade de pellagrosos notavelmente superior á do resto do concelho.

Será assim, na verdade? Póde ser; mas póde ser tambem que as condições em que foi feito o inquerito, permittindo uma mais miuda exploração das freguezias que marginam o Ave, influissem nos resultados que agora verificamos.

Outra noção, que do Quadro XCIX se colhe, é a superioridade do numero das femeas pellagrosas sobre o numero dos varões. Num total de 249 pellagrosos (que tantos foram os observados no concelho), dois terços pertencem a mulheres e um terço apenas a homens.

O dr. Pereira da Silva, notando que a estatistica do banco do Hospital de Barcellos accusava grande predominio das mulheres pellagrosas,

sobre os homens, diz que d'este facto não deve concluir-se que haja qualquer predilecção da pellagra pelo sexo feminino. Transcrevemos textualmente:

«*A razão é por certo outra: como esses doentes residem na villa, proximo do hospital, é-lhes facil aproveitar a consulta, interdicta aos pobres jornaleiros, escravos de trabalhos dos campos. Do mesmo modo se comprehende que á hospitalisação acudam de preferencia as mulheres, não só porque os homens, a quem compete o encargo de sustentar toda a familia, a custo podem abandonar a sua faina, como ainda pelo facto, que observei sempre, de o nosso aldeão ligar pouca importancia ás manifestações exanthematicas, não relacionando nunca com ellas as outras perturbações graves. Só em ultimo caso é que o infeliz recorre ao hospital e sempre sob a constante preoccupação do lar.*»

QUADRO XCVII

Residencia dos individuos atacados de impaludismo

(1904)

RESIDENCIA	Numero de casos
Concelho de Braga	1
Concelho de Fafe	1
Concelho de Guimarães	3
Cidade de Guimarães	1
Total . . .	6

A isto reflexionaremos que o nosso inquerito, recahindo em grande parte sobre doentes nem hospitalisados nem frequentadores da consulta hospitalar, não póde achar, para a sua superioridade em mulheres, as razões que o dr. Pereira da Silva invoca para os doentes de Barcellos.

Mas, mesmo quando se tratasse de doentes hospitalisados, ainda nós objectariamos que nos não parece que a mulher se hospitalise de preferencia ao homem, por menos necessaria á economia domestica. Nas familias minhotas, a mulher trabalha tanto ou mais do que o homem, e a doença d'ella ou a sua impossibilitação acarreta para o lar prejuizos eguaes á doença do chefe de familia.

No Hospital de Guimarães, em 1904, segundo se vê do Quadro LXIX, hospitalisaram-se pouco mais mulheres do que homens. Por cada cem mulheres entraram no hospital 93,4 homens, percentagem que nos não parece bastante para affirmar predilecção marcada das mulheres por aquella casa.

QUADRO XCVIII

Pellagra no Hospital de Guimarães, segundo o nosso inquerito e segundo o dr. Pereira da Silva

(1904)

MEZES	Casos de pellagra no Hospital de Guimarães em 1904			Casos no mesmo Hospital e no mesmo anno, segundo o dr. Pereira da Silva.
	Varões	Femeas	Total	
Janeiro	2	—	2	—
Fevereiro	—	—	—	1
Março	4	—	4	2
Abril	2	2	4	2
Maio	11	11	22	19
Junho	6	11	17	13
Julho	1	1	2	2
Agosto	1	2	3	2
Setembro	1	3	4	3
Outubro	3	7	10	8
Novembro	3	2	5	5
Dezembro	1	3	4	—
Anno . . .	35	42	77	57

E se, como diz o dr. Pereira da Silva, o aldeão liga pouca importancia ás manifestações exanthematicas (o que é bem verdade), tanto se dá este facto com varões como com femeas, não sendo por isso razão para que as segundas procurem o hospital de preferencia aos primeiros.

Se podem conjecturar-se quaesquer razões d'este phenomeno, quer-nos parecer que a maior fragilidade do organismo feminino é uma; e que outra, mais poderosa, é a peor alimentação da mulher e a sua condição de escrava obrigada aos mais pesados serviços.

De facto, no Minho ao homem é sempre servido o melhor bocado nas parcas refeições caseiras, reconhecendo-se-lhe assim a sua superioridade e auctoridade incontestavel de chefe de familia.

QUADRO XCIX

Pellagrosos do concelho de Guimarães examinados no inquerito de 1904 e 1905

FREGUEZIAS	População (censo de 1900)		Casos de pellagra		
	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Total
S. Christovão de Abbação	101	102	—	3	3
S. Thomé de Abbação	150	184	—	—	—
S. João d'Airão	158	173	—	4	4
Santa Maria d'Airão	256	281	—	—	—
S. Mamede d'Aldão	106	110	1	2	3
Santa Marinha d'Arosa	126	160	—	—	—
Santa Maria d'Athães	263	322	1	—	1
S. Pedro d'Azurey	630	632	2	1	3
O Salvador de Balazar	179	200	1	5	6
S. Claudio do Barco	174	183	2	3	5
Santa Leocadia de Briteiros	318	375	—	4	4
Santo Estevão de Briteiros	146	177	1	9	10
O Salvador de Briteiros	199	269	—	4	4
S. João de Brito	398	447	3	2	5
S. João das Caldas	552	651	3	—	3
S. Miguel das Caldas	849	914	—	2	2
S. Thomé de Caldellas	562	676	2	13	15
S. Lourenço de Calvos	112	165	—	—	—
S. Martinho de Candoso	313	353	3	1	4
S. Thiago de Candoso	166	156	—	1	1
S. João de Castellões	189	202	—	—	—
S. Martinho de Conde	108	99	—	—	—
Santa Maria de Corvite	120	144	—	1	1
Santa Marinha da Costa	326	275	—	3	3
S. Miguel de Creixomil	1.083	1.140	3	9	12
O Salvador de Donim	164	182	—	2	2
Santa Eulalia de Fermentões	472	530	4	3	7
S. Paio de Figueiredo	118	151	1	—	1
O Salvador de Gandarella	171	187	1	1	2
Santa Maria de Gemeos	110	143	—	—	—
S. Pedro Fins de Gominhães	145	165	1	—	1
S. Miguel de Gonça	210	250	—	2	2
S. João de Gondar	290	328	—	2	2
S. Martinho de Gondomar	199	283	5	5	10
Santa Maria de Guardizella	371	394	1	—	1
Nossa Senhora da Oliveira	1.881	2.125	1	2	3
S. Paio	1.078	1.389	—	—	—
S. Sebastião	1.149	1.482	—	1	1
Santa Maria de Villa Nova das Infantas	193	270	2	1	3
Santa Maria d'Infias	233	258	1	—	1
S. Martinho de Leitões	169	205	2	2	4
S. Cosme e Damião de Lobeira	103	132	—	—	—
Santa Christina de Longos	391	441	1	4	5
S. Thiago de Lordello	595	721	—	2	2
A transportar	15.626	18.126	42	94	136

FREGUEZIAS	População (censo de 1900)		Casos de pellagra		
	Varões	Femeas	Varões	Femeas	Total
Transporte . . .	15.626	18.126	42	94	136
S. Vicente de Mascotellos	109	101	1	—	1
Santa Maria de Matamá	95	106	1	—	1
S. Romão de Mesão-frio	295	321	—	—	—
S. Paio de Moreira dos Conegos. . . .	461	503	2	—	2
Santa Eulalia de Nespereira	240	323	2	—	2
S. Vicente d'Oleiros	179	201	—	2	2
S. Miguel do Paraiso	95	85	—	1	1
S. João de Pencello	127	167	2	1	3
Santa Eulalia de Pentieiros	61	65	—	—	—
O Salvador de Pinheiro	164	172	—	2	2
S. Pedro de Polvoreira	350	400	—	2	2
S. João de Ponte	600	1.000	9	6	15
Santa Eufemia de Prazins.	154	163	7	2	9
Santo Thyrso de Prazins	142	147	—	1	1
S. Romão de Rendufe	205	203	—	—	—
S. Thiago de Ronfe	585	695	6	12	18
S. Clemente de Sande	363	386	1	6	7
S. Lourenço de Sande	276	350	—	5	5
S. Martinho de Sande	519	628	2	4	6
Santa Maria de Villa Nova de Sande . .	142	165	5	1	6
S. Torquato.	865	1.024	3	2	5
S. Christovão de Selho	238	219	—	3	3
S. Jorge de Selho	550	622	—	7	7
S. Lourenço de Cima de Selho	160	181	1	—	1
Santa Christina de Serzedello	418	434	—	2	2
S. Miguel de Serzedo	206	260	1	—	1
Santa Maria de Silvares	346	347	—	2	2
Santa Maria do Souto	192	213	—	—	—
O Salvador do Mosteiro do Souto . . .	280	301	1	3	4
S. Cypriano de Taboadello	96	105	—	—	—
O Salvador de Tagilde	235	310	—	1	1
Santo Estevão d'Urgezes	460	480	—	1	1
S. Mamede de Vermil	168	203	—	—	—
S. Faustino de Vizella	166	205	—	—	—
S. Paio de Vizella	174	270	1	2	3
Concelho.	25.342	29.381	87	162	249

O homem frequenta feiras e, se não se trata principescamente nestas excursões, melhora consideravelmente o seu regimen alimentar.

Camillo já o notára em contraposição a Oliveira Martins, que affirmava a superioridade da mulher minhota sobre o homem. São d'elle estas palavras tão elegantes como cheias de verdade:

«*A mulher do Minho não rege o marido, nem é arbitra no governo*

QUADRO C

Pellagrosos estranhos ao concelho de Guimarães examinados no inquerito de 1904 a 1905

Districtos	Concelhos	Freguezias	Varões	Femeas	Total por freguezias	Total por concelhos	Total por districtos
BRAGA	Povoa de Lanhoso	S. Martinho de Campo	2	9	11	21	50
		O Salvador de Louredo	1	4	5		
		Santo Emilião de Donim	1	2	3		
		S. Cosme e Damião de Garfe	1	—	1		
		S. Paio de Brunhaes	—	1	1		
	Braga	Santo Estevão da Veiga de Penso	—	3	3	8	
		S. Miguel da Morreira	—	2	2		
		S. João Baptista de Semelhe	1	—	1		
		S. Bartholomeu de Tadim	—	1	1		
		Santa Maria de Sobreposta	—	1	1		
	Celorico de Basto	Santa Maria de Borba da Montanha	1	—	1	5	
		S. João Baptista da Arnoia	1	—	1		
		S. Miguel do Carvalho	1	—	1		
		Santa Maria de Canedo	1	—	1		
		S. Martinho de Valle de Bouro	1	—	1		
	V. N. de Famalicão	S. Mart.º de Pousada de Saramagos	2	—	2	4	
		Santa Maria de Nine	—	1	1		
	Villa Verde	O Salvador de Joanne	1	—	1	3	
		S. Paio de Villa Verde	1	—	1		
		O Salvador de Parada e Barbudo	1	—	1		
		Santa Eulalia de Cabanellas	1	—	1		
	Fafe	S. Martinho d'Armil	1	—	1	3	
		S. Julião de Serafão	1	—	1		
		Santa Christina d'Arões	—	1	1		
	Vieira	S. João Baptista de Most.º de Vieira	—	2	2	3	
		Santo Estevão de Cantallães	—	1	1		
	Cabec. de Basto	S. Thiago de Faia	—	1	1	2	
		S. Miguel de Refoios	—	1	1		
	Amares	S. Martinho do Lago	—	1	1	1	
	Villa do Conde	S. Mamede de Villa-Chã	—	1	1	3	
		S. Thiago de Labruge	—	1	1		
		N. S.ª da Esperança de Touguinha	—	1	1		
PORTO	Lousada	Santa Eulalia de Barrosas	1	1	2	2	6
	V. Nova de Gaya	S. Pedro de Villar do Paraiso	—	1	1	1	
V. REAL	Mondim de Basto	S. Christovão de Mondim	—	1	1	1	2
	Chaves	S. Thomé d'Arcossó	1	—	1	1	
		Total	21	37			58

da casa, nem na gerencia dos negocios externos. E' uma besta de carga que encontrareis no transito das feiras, vergada sob o peso dos sacos e

dos baileus, emquanto os maridos endomingados se encovam nas tabernas do mercado, ganhando brios para á noite lhes quebrarem os ossos em casa — exercicio auxiliar á digestão do seu verde. (1)

O dr. Pereira da Silva chama *grandes centros pellagrogicos* aos concelhos de Guimarães, Barcellos, Paredes de Coura, Amarante e Braga. E' um modo incorrecto de exprimir-se, porque, se estes concelhos foram os que lhe forneceram maior cópia de observações, não se segue por isso que seja nelles que a pellagra grasse de preferencia.

QUADRO CI

Pellagrosos do concelho de Guimarães por idades

(1904-1905)

IDADES	Varões	Femeas	Total
4 a 10	—	1	1
11 a 20	1	5	6
21 a 30	5	15	20
31 a 40	5	28	33
41 a 50	17	37	54
51 a 60	21	23	44
61 a 70	27	34	61
71 a 80	5	16	21
81 a 90	6	3	9
Total	87	162	249

O dr. Pereira da Silva conhece casos do Marco de Canavezes, de Goes, de Condeixa, etc. Não nos parece que haja motivo para distinguir grandes centros pellagrogicos. A doença deve grassar com intensidade sensivelmente egual em toda a região que se alimenta de milho. O que ha é pontos onde, mercê de circumstancias fortuitas, a doença se encontra melhor estudada e os seus casos relacionados.

Se não fossem as communicações do auctor, o concelho de Guimarães passaria na these do dr. Pereira da Silva como isento de pellagra. Similarmente para Barcellos, se não fossem as informações do dr. Mar-

(1) Oliveira Martins. *Portugal contemporaneo.* — Camillo Castello Branco. *Maria da Fonte*, pag. 65.

tins Lima; para Coura, se não fossem os dados do dr. Miranda Guedes; para a Povoa de Lanhoso, sem o dr. Abilio Areias...

No concelho de Guimarães a pellagra deve ser doença antiga.

Frei Christovão dos Reis (frade carmelita do convento de Braga e natural das Taipas, a quem se deve a resurreição das Caldas d'aquella localidade, esquecidas desde a epocha romana), nas suas *Reflexões methodico-botanicas,* apostolisando as virtudes d'estas aguas dil-as efficazes para varias molestias da pelle, entre as quaes menciona as *escandecencias figadaes.* (1) Sabido que ainda hoje no concelho se conhece a pellagra pela designação popular de *figadal,* não estamos longe de suppôr que as escandecencias figadaes do curioso frade-boticario e a pellagra são uma e a mesma coisa.

QUADRO CII

Frequencia dos casos de pellagra na mesma familia

(1904-1905)

PELLAGROSOS	Varões	Femeas	Total
Com pae e mãe pellagrosos . . .	1	5	6
» pae pellagroso	10	23	33
» mãe pellagrosa	6	22	28
» irmãos pellagrosos	8	30	38
» filhos pellagrosos	5	17	22
» tios pellagrosos	3	8	11
» avós pellagrosos	—	5	5
» primos pellagrosos	3	1	4
» netos pellagrosos	—	1	1
» sobrinhos pellagrosos	—	1	1
Total . . .	36	113	149

O maior numero dos pellagrosos por nós observados tinha entre 61 e 70 annos.

Não deve ser uma méra coincidencia. Dado o seu caracter de lenta intoxicação, não admira que a maior percentagem se note nas idades avançadas; e, se considerarmos que estas idades teem uma representação menor na composição da população, ainda estes numeros mais avultam.

(1) Fr. Christovão dos Reis. *Reflexões methodico-botanicas,* pag. 57.

A hereditariedade da pellagra não está provada. Em gerações sujeitas continuamente ás mesmas condições de vida, difficil se torna dizer o que pertence á herança e o que provém da acção das mesmas causas que actuam sobre os descendentes como já tinham actuado sobre a ascendencia.

Por isso alguns auctores sustentaram que a pellagra era hereditaria. O dr. Pereira da Silva (1) pensa o contrario, e nós com elle.

Nas nossas investigações, sobre a frequencia dos parentes pellagrosos na mesma familia, podémos averiguar o que consta do Quadro CII.

QUADRO CIII

Leprosos no concelho de Guimarães segundo o inquerito de 1905 (2)

FREGUEZIAS	Numero de casos	
	Varões	Femeas
S. Christovão d'Abbação	—	1
S. Thomé de Caldellas	—	1
S. Martinho de Candoso	—	3
Santa Marinha da Costa	1	1
S. Pedro de Gominhães	1*	—
S. Miguel de Gonça	1	—
Santa Maria de Guardizella . . .	—	1*
Guimarães	1*	1*
S. Martinho de Leitões	1	—
S. Romão de Mesão-frio.	—	1*
S. Paio de Moreira de Conegos . .	—	1
S. Pedro de Polvoreira	1	1
Santo Thyrso de Prazins	1	1
S. Miguel de Serzedo	2	1
Santa Christina de Serzedello . .	—	1
S. Torquato	1*	—
Total . . .	10	14

Muitos dos doentes examinados não sabiam dar quaesquer indicações sobre este pormenor. Outros, desde que se espalhou que o inquerito tinha por fim encerrar os pellagrosos no Hospital das Guellas de Pau, negavam-se a fazêl-o. Mas d'aquelles que as deram, a maioria per-

(1) Pereira da Silva, l. cit., pag. 282.

(2) Os numeros acompanhados de asterisco indicam leprosos examinados pelo auctor.

QUADRO CIV

Doentes do sexo masculino com molestias do apparelho digestivo

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Da bocca e annexos	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	1	3	0,2
Da pharynge	—	—	2	1	1	—	5	—	2	1	—	1	13	1,0
Do estomago.	22	17	17	11	13	18	26	27	18	10	12	6	197	16,4
Diarrhea e enterite até aos 2 annos de idade	—	—	1	—	—	—	6	2	3	1	—	1	14	1,1
Diarrhea e enterite depois dos 2 annos de idade	7	4	11	4	1	12	14	22	14	3	4	6	102	8,5
Enterite chronica	3	1	—	1	1	1	1	4	—	1	—	1	14	1,1
Parasitas intestinaes	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—	1	—	4	0,3
Hernias e obstrucções . . .	—	—	1	—	—	—	—	2	—	—	—	—	3	0,2
Outras doenças do intestino .	2	3	2	—	1	3	3	2	—	—	—	—	16	1,3
Cirrhose do figado.	—	—	—	—	1	—	3	1	1	—	—	1	7	0,5
Outras doenças do figado . .	1	—	1	—	—	—	—	—	2	—	—	—	4	0,3
Appendicite	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,08
Total . . .	36	25	36	18	18	34	58	61	40	16	19	17	378	31,5

QUADRO CV

Doentes do sexo feminino com molestias do apparelho digestivo

(1904)

DOENÇAS	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média
Da bocca e annexos	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,08
Da pharynge	2	1	—	—	—	2	—	2	—	2	2	1	12	1,0
Do estomago	21	29	27	4	20	20	37	47	22	27	6	9	269	22,4
Diarrhea e enterite até aos 2 annos de idade	—	—	—	—	—	—	2	4	2	—	—	1	9	0,7
Diarrhea e enterite depois dos 2 annos de idade	2	3	1	4	4	6	25	15	11	9	4	3	87	7,2
Enterite chronica	—	—	1	1	2	2	1	1	1	3	1	4	17	1,4
Parasitas intestinaes	1	—	—	2	2	1	—	—	2	—	—	2	10	0,8
Hernias e obstrucções . . .	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,08
Outras doenças intestinaes mal especificadas	1	2	1	1	3	4	—	—	—	—	1	—	13	1,0
Cirrhose do figado.	—	—	—	1	2	—	—	2	—	1	—	—	6	0,5
Outras doenças do figado . .	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	2	0,1
Total . . .	27	35	32	13	34	35	65	71	38	43	14	20	427	35,5

tence aos que accusavam a pellagra nos irmãos, e a seguir aos que tinham paes pellagrosos.

O Quadro C traz os doentes estranhos ao concelho de Guimarães que

QUADRO CVI

Obitos de pneumonia

(1904)

IDADES	Varões	Femeas	Total
20 a 29	—	2	2
30 a 39	1	2	3
40 a 49	—	—	—
50 a 59	1	1	2
60 a 69	2	2	4
70 a 79	—	2	2
Total	4	9	13

o nosso inquerito encontrou no Hospital da Misericordia de Guimarães e no Estabelecimento Thermal das Caldas das Taipas.

QUADRO CVII

Obitos de broncho-pneumonia

(1904)

IDADES	Varões	Femeas	Total
1/2	—	1	1
3	1	—	1
46	2	—	2
72	2	—	2
Total	5	1	6

Do districto de Braga, só os tres concelhos de Esposende, Terras de Bouro e Barcellos se não representaram na nossa investigação.

Do districto do Porto temos uma observação, tomada nas Taipas, de uma leiteira de Villa Nova de Gaya que todos os dias ia ao Porto (onde a pellagra se não conhece fóra do campo restricto das profissionaes) no exercicio do seu mister.

Do districto de Villa Real, as nossas observações vão até Chaves.

Lepra. — Durante o anno de 1904 estiveram em tratamento no Hospital de Guimarães dois leprosos do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Nenhum d'elles falleceu.

QUADRO CVIII

Obitos de lesão cardiaca

(1904)

IDADES	Varões	Femeas	Total
40 a 49	3	3	6
50 a 59	—	3	3
60 a 69	5	6	11
70 a 79	2	4	6
80 a 89	7	8	15
90 a 99	3	2	5
Total	20	26	46

A lepra encontra-se abundantemente espalhada no concelho de Guimarães.

Em 1905 chegamos a realisar os trabalhos preparatorios de um inquerito, que razões varias nos impediram de levar a cabo. Tivemos então informação da existencia dos leprosos designados no Quadro CIII.

Vinte e quatro leprosos unicamente para o concelho de Guimarães, é já um numero alto; mas elles são decerto muito mais, pois que, pela natureza dos informadores, as observações apontadas devem ser, na maioria, as de uma evidencia incontestavel. Ora no concelho não faltarão casos de lepra incipiente. O apontado em S. Romão de Mesão-frio refere-se a uma creada que se acha a servir em Guimarães e cuja symptomatologia, por apagada ainda, só um profissional podia interpretar no verdadeiro sentido.

Como este, quantos haverá?

No caso de Guardizella e no caso de Rendufe, a origem sul-ameri-

cana do mal é conhecida, no primeiro por contagio de brazileiro, no segundo por infecção directa no Brazil.

No caso já citado de Mesão-frio, averigua-se o contagio por um tio leproso; no caso de Gominhães é possivel, talvez, filiar o contagio na abundancia leprosa das freguezias do visinho concelho de Fafe.

No caso de Rendufe, em chefe de familia leproso desde muito, com mulher e bastantes filhos, em nenhum se manifestou até hoje a lepra.

No caso de Gominhães, o leproso habita numa choupana miseravel, com um unico compartimento e uma unica cama, em contacto constante com a mulher, ha perto de vinte annos, sem que esta até hoje manifeste os mais ligeiros vestigios de um contagio que parecia dever dar-se infallivelmente. São casos como este que justificam, até certo ponto, a opinião de Zambaco-Pacha e outros sobre a não contagiosidade da lepra. (1)

Doenças do apparelho digestivo. — As doenças do apparelho digestivo são, como o indicam os quadros geraes (LXXXVII e LXXXVIII), as mais numerosas.

Infelizmente os registros hospitalares, como não são elaborados em vista de trabalhos estatisticos, mal se prestam a este estudo.

As doenças da bocca e annexos quasi não deixam menção nos registros. As da pharynge accusam-se por um reduzido numero de pharyngites que, pela sua natureza especial, nem deviam entrar nesta classe. As do esophago desconhecem-se.

De doenças do figado ha raros exemplares, assim como de hernias e obstrucções.

A grande maioria das doenças d'esta classe é constituida por doenças do estomago e do intestino.

Gastrites e entero-colites nas suas varias modalidades, eis o que o registro hospitalar mais fornece.

Onde filiar este facto? Nas indigestões de vacca, como queria Manoel Bento de Sousa, segundo as normas expostas ao encetarmos este capitulo? Parece que não.

O mal está, com certeza, nas deficiencias e nos vicios da alimentação.

Já expozemos qual era o regimen alimentar do lavrador minhoto que constitue a maioria da nossa população.

Além d'isso, muitos d'estes estados de gastro-enterite teem certamente origem pellagrosa.

---

(1) Ferreira Pimenta. *A lepra*, pag. 106 e segg.

Doenças do apparelho respiratorio. — *Pneumonia* e *broncho-pneumonia* são doenças para matar velhos.

Em 1904 foram treze os obitos da primeira (Quadro CV) e seis os da segunda (Quadro CVI).

Só depois dos vinte annos é que se morre de pneumonia; mas, d'ahi até aos trinta, apenas se contaram duas mortes e, dos trinta aos trinta e nove, tres. Os restantes morreram além dos cincoenta.

A broncho-pneumonia colheu dois de surpreza: um ao anno e meio, outro aos tres annos. Os demais foi buscal-os a idades superiores a 45 annos.

Doenças do apparelho circulatorio. — Deram, durante o anno, cincoenta obitos: um de endocardite, outro de syncope, outro de hemophilia e outro de arterio-sclerose. Os mais foram de lesões organicas do coração. Estas lesões só se manifestaram em idades superiores a 40 annos.

O Quadro CVII dá o numero de casos por sexos e idades.

Resumindo: o concelho de Guimarães, como todo o Minho, não é a região de gente sádia e forte, que estamos habituados a encontrar nas descripções, mais ou menos litterarias, mais ou menos phantasistas, dos nossos escriptores.

A tuberculose cahe sobre a população citadina com furias de abutre. A pellagra reina no campo com uma intensidade assustadora. A lepra está de novo reclamando o regimen das gafarias. As doenças das vias digestivas surgem numa proporção que espanta, provocadas não pelas digestões laboriosas de boa carne muscular — como suppunha o illustre Manoel Bento de Sousa, — mas pela miseria de uma alimentação, além de insufficiente, viciadissima em qualidade.

O remedio estava em pouco. Melhor alimentação exterminaria a pellagra, acabaria com as doenças do tubo digestivo. Um pouco de hygiene eliminaria a lepra. Ambas juntas fariam recuar a tuberculose.

O remedio está, pois, em pouco. Mas em um *pouco*, que se nos antolha impossivel.

Epilogo

As conclusões que o auctor póde tirar do seu trabalho são desoladoras, não para a região a cujo estudo elle é consagrado, mas para si mesmo, para o obreiro que, depois de erguer um monumento, com apressada e trabalhosa fadiga, reconhece a inanidade do seu esforço e o nenhum valor da sua obra.

E' que, tristemente, o merecimento de um trabalho não póde aquilatar-se pela energia gasta em produzil-o, nem pela boa vontade posta em aperfeiçoal-o.

E se cada um póde sempre dar o que tem, nem sempre o que se tem corresponde ao que se desejaria dar.

O caminho da perfeição é uma ignota vereda, só conhecida dos raros privilegiados, possuidores de uma lucida intelligencia, servida por uma vontade firme; e ao auctor, se não falta um pouco da segunda, escasseia totalmente a primeira.

Que conclusões scientificas ha a tirar do apressado trabalho de um artista ignorante?

Talvez nenhumas. E o auctor quasi prefere deixar a sua obra sem ellas.

Se o seu esforço se traduziu em qualquer coisa de util, se alguma noção nova trouxe com elle para o dominio da sciencia, não faltará quem a colha, quem a faça avultar, quem a authentique com a rubrica da sua auctoridade.

Fornecer elementos para futuras obras perfeitas, está dentro das suas forças, tão minguadas. Formular conclusões parece-lhe, além de arriscado, escusada manifestação de tolo orgulho.

Em todo o caso, não será absolutamente improficuo condensar em breves palavras a doutrina expendida ao longo dos sete fastidiosos capitulos da obra, — sete peccados mortaes, muito carecidos da contricção do auctor e da indulgencia publica.

A constituição geologica do concelho não é a de um sólo fertil onde as preciosas gramineas cresçam numa tranquilla e consoladora abundancia. A terra é pobre em principios calcareos, as estiagens frequentes. E o homem, cultivador incançavel mas automatico, não sabe estabelecer represas que moderem as séccas, nem empregar adubos que corrijam a escassez de cal.

O clima é mau, para não dizer pessimo. A temperatura ora abafa como no Saharâ, ora regela como na Siberia. O vento norte sopra com irritante frequencia. A chuva, benefica no verão, quando as terras resequidas anceiam pela sua providencial frescura, só cahe em torrentes que enxurram, no inverno, logo sumidas atravéz dos filões graniticos, sem proveito do sólo.

A cultura é abundante, sobretudo a do milho e a do vinho. O concelho de Guimarães occupa mesmo um logar notavel entre os concelhos da região, pela producção em hectare de terreno. Mas, com as variações climatericas, com a ingratidão do sólo e com a ignorancia do lavrador, a cada passo as colheitas baixam e a fome negra entra nas humildes choupanas do campo.

Anthropologicamente, o homem é a velha raça de Cro-Magnon com enxertia celtica e enxertia germanica. Não se distingue pelo brilho intellectual. Em toda a historia vimaranense raros homens luzem como cerebrações superiormente organisadas. Os poetas são insulsos; os sabios, de uma sciencia muito duvidosa. Quando produzem uma epopeia, é a *Insulana*. Quem a leu? Quando organisam historia, são as *Memorias resuscitadas*. Quem as acredita? Quando concebem um invento, é o *Engenhoso*. Quem o conhece?

Na historia collectiva nada distingue os vimaranenses dos demais portuguezes. Foram, *tour-à-tour*, valentes e cobardes, desinteressados e gananciosos, orgulhosos e abatidos, acompanhando as fluctuações da patria.

A população é, como a de toda a provincia duriminea, bastante densa e quasi exclusivamente autochtone. Se nos aggregados urbanos ha qualquer mistura de sangue estrangeiro, nas populações ruraes até o *torna-viagem* vae rareando, e já se não topa, com a antiga frequencia, o seu *chalet* ás riscas entre o arvoredo e o seu corpanzil vestido de panno fino a meio dos quinchosos.

Para as doenças destaca-se o largo tributo pago pela cidade á tuberculose, pelo arrabalde á pellagra e á lepra, e, por ambos, as affecções das vias digestivas.

Posto isto, o auctor sinceramente se confessa hospede nos assumptos que versou. E nem precisa era esta declaração, pois que sufficientemente o revela o modo como o fez.

Os seus recursos intellectuaes e a sua erudição não corresponderam aos seus desejos.

Se a lei o não obrigasse, não faria este trabalho, ou só o faria d'aqui

a vinte annos, se então se julgasse apto com o preciso cabedal de estudos e o criterio necessario para leval-o a cabo.

Mas a lei, na sua inexorabilidade, é, segundo o conceito latino, dura. E dura é, na verdade, uma lei que obriga a deixar, na idade menos propria, um attestado impresso da incompetencia, reconhecido por cinco mestres.

Emfim esta obra, na idade em que foi concebida e escripta é, a despeito de todo o cuidado posto em bem elaboral-a, uma rapaziada. As rapazia das desculpam-se. E' tambem uma fatalidade não dos inexoraveis destinos, mas da lei inexoravel. As fatalidades compadecem. Justamente.

E' isto o necessario. Desculpa para a obra, compaixão para o auctor.

GUIMARÃES — PORTO
Julho de 1906—Janeiro de 1907.

Igreja de S. Miguel do Castello

Bibliographia

ABBADE DE TAGILDE (J. G. d'Oliveira Guimarães)

In «Revista de Guimarães»:

O couto de S. Torquato, vol. XV, pag. 139.

O couto de Ronfe, vol. XVI, pag. 23.

Caldas de Vizella, vol. XVI, pag. 71.

Festas annuaes da Camara de Guimarães, vol. XX, pag. 160.

A villa de Castello, vol. XV, pag. 5.

In «Independente»:

A feira de S. Gualter, anno 5.º, n.º 244.

In «Archeologo Portuguez»:

Catalogo dos pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães, em publicação desde o vol. IX, pag. 81.

ALBERTO SAMPAIO

In «Revista de Guimarães»:

Estudos de economia rural do Minho, vol. II, pag. 203; vol. III, pag. 146; vol. IV, pag. 21 e 76.

In «Portvgalia»:

As povoas maritimas do norte de Portugal, vol. II, pag. 213.

As «villas» do norte de Portugal, vol. I, pag. 97, 281, 585 e 757.

ALBERTO SAMPAIO e JOAQUIM JOSÉ DE MEIRA

Relatorio da exposição industrial de Guimarães em 1884. Porto, 1884.

ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo, 2.ª ed. Lisboa, MDCCCXCIII.

Historia de Portugal, 4 vol. Lisboa, MDCCCLIII.

José Verissimo ALVARES DA SILVA

In «Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa»:

Memoria historica sobre a agricultura portugueza considerada desde o tempo dos romanos até ao presente, vol. V, pag. 194.

D. ANTONIO DA COSTA

No Minho, 2.ª ed. Porto, 1903.

AVELINO da Silva GUIMARÃES

A crise agricola portugueza. Porto, 1891.

In «Revista de Guimarães»:

Subsidios para a historia das industrias vimaranenses, vol. IV, pag. 125 e 190; vol. V, pag. 12; vol. VII, pag. 75; vol. VIII, pag. 90, 142 e 184; vol. IX, pag. 20; vol. XI, pag. 49; vol. XIII, pag. 72; vol. XVI, pag. 91.

Fr. BERNARDO DE BRITO, Fr. Antonio Brandão, Fr. Francisco Brandão, Fr. Raphael de Jesus e Fr. Manoel dos Santos

Monarchia Lusitana, 8 vol. Alcobaça e Lisboa, 1597 a 1727.

Antonio José Ferreira CALDAS

Guimarães. Apontamentos para a sua historia, 2 vol. Porto, 1881.

CAMILLO Castello Branco

Amor de Salvação. Porto, 1864.

Bohemia do Espirito. Porto, 1886.

D. Luiz de Portugal, 2.ª ed. Porto, 1896.

Maria da Fonte. Porto, 1885.

P.e Antonio CARVALHO da Costa

Corographia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, etc., 2.ª ed. 3 vol. Braga, 1868 e 1869.

Paul CHOFFAT

In «Revista de Guimarães»:

Relatorio hidro-geologico sobre o abastecimento d'agua da cidade de Guimarães, vol. XXI, pag. 140.

CHRISTOVÃO AYRES

Historia organica e politica do exercito portuguez, vol. I. Lisboa, 1896.

Fr. CHRISTOVÃO DOS REIS

Reflexões experimentaes methodico-botanicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina, etc. Lisboa, MDCCLXXIX.

J. COLET

Précis de pathologie interne. Paris, 1902.

EDUARDO DE SOUSA

O Pão, dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto, 1897.

FERNÃO LOPES

Chronica de D. João o I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo. 2 vol. Lisboa, 1644.

In «Collecção de livros ineditos da Historia de Portugal»:

Chronica do senhor rei D. Fernando, nono rei de Portugal, pag. 121 a 525.

Alvaro Gomes FERREIRA PIMENTA

A lepra (succinto estudo demographico e prophylatico circumscripto ao districto do Porto), dissertação apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto, 1906.

José Anastacio de FIGUEIREDO

Nova historia da Ordem de Malta e dos senhores grão-priores della em Portugal. 3 vol. Lisboa, MDCCC.

UM FLAVIENSE (pseudonymo de Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão)

Taboa geographico-estatistica lusitana ou Diccionario abbreviado de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal. Porto, 1839.

P.e M.e Henrique FLORES

España Sagrada, Theatro geographico-historico de la Iglesia de España. 29 vol. Madrid, MDCCLIV a MDCCLXXV.

Arthur FONSECA CARDOSO

In «Portvgalia»:

O minhoto d'Entre Cavado e Ancora, vol. I, pag. 23 e segg.

Castro Laboreiro, vol. II, pag. 179 e segg.

Henrique de GAMA BARROS

Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV, 2 vol. Lisboa, 1885 e 1896.

GASPAR ESTAÇO

Varias antigvidades de Portvgal. Lisboa, MDCXXV.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Historia da Arte em Portugal, 6 fasc. Porto, 1881 a 1885.

JOÃO DE MEYRA

In «Revista de Guimarães»:
O Claustro da Collegiada, vol. XXII, pag. 39; vol. XXIII, pag. 18.
In «Independente»:
Historia patria, 5.º anno, n.º 245.

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

O Minho pittoresco, 2 vol. Lisboa, 1886 e 1887.

JOSÉ CALDAS

Historia de um fogo morto. Porto, 1904.

GASPAR DIAS DE LANDIM

In «Bibliotheca de classicos portuguezes»:
O Infante D. Pedro, 3 vol. Lisboa, 1893 e 1894.

João LOPES DE FARIA

In «Independente»:
Ephemerides vimaranenses (em publicação desde janeiro de 1904).

D. LUIZ Caetano de LIMA

Geographia historica de todos os estados soberanos da Europa, 2 vol. Lisboa, 1735 e 1736.

MANOEL BENTO DE SOUSA

In «O estabelecimento das Caldas da Felgueira»:
Apreciações medicas, carta do dr. M. B. de Sousa ao dr. Paes do Amaral.

FR. MANOEL DA ROCHA

Portugal renascido, Tratado Historico critico chronologico. Lisboa, MDCCXXX.

Francisco MARTINS SARMENTO

Os Argonautas. Porto, 1887.
Lusitanos, ligures e celtas. Porto, 1891-93.
Ora maritima, 1.ª ed. Porto, 1880; 2.ª ed. Porto, 1896.
In «Revista de Guimarães»:
Materias para a archeologia do concelho de Guimarães, vol. I, pag. 161; vol. II, pag. 189; vol. V, pag. 109; vol. XIII, pag. 5 e 149; vol. XV, pag. 91 e 152; vol. XVI, pag. 5.
In «Revista Scientifica»:
Os celtas na Lusitania, pag. 75, 128, 184, 294 e 359.

Antonio do NASCIMENTO LEITÃO

A bacia hydrographica d'Aveiro e a salubridade publica. Dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto, MCMVI.

FR. LUIZ DA NATIVIDADE

Divindade do filho de Deos hvmanado, etc., com hvma declamação sobre o pellote del Rey D. João o I de boa memoria intitvlada: Retrato de Portvgal castelhano. Lisboa, 1645.

NERY DELGADO e Paul CHOFFAT

Carta geologica de Portugal, 1899.

J. P. OLIVEIRA MARTINS

Portugal contemporaneo, 2 vol. 2.ª ed. Porto, 1883.

Vida de Nun'Alvares (historia do estabelecimento da dynastia de Aviz). Lisboa, MDCCCXCIII.

O Principe Perfeito. Lisboa, 1896.

PAULO DIAS DE NIZA (pseudonymo do oratoriano Luiz Cardoso)

Portugal sacro profano ou catalogo alfabetico de todas as freguezias dos Reinos de Portugal e Algarve, etc., 3 vol. 1757 a MDCCLVII.

Antonio Joaquim PEREIRA DA SILVA

A Pellagra, subsidio para o estudo da endemia pellagrosa em Portugal. Porto, MCMV.

A. S. d'A. B. de PINHO LEAL e PEDRO AUGUSTO FERREIRA

Portugal antigo e moderno, 12 vol. Lisboa, 1874 a 1890.

RAMALHO ORTIGÃO

As Farpas, 2.ª ed. 11 vol. Lisboa, 1889 e 1890.

L. A. REBELLO DA SILVA

Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII, 5 vol. MDCCCLX a MDCCCLXXI.

Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal desde a fundação da monarchia até 1865. Parte I (de 1097 a 1640). Lisboa, 1868.

RICARDO JORGE

Demographia e hygiene da cidade do Porto. — I. Clima — população — mortalidade. Porto, 1899.

D. Antonio Caetano de SOUSA

Historia genealogica da Casa Real portuguesa, desde a sua origem até o presente, 20 vol. Lisboa occidental, MDCCXXXV a MDCCXLIX.

STRABO

Geographika, 2 vol. Parisiis, MDCCCLIII e MDCCCLVIII.

Geographie, traduction nouvelle par Amédée Tardieu. 2 vol. Paris, 1867 e 1873.

THADEU LUIZ Antonio Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões

Guimarães agradecido, applauso metrico, etc., dado á luz por ... 2 vol. Coimbra, 1747 e 1749.

THEOPHILO BRAGA

Gil Vicente e as origens do theatro nacional. Porto, 1898.

TORQUATO PEIXOTO d'Azevedo

Memorias resuscitadas da antiga Guimarães em 1692. Porto, 1845.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de VITERBO

Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antiguamente se usarão e que hoje regularmente se ignorão, 2 vol. Lisboa, MDCCXCIX.

Annuario estatistico de Portugal

Anno de 1875. Lisboa, 1877.
Anno de 1884. Lisboa, MDCCCCLXXXVI.
Anno de 1885. Lisboa, MDCCCLXXXVII.
Anno de 1886. Lisboa, MDCCCXC.
Anno de 1892. Lisboa, 1899.

Censo da população do reino de Portugal

No 1.º de janeiro de 1864. Lisboa, 1868.
No 1.º de janeiro de 1879. Lisboa, 1881.
No 1.º de dezembro de 1890, 3 vol. Lisboa, 1896 a 1900.
No 1.º de dezembro de 1900, 2 vol. Lisboa, 1905 a 1906.

Relatorio acerca da arborisação geral do paiz

Lisboa, 1868.

Portvgaliæ Monvmenta Historica a sæculo octavo post Christvm vsqve ad qvintvmdecimvm, ivssv Academiæ Scientarvm Olisiponensis

Scriptores. Olisipone, MDCCCLVI.
Leges et consuetudines. Olisipone, MDCCCLVI.
Diplomata et chartæ. Olisipone, MDCCCLXVII.
Inquisitiones. Olisipone, MDCCCLXXXVIII.

MANUSCRIPTOS

Francisco Xavier de Serra CRAESBEAK

Memorias resuscitadas d'Entre Douro e Minho, ms. pertencente á Academia Real das Sciencias.

José PEREIRA LOPES

Diario inedito, desde 1819 a 1851, pertencente á familia do fallecido dr. José de Freitas Costa.

Memorial do que aconteceo a este reino de portugal des o Rei dom Sebastião 1.º deste nome e seu desbarate de africa

Ms. anonymo, pertencente ao sr. dr. Avelino Germano da Costa Freitas.

Justificação dos serviços de Francisco de Mesquita á causa de Philippe II

Ms. pertencente a um amigo do auctor.

Genealogia dos Valles

Ms. n.º 9670 da Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento.

Noticias genealogicas das illustres familias dos Malheiros Mesquitas e Brandões

Ms. n.º 6073 da Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento.

Archivo Nacional da Torre do Tombo

Documentos extrahidos de:

Chancellaria de D. Affonso III, liv. I.
Chancellaria de D. Diniz, liv. III.
Chancellaria de D. Fernando, liv. I e XVIII.
Chancellaria de D. João I, liv. I, II e III.
Chancellaria de D. Duarte, liv. I.
Chancellaria de D. Affonso V, liv. V, XIII, XXIII, XXVIII e XXXVI.
Chancellaria de D. João II, liv. XI.
Chancellaria de D. Manoel, liv. XXXI.
Alem Douro, liv. II e IV.
Corpo Chronologico. Parte 1.ª, maço 50, doc. 31.
Maço 3.º de Leis.
Acclamações e côrtes. Maço 10, n.º 3.
Livro do numero que se fez das cidades e vylas e loguares dantre doyro e mynho e moradores dellas e termos e assy com quem partem por carta de elrei Nosso Senhor.

Archivo da Camara Municipal de Guimarães

Livros das Vereações da Camara de Guimarães, desde 1531 a 1834, 42 vol. (Até 1531 não existem as actas das vereações, e mesmo depois d'essa epocha ha differentes lacunas, originadas pelo desapparecimento dos livros respectivos).

Livros do Registro da Camara de Guimarães, 32 vol.

Livro das Provisões ou da Pasta.

Livro do Registro das cartas a El-Rei.

Pergaminho avulso de D. Fernando, copiado na Torre do Tombo *(Chancellaria de D. Fernando).*

Archivo da Collegiada de Guimarães

Documentos extrahidos, entre outros, de:

Livro I dos Padroados.

Livro II das sentenças ecclesiasticas.

Livro das transacções e escambos.

Livro II dos testamentos.

Pergaminhos avulsos.

Archivo da Real Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Livro dos Estatutos antigos.

Cartorio de Pousada

Documentos communicados pelo sr. abbade de Tagilde.

Inventario de S. Francisco

Documento communicado pelo sr. abbade de Tagilde.

Proposições

Anatomia descriptiva

O utero é um orgão erectil.

Histologia

A concepção do lobulo biliar de Sabourin é preferivel, pelo menos até mais perfeitos estudos histologicos, á concepção classica do lobulo hepatico.

Physiologia

O pé da terceira circumvolução frontal esquerda não é, como o affirma a localisação classica de Broca, o *centro da memoria da articulação verbal*, nem a sua lesão produz, por si só, a aphasia motora.

Anatomia topographica

Não tem a mesma importancia o conhecimento topographico da região perineal nos dois sexos.

Pathologia geral

Se ha diatheses, a pellagra é uma diathese.

Materia medica

O atoxyl é, para a doença do somno, o que a quinina é para a malaria.

Anatomia pathologica

A anatomia pathologica é desfavoravel á theoria microbiana dos tumores.

Pathologia externa

A lua de mel, na producção das metrites, não deve carregar com responsabilidades que só pertencem á *gotta-militar*.

Pathologia interna

Os tumores do epiploon podem simular a symptomatologia da appendicite.

Hygiene

E' duvidoso que a desinfecção obrigatoria em casos de doenças transmissiveis tenha influencia favoravel na repressão d'essas doenças.

Operações

A scopo-morphinisação deve considerar-se julgada, e ser definitivamente abandonada como processo de anesthesia cirurgica.

Medicina legal

A nossa organisação medico-judiciaria é affrontosa do paiz e da dignidade profissional medica.

Partos

A' cephalotripsia deve sempre preferir-se a operação cesarea.

Visto.
Carlos de Lima,
Presidente.

Póde imprimir-se.
Moraes Caldas,
Director.

Erratas

As circumstancias em que foi feita pelo auctor a revisão d'este livro, não lhe permittindo a cuidadosa verificação das passagens allegadas, deixaram escapar, na citação de paginas, bastantes inexactidões que agora se corrigem.

Além das erratas mencionadas, outras haverá, talvez, que a attenção do leitor facilmente emendará.

		Onde se lê:	Leia-se:
Pag. 3	Linha 39	S. Martinho	S. Thiago
» 4	» 2	S. João das Caldas,	S. João e S. Miguel das Caldas,
» 35	» 2	feygiões.	feygioes.
» 38	» 19	*Diplomatœ*	*Diplomata*
» 50	Nota 1	pag. 286.	pag. 408 e segg.
» »	» 5	pag. 168.	pag. 119.
» 52	» 1	pag. 594.	pag. 294.
» »	» 4	(e nos mais pontos em que apparece) *Chorographia*	*Corographia*
» 53	Linha 21	pag. 30	pag. 39
» »	» 21	vol. XXIII	vol. XIII
» »	» 26	*Diplomatœ*	*Diplomata*
» 54	Nota 3	au tem	autem
» »	» 3	Vimaranes	Vimaranas
» »	» 4	pag. 224	pag. 214
» 55	» 2	enriquiz Placuit	enriquiz. Placuit
» 56	» 4	pag. 809,	pag. 8 e 9,
» 58	» 1	*Brachara.*	*Bragaa.*
» »	» 2	Guimarães, *Primeira*	Guimarães, *Livro I dos Padroados*, fl. 265 v.; *Primeira*
» 60	Linha 1	curtimento	cortimenta
» »	Nota 1	cap. XXXVI.	cap. XXXIV.
» 61	» 3	capitulo x que	capitulo x da 2.ª parte que
» »	» 3	pag. 223)	pag. 232)
» 64	Linha 16	D. Affonso III	D. João III
» »	Nota 1	livro dá	livro (pag. 46) dá
» »	» 4	«Livro do Numero, etc.	Corrija-se de harmonia com a nota 1, a pag. 94.
» 65	Linha 17	1079,	1049,
» »	Nota 1	(*Inquisitiones*, pag. 7).	(*Inquisitiones*, pag. 714).
» »	» 4	pag. 8	pag. 71
» 68	» 9	cap. XVIII;	cap. XVII;
» 74	» 2	Coll.	Cam.

			Onde se lê:	Leia-se:
Pag.	75	Nota 1	fl. 51.	fl. 180 v.
»	76	» 3	pag. 126.	pag. 338.
»	81	» 2	fls. 74 a 77.	fls. 14 a 17.
»	»	» 5	Carvalho (pag. 93)	Carvalho (vol. I, pag. 93)
»	82	» 4	*Livro V das Ver.*, fls. 153, 159 v. e 160. — *Livro VIII das Ver.*, fl. 203.	*Livro VIII das Ver.*, fls. 153, 159 v., 160 e 203.
»	87	» 2	*Livro V*	*Livro VI*
»	88	» 4	fl. 189.	fl. 192.
»	»	» 5	fl. 188.	fl. 195.
»	90	» 4	insulsissima *Guimarães agradecida.*	insulsissima composição, *Guimarães agradecido.*
»	»	» 5	*Livro XXXIII*	*Livro XXXVI*
»	91	» 3	pag. 36.	pag. 194.
»	92	» 1	pag. 130.	pag. 264.
»	111	Linha 2	centinuaram	continuaram
»	112	Nota 1	pag. 258.	pag, 306.
»	128	» 1	pag. 2.	pag. 16.
»	129	Linha 11	dezenas de milhares.	dezenas de milhar.
»	146	Quadro LXXXIII	falta-lhe: Doenças por causas indeterminadas: varões 5, femeas 6; total 11.	
»	»	» »	Total 383	Total 394
»	148	» LXXXV	Total 37 | 37	Total 36 | 38
»	163	Nota 1	pag. 57.	pag. 47.
»	170	Linha 3	(Quadro CV)	(Quadro CVI)
»	»	» 4	(Quadro CVI)	(Quadro CVII)
»	»	» 15	(Quadro CVII)	(Quadro CVIII)
»	173	» 5	da incompetencia	de incompetencia
»	»	» 9	fatalidade não	fatalidade, não

Nota. — Já depois de impresso este trabalho, o auctor deu publicidade a alguns trechos d'elle. A proposito de uma passagem da pagina 78, que diz: «*Infelizmente, nenhum dos primitivos estatutos destas corporações chegou até nós. E dos reformados, apenas sabemos existirem o dos ourives e o dos çapateiros, um do fim do seculo XVIII e o outro do começo do seculo XIX*», o sr. João Lopes de Faria advertiu o auctor de que outros estatutos de corporações de officios se encontravam nos *Livros do Registro da Camara de Guimarães*. Effectivamente, percorrendo de novo esses livros, com mais cuidado, não só appareceram aquelles para que lhe era chamada a attenção — os dos *sirgueiros*, a fls. 210-220 do *Livro IX*, os dos *cutileiros e bainheiros*, a fls. 98-102 do *Livro IX*, — como ainda o dos *carpinteiros, ensambladores* e *violeiros*, a fl. 123 v. do *Livro XXI*.